

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

NATÁLIA CONCEIÇÃO SILVA BARROS

**AS MULHERES NA ESCRITA DOS HOMENS:
REPRESENTAÇÕES DE CORPO E GÊNERO NA
IMPREENSA DO RECIFE NOS ANOS VINTE.**

Recife, 2007

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História
Mestrado em História

**AS MULHERES NA ESCRITA DOS HOMENS:
REPRESENTAÇÕES DE CORPO E GÊNERO NA
IMPREENSA DO RECIFE NOS ANOS VINTE.**

Natália Conceição Silva Barros

Orientador: Professor Dr. Antonio Paulo Rezende

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História da
Universidade Federal de Pernambuco
como requisito parcial para obtenção do
grau de Mestre em História.

Recife, fevereiro de 2007.

Barros, Natália Conceição Silva

**As mulheres na escrita dos homens: representações de corpo e gênero na imprensa do Recife nos anos vinte. – Recife: O Autor, 2007.
155 folhas: il., fotos, fig.**

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História. Recife, 2007.

Inclui bibliografia

1. Gênero. 2. Mulheres. 3. Práticas cotidianas. 4. Discursos - Imprensa – Recife (PE) – Anos 20. 5. Representações sociais. 6. Práticas de nomeação – História. I. Título.

**396
301**

**CDU (2.
ed.)
CDD (22. ed.)**

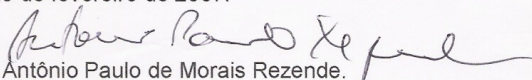
**UFPE
BCFCH2007/68**

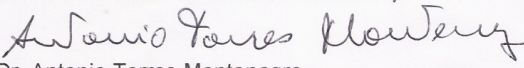


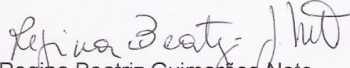
**ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA NATÁLIA CONCEIÇÃO
SILVA BARROS.**

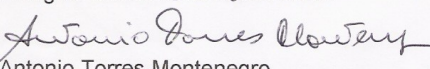
Às 09:00 h do dia 28 (vinte e oito) de fevereiro de 2007 (dois mil e sete), no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pela aluna **Natália Conceição Silva Barros**, intitulada "**As mulheres na escrita dos homens: representação de corpo e gênero na imprensa do Recife dos anos vinte**", em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder a mesma o conceito "**APROVADA COM DISTINÇÃO**" em resultado à atribuição dos conceitos dos professores: Prof. Dr. Antônio Paulo de Moraes Rezende (orientador), Prof. Dr. Antonio Torres Montenegro e Profª. Drª. Regina Beatriz Guimarães Neto. Assinam, também, a presente ata o Coordenador, Prof. Dr. Antônio Torres Montenegro e a Secretária do Deptº de História, Rogéria Feitosa de Sá, para os devidos efeitos legais.

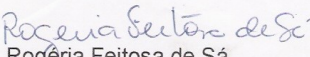
Recife, 28 de fevereiro de 2007.


Prof. Dr. Antônio Paulo de Moraes Rezende.


Prof. Dr. Antonio Torres Montenegro.


Profª. Drª. Regina Beatriz Guimarães Neto.


Prof. Dr. Antonio Torres Montenegro.


Rogéria Feitosa de Sá.

Dedico aos homens e mulheres que iluminam minha vida:

Ao meu pai, Jurandir de Barros, por acreditar sempre.

Ao companheiro, Alexandre Valdevino, pela força e compreensão.

A minha mãe, Rita Josefa, por todo amor.

A minha avó, Nininha, in memória, por me mostrar muitas das possibilidades do feminino.

Agradecimentos

Agradeço a CAPES, pela bolsa concedida, a PROPESQ - UFPE e ao PPGH por terem concedido auxílio para desenvolver a pesquisa e participar de eventos acadêmicos durante estes dois anos. Sou grata aos meus professores e professoras da graduação em História da UFPE pelo incentivo constante. Agradeço de forma muito especial e carinhosa aos professores da Pós-Graduação por mostrarem e ensinarem outras histórias. À professora Regina Beatriz e aos professores Durval Muniz e Antonio Montenegro, meu muito obrigado pelo compromisso e exemplos de rigor e paixão pelo ofício. Muito obrigada aos professores Carlos Miranda e Marc Hoffnagell, pelo incentivo à carreira acadêmica e pelo carinho desde os anos iniciais da graduação. À professora Christine Dabat, sou grata pelos livros, quando precisei, pela disposição para o diálogo sobre o tema e por me despertar para a presença feminina na história, pois, talvez se eu não tive conhecido Elianor de Aquitânia os rumos de minhas histórias fossem outros. Para além da UFPE sou muito grata ao professor Iranilson Buriti, da UFRN e as professoras Denise Bernuzzi Sant'Anna da PUC-SP e Marcia Castillo da Universidade de Valencia/ Espanha, pela generosidade de lerem partes deste texto e pelos artigos e livros indicados e presenteados.

De forma muito especial sou grata à professora Maria de Fátima Guimarães, por ter conduzido com seriedade e competência o Grupo de Estudo Gênero & História e contribuído na minha formação, despertando o gosto pela pesquisa, pela teoria e pelo compromisso político.

Com meu orientador Antonio Paulo Rezende, aprendi muito mais do que essas páginas possam revelar. A ele agradeço a confiança, o respeito e o compromisso com minha formação enquanto pesquisadora iniciante. Agradeço também nossas muitas conversas e a certeza de que o saber pode ser construído com sabores e afetos.

Sou grata a todos os funcionários e funcionárias das instituições onde fiz pesquisas, pois, apesar de trabalharem em condições muitas vezes precárias, sempre foram muito prestativos e cordiais comigo, fazendo o possível para que encontrasse as fontes que procurava. Agradeço também a Marta, Carmem e Aluizio, funcionários da Pós em História, pela competência e gentileza.

Agradeço de forma especial a Cristóvão Cadiz, aluno da graduação em História que foi minhas mãos e olhos durante uma parte da pesquisa, transcrevendo parte da documentação utilizada nesse trabalho. Seu compromisso, seriedade e sensibilidade para o tema foram surpreendentes e enriqueceram muito este trabalho. Grata também ao professor Edson Silva, pelo apoio logístico, sem sua máquina digital esse trabalho seria bem menos ilustrado. A ele também agradeço os livros e as acirradas provocações e debates sobre história cultural e social. À Jordana Leão agradeço a generosidade em presentear-me com

muitos exemplares do Diário de Pernambuco. À professora Luiza Nóbrega, do Departamento de Comunicação da UFPE, pelos textos e pelo interesse no debate.

Embora tenha precisado ficar, em alguns momentos, sozinha, durante a elaboração desse trabalho, em nenhum momento me senti solitária, pois, os amigos, os professores e os colegas do mestrado e do doutorado estavam sempre muito próximos, solícitos e acessíveis. Foram dois anos muito agitados, cheios de desafios e conquistas e sei que sem as pessoas que de uma forma ou de outra me ajudaram teria sido muito menos prazeroso do que foi. Com as colegas do mestrado, foram leituras, estudos, pesquisas, mas também muitas risadas, apoio, e rápidas, mas eficientes, terapias de grupo. Foi um período de muitas descobertas e foi muito bom poder compartilhá-las com pessoas especiais, nem sempre acadêmicas, mas interessadas no debate e interessadas em ficarem perto de mim, com carinho e apoio. Não posso nomear todas e tenho medo de esquecer alguém, mas agradeço a todos e a todas citando apenas alguns: Marluce Vasconcelos, Cristiana Tejo, Gabriela da Paz, Rita Sant'Anna, Andréa Bonfim, Andréa Bandeira, Sebastião José, Ivan Gonçalves, Ana Cândida Duarte, Edmundo e Ana Luzia.

À Sandra Lopes, pela amizade, pelo apoio, pela generosidade e disponibilidade para as conversas, leituras e debates e, sobretudo, por Antonio, que veio para alegrar nossas vidas. Aos meus pais, Rita e Jurandir por serem pacientes com as ausências nas muitas comemorações e por entenderem o amor e envolvimento que tenho pelo que faço.

Na reta final da dissertação Eduardo, Leocádia, Ana Cândida e Daniela, estagiários do Colégio de Aplicação, contribuíram muito cuidando dos meus alunos com competência e compromisso, entendendo perfeitamente meu jogo de cintura para orientá-los, lecionar e cuidar da escrita. Meus amigos Cristina Almeida, Adriana Rosa e Suzano Guimarães professores do CAP-UFPE também foram presentes, carinhosos e compreensivos, mesmo diante dos meus seguidos não para qualquer coisa. Aproveito e agradeço a todos os colegas da área de Estudos Sociais, especialmente Edna e Érica, pelo interesse e apoio.

Agradeço aos meus/minhas alunos/as do Colégio de Aplicação pela força, pelo interesse e tolerância mesmo quando me empolgo *com “esse negócio de representação e feminismo”*.

Ao meu companheiro, Alexandre Valdevino, agradeço o apoio, a tolerância e a disposição para o debate. Seus gestos de amor, sua confiança e seu bom humor foram fundamentais para mantermos o equilíbrio e tornarmos tudo tão agradável e com sabor de conquistas e novos desafios.

*Quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.
(Ítalo Calvino).*

Resumo

Como as revistas e jornais dos anos 1920, no Recife, realizaram a construção de um “mundo feminino” e de um “mundo masculino” considerados como “naturais” aos olhos dos contemporâneos e mesmo dos historiadores e historiadoras? Esta é a questão norteadora desta pesquisa. Os embates empreendidos na definição dos gêneros, o papel fundamental da imprensa, do cinema e da publicidade na construção de representações sociais de homens e mulheres são analisados nesta dissertação. Trabalhamos com os discursos divulgados pela imprensa, mas, também com descrições da vida urbana trazidas por memorialistas e cronistas que nos falam de muitas práticas cotidianas. A imprensa nesse período tem uma grande relevância na organização da cidade, apontando espaços para cada um dos gêneros e nomeando-os segundo o comportamento desempenhado por homens e mulheres. Controlará imagens e discurso e até desejos e ações. Tendo isto em vista, perseguimos as práticas femininas e masculinas que mobilizaram a imprensa do período. Também investigamos a cultura corporal exigida de cada gênero no Recife e os horizontes morais e sociais prescritos. A proposta então deste estudo foi contribuir para uma história das práticas de nomeação, problematizando a imprensa como uma prática cultural geradora de uma multiplicidade de representações, de nomeações e percepções do mundo e também provocadora de ações nos sujeitos envolvidos. Pois entendemos que nomear os sujeitos e o mundo é, sobretudo, instituir hierarquias e delimitações sociais.

Palavras-chaves: Imprensa, Gênero e Representação.

Abstract

How did the 1920's magazines and newspapers from Recife build a "feminine world" and a "masculine world" considered as "natural" by the contemporary people's eyes and even by historians' eyes? The collision in gender definition, the fundamental part of press, cinema and publicity in the social representation for men and women construction are analysed in this dissertation. We worked with the discourses publicized by the press but also with the urban life descriptions brought by memorialists and chronicists that tell us about several daily practices. The press in this period has a great relevance in city organization, pointing spaces to each one of the genders and naming them according to the behavior shown by men and women. It will control images and speeches and even desires and actions. Having it in view, we persecuted feminine and masculine practices that have mobilized the press of the period. We also investigate the corporal culture demanded of each gender in Recife and the moral and social horizons prescribed. The proposal of this study is to contribute to a history of nominating practices, putting in doubt the press as a cultural practice that creates a multiplicity of representations, nominations and perceptions of the world and also provoking actions in the involved subjects. We understand that nominating the subjects and the world is, above all, to institute social hierarchies and delimitations.

Keywords: Press, Gender, Representation.

Índice das Imagens

IMAGEM 1. MADEMOISELLE JULIETTE BRILLE.....	53
IMAGEM 2. BANHISTAS ANÔNIMAS CLICADAS POR UMA KODAK.....	54
IMAGEM 3. BANHISTA ANÔNIMA. ALEGRE, PULANDO NAS ÁGUAS.....	55
IMAGEM 4. UM GRUPO ENCANTADOR DE FORMOSAS BANHISTAS.....	55
IMAGEM 5. A EXALTADA TERNURA FEMININA.	58
IMAGEM 6. A PECADORA.....	59
IMAGEM 7. “A VÊNUS AMERICANA”.	61
IMAGEM 8. GRETA NISSEN, A VÊNUS NORUEGUESA.	63
IMAGEM 9. GLORIA SWANSON.	63
IMAGEM 10. “CIÚMES DA ESPOSA HONESTA”,	84
IMAGEM 11. “A ESTÉTICA DA MULHER MODERNA”	88
IMAGEM 12. ARTIGOS MASCULINOS. DETALHE DE PROPAGANDA	98
IMAGEM 13. UM HOMEM MODERNO.	98
IMAGEM 14. CYGANA E MIMOSA.....	117
IMAGEM 15. O CORPO NEGRO E VELHO.....	122
IMAGEM 16. O CORPO GORDO.....	122
IMAGEM 17. SENHORITAS E RAPAZES DIVIDINDO O ESPAÇO PÚBLICO E EXIBINDO.....	125
IMAGEM 18. CORPOS E DESEJOS RODOPIANDO.	135

Sumário

<u>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</u>	<u>13</u>
<u>PERCURSOS INICIAIS: AGUÇANDO O OLHAR HISTORIADOR.....</u>	<u>13</u>
<u>TRAÇANDO CAMINHOS: FONTES E CAPÍTULOS</u>	<u>26</u>
<u>CAPÍTULO I: PRÁTICAS FEMININAS E DESLOCAMENTOS DOS ESPAÇOS DOS GÊNEROS.....</u>	<u>28</u>
<u>1.1 A CIDADE E AS MULHERES NA ESCRITA DOS HOMENS</u>	<u>33</u>
<u>1.2 OS ARRISCADOS VÔOS DA VIDA: FRAGMENTOS DE PRÁTICAS FEMININAS</u>	<u>51</u>
<u>CAPÍTULO II: MELINDROSAS E ALMOFADINHAS: IMPRENSA E REPRESENTAÇÕES DOS GÊNEROS.....</u>	<u>72</u>
<u>2.1 A IMPRENSA DO RECIFE NO JOGO DAS IDENTIDADES</u>	<u>75</u>
<u>2.2. APRISIONANDO O MASCULINO</u>	<u>97</u>
<u>CAPÍTULO III: A CULTURA DA BELEZA: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DE EMBELEZAMENTO FEMININO.....</u>	<u>106</u>
<u>3.1 O CORPO DA MODA.....</u>	<u>111</u>
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</u>	<u>138</u>
<u>FONTES E BIBLIOGRAFIA.....</u>	<u>143</u>
<u>1. INSTITUIÇÕES DE PESQUISA:.....</u>	<u>144</u>
<u>2. FONTES PRIMÁRIAS.....</u>	<u>144</u>
<u>2.1 REVISTAS.....</u>	<u>144</u>
<u>2. 2. JORNAIS.....</u>	<u>144</u>
<u>2.3. MEMÓRIAS E OBRAS LITERÁRIAS:</u>	<u>144</u>
<u>2. 4. TESE MÉDICA:.....</u>	<u>145</u>
<u>3. LIVROS, ARTIGOS, DISSERTAÇÕES E TESES:</u>	<u>145</u>

Considerações Iniciais

Percursos iniciais: aguçando o olhar historiador

Ainda na graduação, no Grupo de Estudo “Gênero & História”, com encontros, leituras e debates sobre história das mulheres e relações de gênero no passado e na contemporaneidade, comecei a entender que a Historiografia não era de forma nenhuma um lugar neutro, mas, antes, um espaço de disputas teóricas e políticas. Esta percepção foi aguçada durante o percurso do Mestrado. Entendi que as narrativas dos historiadores e historiadoras descrevem não apenas seu objeto de análise, mas insinuem seus interesses institucionais, suas visões de mundo, seu entendimento das relações sociais, sendo, portanto, repletas de significados, de poder, no sentido mais amplo que esta palavra possa ter¹.

Assim, o que ora apresento nestas páginas é fruto de insatisfações com a maneira naturalizante, cheia de oposições com que homens e mulheres são representados na mídia e em grande parte da historiografia. Interessante foi perceber que se entendermos que os lugares que ocupamos no mundo são provisórios e construídos dentro de relações sociais, a desnaturalização não só do feminino e do masculino, mas de tudo o mais que se encontra no sublunar tornar-se-á um empreendimento mais profícuo e a história ganhará mais dinamismo, movimento, pois nossos trabalhos, no lugar de definir lugares e papéis sociais, se encarregarão de puxar os fios e mostrar como as tramas são construídas, como os projetos e os desejos são mobilizados para dar materialidade a determinados conceitos.

A imprensa, a publicidade - com seus discursos e imagens - e o cinema, dentre muitas outras possibilidades, podem ser tomados como práticas culturais, geradoras de representações, de significado sobre o masculino e o feminino. Práticas que concorrem para a educação de nosso olhar e de nossa percepção de mundo. Portanto, investigá-las procurando conferir-lhes historicidade, tentando

¹ Esta percepção da operação historiográfica como ação política, imbuída de questões do presente e de anseios institucionais foi aguçada após a leitura de Michel de Certeau. “A operação historiográfica”. In: *A escrita da História*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 65-119.

perceber como seus discursos são postos em funcionamento é tarefa dos historiadores e historiadoras preocupados em construir uma história genealógica, não linear.²

Na contemporaneidade homens e mulheres são ditos e representados visual e textualmente de maneira diferente da que foram no início do século XX, demonstrando-nos a existência de singularidades, de peculiaridades na produção dos gêneros. Dessa forma, conferir historicidade ao que se diz sobre homens e mulheres - cartografando os discursos e as imagens cotidianamente divulgados através das revistas e jornais que legitimaram diferenciações entre os gêneros na década de 1920 no Recife - é o enredo central desta dissertação. Não é uma busca de origens, mas o desejo de entender a historicidade das práticas de nomeação, ou seja, de analisar a prática discursiva da imprensa, como produtora e reprodutora de ordenamentos e divisões sociais.

O tempo presente está no cerne de minhas discussões sobre este tema. São motivações políticas, no sentido que, ao investigarmos os mecanismos de poder que foram instituindo as diferenciações entre o masculino e o feminino, medimos as distâncias com as práticas presentes e entendemos, como afirma Michel Serres, que “Tudo muda, mas nada muda. Nada muda, mas tudo muda”³, percebendo então com a história que nem tudo que é contemporâneo é atual e, portanto, deve ser alvo de análise. Ou seja, ecoam discursos e imagens hoje ainda naturalizantes do masculino e do feminino, porém são colocados agora em outros campos de concorrência e são apropriados de formas diversas daquelas dos anos vinte. Por outro lado, este entendimento delinea também o terreno movediço com o qual lidamos, acentua o esforço que empreendemos para ressaltar o movimento e a

² Podemos pensar esta história genealógica como uma história daquilo que os homens chamaram de verdades e de suas lutas em torno dessas verdades. A genealogia se ocupa de narrar as práticas, ou seja, aquilo que as pessoas fazem, consiste em compreender que as coisas não passam das objetivações determinadas, construídas em situações e interesses labirínticos. Sobre esta discussão consultar: FOUCAULT, Michel. “A Poeira e a Nuvem”. In: *Ditos & Escritos*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 323-334; FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a História”. In: *Microfísica do Poder*. 20 ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2004. p. 15-38; VEYNE, Paul. *Foucault Revolucionaria a História*. 4 ed. Brasília. Ed. Universidade de Brasília, 1998.

³ Compreendo que a discussão central trazida por Serres é a da fusão de mundos e de temporalidades. A impossibilidade de definirmos o que é contemporâneo e o que antigo, já que nossas práticas cotidianas estão permeadas de ações, produzidas, pensadas em diferentes momentos. Quando discutimos questões relacionadas ao feminino temos a impressão que práticas passadas de nomeação e representação persistem com força, impossibilitando o movimento de transformação trazido pelo tempo, pela história. Assim, a leitura deste filósofo foi significativa para nos desarmarmos frente ao passado e termos cautela na hora de aproximar passado e presente. SERRES, Michel. *Atlas*. Lisboa: Instituto Piaget. 1994. p. 16.

complexidade da história, procurando descrever as práticas passadas evitando conceituações e/ou julgamentos aprioristicamente.

Os embates empreendidos na definição dos gêneros, o papel fundamental da imprensa, do cinema e da publicidade na construção de representações sociais de homens e mulheres serão problematizados nas próximas páginas. O interesse foi focalizar as disputas de projetos e de desejos, que operaram através de práticas e de discursos no sentido de instituir certo “ser homem” e “ser mulher” no período abordado. Metodologicamente, neste estudo, trabalhamos com os discursos divulgados pela imprensa – artigos, notícias e publicidade, de caráter prescritivo e instituidores dos gêneros, mas também com descrições da vida urbana trazidas pela imprensa e com memórias, sobretudo masculinas, que nos falam das práticas cotidianas. Ainda é importante destacar que o termo prática discursiva é utilizado para designar exatamente *aquilo que foi dito* por homens e mulheres deste período.⁴

Segundo Roger Chartier, as representações são matrizes de discursos e de práticas diferenciadas, que têm por objetivo a construção do mundo social. Assim, investigá-las supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrência e de competições, dentro de relações de poder.⁵ Portanto, a escolha das descrições da imprensa, do cinema e da publicidade ocorre, principalmente, por entendê-las como produtoras de múltiplas representações e práticas e como articuladas entre si, aspirando à universalidade daquilo que projetam nas páginas e nas telas, fortalecendo e unificando entendimentos sobre os gêneros, fragmentariamente presentes no social. Pensamos ainda estas narrativas como um conjunto de palavras que usamos para significar, nomear, instituir espacialidades e relações sociais que, sem dúvida, descrevem, mas toda descrição é um ato culturalmente criador.⁶ Narrativas que produzem alterações sociais, pois, emitem signos e produzem significados.

Analisaremos representações de homens e mulheres produzidos na década de vinte, na cidade do Recife, capital de Pernambuco. Tempo e espaço, como veremos, produzidos pelos contemporâneos em grande oposição ao século XIX. Sentimentos ambíguos em relação à cidade e a algumas mudanças no cotidiano

⁴ Cf. FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. Vol. 1: a vontade de saber. 16 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005. p. 95.

⁵ Cf. CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2 ed. Lisboa: Difel: Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

⁶ Sobre o poder de criação dos relatos utilizamos, sobretudo, as contribuições de Michel de Certeau. *A Invenção do Cotidiano*. Vol. 1. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 199-246.

eram projetados nas páginas da imprensa. Muitos não se acostumavam com o ritmo das transformações, como o jovem Gilberto Freyre; outros se assustavam com o desaparecimento dos carros de bois, como Mario Sette, e alguns, pelo contrário, vibravam com as reformas urbanas e com a chegada das maravilhas do século XX, como o automóvel e o telefone. O fato é que as reformas urbanas, os médicos preocupados com a higiene e a saúde, os cinemas, a velocidade dos automóveis e as mulheres ocupando espaços e cargos públicos, começavam a compor a paisagem cotidiana do Recife. Para muitos emergiam relações sociais modernas, num *Recife Moderno*.

Ocorre que no Recife, desde a transição do século XIX para o XX, são de uma extraordinária riqueza e variedade os contornos que vieram a ganhar as demandas por ser moderno. A modernidade impunha desde a necessidade de se ter um porto modernamente aparelhado e ampliado nas suas dimensões, de se dispor de uma rede de esgotos sanitários e fornecimento de água encanada, de se poder trafegar por ruas largas, calçadas e iluminadas, até o desejo de se mostrar elegante, ou freqüentar os cinemas e, mais tarde reunidos nos cafés e confeitarias, comentar sobre a admirável interpretação dos atores ou sobre a extraordinária produção em cartaz.⁷ Entretanto, para o professor Flávio Teixeira, a cidade que finalmente desponta na segunda metade dos anos 20 compunha, com certeza, um cenário adequado aos padrões modernos. Isto porque nela transitava um número crescente de automóveis, a uma velocidade também crescente, seus homens e mulheres elegantes poderiam vestir-se segundo a última moda inglesa e francesa com uma desconcertante facilidade, podiam ir ainda assistir admirados à chegada de aventureiros voadores a cruzar o oceano e, ainda, assistir e produzir filmes ou nas horas de lazer – coisa rara ainda - ouvir a Rádio Club.⁸

Tudo isso despertou o interesse dos que vivenciavam aquele período nomeado como “tempos modernos”, fazendo-os expressarem nas diversas revistas e jornais da época o que pensavam sobre todas as mudanças que estavam ocorrendo no ritmo de seu cotidiano e também de como as experienciavam. Tempos modernos, anos loucos, novos tempos são conceituações que pululam – termos que compõem discursos produtores de imagens e signos -, formas que expressam a busca dos contemporâneos por um nome para definir o período vivido. Porém, os

⁷ Sobre a modernidade nas cidades e o desejo de ser moderno, consultar TEIXEIRA, Flávio W. *As cidades enquanto palco da modernidade: O Recife de princípios de século*. Recife: UFPE. 1994. Mestrado em História.

⁸ Cf. TEIXEIRA, Flávio W. Op.cit. p. 62.

homens e mulheres nunca sabem o nome do tempo em que vivem, alerta-nos Otávio Paz.⁹ Parece que sim, embora haja uma busca, uma necessidade, até mesmo uma angústia para classificar um determinado período. Nos anos vinte não foi diferente. Havia um jogo de conceituações: mulher moderna, roupas modernas, homem moderno, cabelo moderno, etc. O vocábulo moderno emerge como símbolo do novo, como demarcação entre tradição e renovação. Algumas vezes surge pleno de positividade e em outras, exatamente o inverso.¹⁰ Em um estudo mais amplo sobre aspectos da modernidade no Recife, Antônio Paulo Rezende destaca que a década de vinte do século passado foi um dos momentos históricos significativos da tensão entre projetos e valores sobre a cidade e seu cotidiano, uma tensão entre “o moderno e o tradicional”. *A cidade tornara-se o cenário de encenações inesperadas e surpreendentes.*¹¹ É necessário pensar a modernidade, como um projeto definido e vivenciado de forma diferente pelos grupos humanos, mas que, de um modo geral, traz impactos na configuração urbana, nas sociabilidades e na valorização dos objetos como símbolo de status social. Segundo este autor, com a modernidade *as regras são quebradas, não apenas na formação dos mercados, no mundo das transações econômicas, mas no que também não possui uma concretude material.*¹²

Por isso, nas cidades, símbolos da modernidade, percebemos que a convivência entre os valores ditos modernos e os chamados tradicionais não foi exclusividade da política e da economia, a imprensa do período abordado evidenciou o conflito entre esses posicionamentos, principalmente nas discussões sobre as mudanças nas condutas femininas. Diante da variedade de questionamentos, experiências e linguagens tão novas que as cidades passaram a sintetizar, intelectuais de ambos os sexos elegeram como os legítimos responsáveis pela suposta corrosão da ordem social a quebra de costumes, a inovação nas rotinas das mulheres e, principalmente, as modificações nas relações entre homens e mulheres.

⁹ PAZ, Octavio. *A outra voz*. São Paulo: Editora Siciliano, 1993. p. 54.

¹⁰ Para Milton Lahuerta, a emergência da idéia de moderno significando ruptura deve ser compreendida levando-se em conta a virada do primeiro pós-guerra que foi internacional, abrindo brechas em todos os sistemas culturais com indícios de saturação. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização. In: DE LOREZO, Helena Carvalho; COSTA, Wilma Peres da. (Orgs.) *A década de 1920 e as origens do Brasil Moderno*. São Paulo: UNESP, 1997. p. 94.

¹¹ REZENDE, Antônio Paulo. *(Des) Encantos Modernos: Histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: Fundarpe, 1999. p.26

¹² REZENDE, Antônio Paulo. *Cidade e Modernidade: registros históricos do amor e da solidão no Recife dos anos 1930*. Recife, 2006. p. 12. (Texto inédito, ainda não publicado).

No Diário de Pernambuco e nas revistas ilustradas, a exemplo d’Pilhéria, identificamos e analisamos uma retórica construtora de uma idéia de crise entre os gêneros e de quebra de fronteiras entre homens e mulheres. No nosso entender, foram discursos astutamente mobilizados visando, sobretudo, conter os poucos deslocamentos de práticas e de subjetividades de gênero que começavam a se delinear na década aqui abordada. Retórica que taticamente recorria a metáforas ligadas a perda de espaço político das elites agrárias no mundo urbano emergente, levando historiadores a estabelecerem uma relação direta entre as duas supostas crises, a do mundo rural e a do mundo masculino.¹³ Aqui é importante destacar que esta dissertação trabalhará com a idéia de deslocamentos e não propriamente com o conceito de crise, entendendo que aceitar o conceito de crise seria acatar os argumentos mobilizados na imprensa dos anos vinte, os quais objetivavam conter muitas das tentativas de se viver o gênero de uma forma mais plural.

A imprensa nesse período tem uma grande relevância na organização da cidade, apontando espaços para cada um dos gêneros e nomeando-os segundo o comportamento desempenhado por alguns homens e algumas mulheres. Controlará imagens e discurso e até desejos e ações. A imprensa surge como um grande mecanismo de controle, imiscuindo-se na vida de homens e mulheres na cidade, socializando sentimentos e ações anteriormente considerados privados. Tendo isto em vista, perseguimos as práticas femininas e masculinas que mobilizaram a imprensa do período. Também investigamos que cultura corporal foi exigida do feminino e do masculino no Recife, quais horizontes morais e sociais foram prescritos. Deste modo, gostaria de salientar que uma das razões de ser desta pesquisa foi, nas tantas vezes investigada cidade dos anos vinte, introduzir um outro olhar, levando em conta as diferenciações de gênero na experiência do espaço urbano e a mobilização da imprensa na representação destas experiências.

Maria Fernanda Bicalho observa que na transição do século XIX para o século XX, a inserção do Brasil na por ela denominada “era capitalista” gerou profundas transformações nas esferas econômica e política e também no plano social, colocando a mulher cada vez mais em contato com a esfera pública, como consumidora de bens materiais e culturais que lhe haviam sido até então inacessíveis. Para ela, a rápida urbanização de alguns centros expressivos no

¹³ Esta ligação entre perda de espaço político rural e de mando masculino é feita pelo professor Durval Muniz de Albuquerque Jr. *Nordestino: a invenção do falo* - uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Ed. Catavento, 2003.

intercâmbio econômico e político do Brasil com o exterior, permitiu às mulheres escaparem do confinamento físico e mental a que se viam obrigadas, restritas ao universo doméstico.¹⁴ Importante é acentuar que esse contato com o exterior, principalmente através do consumo de bens culturais como imprensa e literatura, cinema, etc., transformou não apenas as condições materiais de sua existência, mas fez com que desenvolvessem novos ideais e novas aspirações. Ideais e aspirações, como veremos, duramente criticados e sutilmente distorcidos por aqueles que entediavam o feminino como sinônimo de mãe, esposa e dona-de-casa.

Passeando pelas ruas do Recife nos anos 1920, pegando o bonde, indo ao cinema, fazendo compras, lendo os jornais e revistas, era quase impossível esquecer o que se esperava do comportamento de homens e mulheres. Portanto, o roteiro principal desta nossa construção do passado foi perceber como as práticas culturais são importantes não só como divulgadoras de modelos do masculino e do feminino, mas, como também são instituidoras destas subjetividades. Nas descrições do “footing” e do “flirt” na Rua Nova¹⁵, dos passeios de automóveis e dos debates em torno do voto e do divórcio percebemos como pululavam as várias estratégias de diferenciar valorativamente homens e mulheres. Ainda é importante apontar que neste trabalho a subjetividade não é tomada como algo a ser preenchido, insinuando a passividade dos sujeitos, mas, pelo contrário, é tida como uma produção difusa e incessante, em idas e vindas, em um vaivém dentro e fora dos sujeitos.¹⁶

As relações étnicas e sociais também são levadas em consideração neste estudo. Isto porque homens e mulheres não devem ser vistos como categorias estanques, a-históricas, mas sim como projetos em movimento, inseridos em redes sociais que concorrerão na maneira de perceberem-se e de relacionarem-se com o mundo. Nesta dissertação não discutiremos diretamente como nas camadas populares os lugares do feminino e do masculino foram definidos, mas, de todo

¹⁴ BICALHO, Maria Fernanda. “O Bello Sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX início do XX”. In: BRUSCHINI, Cristina e COSTA, Albertina de Oliveira (Orgs.) *Rebeldia e Submissão: Estudos sobre Condição Feminina*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1989. p. 89.

¹⁵ O *footing* e o *flirt* são expressões da época utilizadas para referir-se, respectivamente, ao passeio e à paquera. Tais expressões eram comuns nas revistas e jornais do período, nos demonstrando já certo declínio da influência cultural francesa e um predomínio do estilo norte-americano na linguagem e nos costumes.

¹⁶ O entendimento de subjetividade nesta dissertação surgiu do contato com as idéias de Félix GUATTARI e Suely ROLNIK em *Micropolítica: cartografias do desejo*. 7 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005. p. 33-148.

modo, gostaria de enfatizar que provavelmente as idéias sobre estes lugares sociais não se circunscreveram a uma única camada social. Apesar de nossas fontes aparentemente serem direcionadas para um determinado grupo, onde elas e eles escreviam nas páginas da imprensa e são descritos como presentes nos vários espaços da cidade, como os cinemas e as casa de chá – novos espaços de sociabilidade – é importante imaginarmos que redes sociais diferentes se entrecruzavam dentro e fora do lar, fazendo com que normas, valores e idéias fossem postos em circulação. Dito de outra forma, os homens e as mulheres das camadas populares apreendiam as diferenciações de gênero em outros espaços e por outras pedagogias, lembrando que há muito elas e eles já circulavam pela cidade. É bom ressaltar que as práticas das mulheres pobres, seu cotidiano de trabalho e a violência com a qual lidavam, não estavam incluídos nas colunas “Mundo feminino”, “Vida Frívola”, “Mulheres Futilidades”. Encontramos estas mulheres nos “Fatos Diversos” descritas muito sutilmente. Suas práticas cotidianas, longe de serem exaltadas por cronistas e colaboradores dos jornais e revistas, foram relegadas aos fins de página e em letras pequenas. Um outro mundo lhes era reservado. Mas isso é uma outra história.

Diálogo com a Historiografia e a Teoria ou Criando os Intercessores

A produção do conhecimento é feita de forma muito dinâmica, através de muitos encontros, alguns apenas intelectuais, sem a materialidade do corpo. Encontros que nos põem a pensar em nossos objetos de pesquisa, que nos fazem às vezes mudar nossas perguntas e em outras até nossas pretensas respostas. Tive a oportunidade durante este período do mestrado de empreender muitos encontros e reencontros que me fizeram construir este percurso com mais clareza e segurança. Assim, as idéias delineadas neste trabalho são frutos de um diálogo intenso com os historiadores e as historiadoras que pesquisam as relações de gênero ou a história das mulheres, meus intercessores, uma vez que direcionaram meu olhar para as fontes através de suas idéias, permitiram o conhecimento de áreas nebulosas do período estudado e fizeram-me elaborar problemas e delinear respostas. Todos nós temos intercessores, pessoas que nos ajudam de uma forma

ou de outra a produzir da forma que produzimos, a ver o mundo do modo que vemos.¹⁷

Durante a criação destes intercessores deparei-me com um grande número de historiadoras e historiadores preocupados com a história das mulheres e/ou com a história de gênero. No entanto, percebi que embora o interesse que nos unia fosse o mesmo – lançar um outro olhar ao passado –, os caminhos metodológicos, as trilhas teóricas eram bem diferentes. Então, o círculo com o qual passei a dialogar foi se estreitando e a conversa fluindo de forma bem mais produtiva. Afastei-me daqueles trabalhos preocupados apenas em denunciar relações de dominação entre os gêneros e daqueles que glorificavam feitos femininos. Também não aceitei os pressupostos dos que procuravam buscar, em suas análises sobre representações, uma “verdadeira mulher” e provar a todo custo que aquelas eram representações falsas do feminino. Em geral, estes eram estudos orientados por uma perspectiva feminista radical e pautados numa concepção de tempo linear, denunciativa, sem muita atenção com as descontinuidades e rupturas da história. Não os desqualifico enquanto produções acadêmicas, apenas não compartilho da mesma concepção teórica. Estreitei os laços então com estudos interessados em desnaturalizar os lugares atribuídos ao masculino e ao feminino em determinadas épocas, trabalhos pautados numa perspectiva teórica interessada nos conflitos, nos movimentos e nas possibilidades, sem buscar origens ou mitos fundadores. Dentre estes últimos, destaco as pesquisas de Alômia Abrantes da Silva, Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Mônica Raísa Schpun e Denise Bernuzzi Sant’Anna, com os quais dialoguei mais intensamente.

Investigando o momento em que as mulheres da Paraíba do Norte ocuparam o espaço da imprensa, escrevendo sobre os perfis femininos condizentes ou não com a época moderna, Alômia Abrantes produziu um estudo rico teoricamente valendo-se de estudos pós-estruturalistas e da Abordagem de Gênero. Essa autora analisa as construções de imagens femininas que ganharam visibilidade na década de vinte na Paraíba, através das práticas discursivas da imprensa e procura demonstrar como os textos e imagens inscreveram o “ser mulher” naquele período,

¹⁷ O conceito de intercessores é de Gilles Deleuze: “O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. (...). Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê.” In: *Conversações: 1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

sendo os textos e imagens modelados e modeladores da sociedade paraibana.¹⁸ Aproximamo-nos de suas conclusões por ela analisar as narrativas da imprensa como instituidoras de relações sociais e por adotar como referencial teórico os estudos do filósofo Michel Foucault. A autora mostra as alterações urbanas que ocorriam na Paraíba e constata a maior presença feminina nos espaços ditos modernos, se importando com a demarcação dos lugares dos gêneros no espaço urbano. Aproximamo-nos ainda mais por seu estudo não perder a dimensão ativa dos sujeitos na construção de si e dos seus espaços.

Já os estudos do professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior, tendo como objeto os discursos masculinos que se entrecruzaram entre os anos 1920 e 1930 aproximando e instituindo uma identidade regional e de gênero, foram extremamente relevantes na definição dos caminhos a serem seguidos nesta pesquisa.¹⁹ De acordo com os discursos analisados por ele, o Recife estava se feminilizando, “*as fronteiras de gênero pareciam estar se misturando, a confusão, marca do mundo moderno, fruto da quebra dos limites trazidos pelos costumes tradicionais, parecia se instalar*”.²⁰ Afirma que era comum nas Memórias a percepção de que as mulheres começavam a ocupar lugares que antes não eram a elas destinados. A partir das análises deste autor, procuramos nesta pesquisa investigar os discursos e as práticas que geraram estas percepções instituidoras de certa “mulher do século XX”. E, como já acentuamos, chegamos a conclusões diferentes das elaboradas pelo professor Durval Muniz. Ainda importante contribuição trazida por ele foi apontar como a historiografia feminista preocupou-se com as mulheres e naturalizou os homens. Seu livro acentuou e nos aguçou o olhar para percebermos que o masculino também é alvo de investimentos sociais, sendo construído como forte e dominador por uma série de discursos.

Nesta pesquisa, investigando os jornais e revistas que circulavam nos anos vinte, lendo memórias e algumas teses médicas do período, notamos que o corpo feminino havia sido um intenso ponto de debate e de definições, isto numa época repleta de políticas públicas higienistas e eugenistas. Para fazermos o

¹⁸ SILVA, Alômia Abrantes. *As Escritas Femininas e os Femininos Inscritos: Imagens de Mulheres na Imprensa Paraybana dos anos 20*. Dissertação de Mestrado em História. Recife: UFPE, 2000.

¹⁹ Cf. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo - uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Maceió: Ed. Catavento, 2003; e “Limites do Mando, limites do mundo: a relação entre identidade de gênero e identidades espaciais no Nordeste do começo do século”. In: *História: Questões & Debates*, Curitiba, n°.34, Editora da UFPR, 2001. p. 89-103.

²⁰ ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. Op. cit. p.40.

entrecruzamento entre a construção do corpo e do gênero, considerando ambos como criações sociais e os investimentos sobre eles indicadores dos valores e idéias que uma determinada sociedade tem sobre si mesma, foram fundamentais os trabalhos de Denise Sant'Anna e Mônica Raísa Schpun.²¹ Estes estudos permitiram apreendermos a historicidade do corpo e a possibilidade de tomá-lo como objeto de pesquisa. Leitoras de Foucault e de Deleuze, estas pesquisadoras das práticas esportivas e do embelezamento feminino em São Paulo nos indicaram caminhos teóricos e metodológicos, nos ajudando a ir além do pensamento dicotômico, repressão versus liberação.

De um modo geral, os autores e autoras com os quais dialogamos mais intensamente têm idéias tributárias dos estudos de Michel Foucault, Gilles Deleuze e da Abordagem de Gênero, sobretudo a proposta por Joan Scott. São pesquisas que se preocupam em desnaturalizar o feminino e o masculino e propõem repensar os espaços e as relações de poder dentro do curso da história. A estruturação das perguntas desta pesquisa também foi elaborada através do contato com estes teóricos.

Michel Foucault explicita seu posicionamento contrário a descrições de gêneses lineares, pois, acredita que as palavras não guardam seu sentido e recusa análises metafísicas que buscam uma origem.²² Propõe uma história que perceba que a essência das coisas é construída, ou que elas não têm essência. Propõe um método genealógico, preocupado com a emergência e com o emaranhado de sentidos, com a dispersão e deslocamentos e não com continuidades históricas. Sua contribuição aos trabalhos sobre mulheres, relações e construções de gênero foi importantíssima, pois foi possível perceber que homens e mulheres não são dotados de uma natureza definidora *a priori* de seus lugares no mundo, mas sim que os discursos que circulam sobre um e outro no social são assimétricos, atravessados

²¹ SCHPUN, Mônica Raísa. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Editora dos Senac, 1999; e "Códigos Sexuados e Vida Urbana em São Paulo: as práticas esportivas da oligarquia nos anos vinte". In: SCHPUN, Mônica Raísa. (org.) *Gênero sem Fronteiras: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 1997. SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. "Cuidados de si e embelezamento feminino; fragmentos para uma história do corpo no Brasil". In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. (org.) *Políticas do Corpo*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1995; SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. "É Possível realizar uma história do corpo?" In: SOARES, Carmem Lúcia. (org.) *Corpo e História*. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p. 3-23; SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. "Corpo e embelezamento feminino no Brasil". In: *Revista Iberoamericana*, III, 10 (2003), p. 143-151.

²² "Nietzsche, a genealogia e a História". In: *Microfísica do Poder*. p.p. 15-37.

por outros discursos, instituintes de desigualdades.²³ A idéia levantada por este filósofo de que o poder está pulverizado no cotidiano também foi significativa para se repensar conceitos como homem – dominador/ mulher-dominada, a partir de seus estudos foi possível ir além das dicotomias e pensar a complexidade das relações entre os gêneros. Assim, passamos a observar a documentação como uma maneira de perceber como os contemporâneos diziam e viam a mulher e por que certas representações emergiram com mais força. Entendemos também a necessidade de perceber a historicidade de determinadas práticas e discursos para podermos contribuir com a desnaturalização do mundo proposta por Foucault. A leitura de seus textos é sempre uma aventura, onde fazemos uma verdadeira operação de caça, tirando proveito de suas idéias e tentando incorporá-las na nossa maneira de não só perceber o passado como também o presente.

Contribuição qualitativa também nos ofereceu Gilles Deleuze, ao alertar para importância do movimento na escrita, ao ressaltar a rejeição de idéias e palavras fundantes, a-históricas.²⁴ Certamente nossa compreensão do que é a mulher, do que é frivolidade, cotidiano, não é a mesma dos homens e mulheres que escreviam e viviam na década de 1920. Portanto, nosso desafio é rachar palavras para investigar as condições que possibilitaram que determinado sentido, significado se estabelecesse como hegemônico num dado momento. O desafio foi questionar noções e valores pré-estabelecidos. Investigar o que significava “mulher moderna”, “melindrosa”, “almofadinha” foi fazer um esforço para perceber a emergência de sentidos para estas palavras, procurando não repeti-las no texto sem problematizá-las antes.

Na elaboração do nosso trabalho utilizamos ainda a Abordagem de Gênero para percebermos a dinâmica da construção social. A utilização desta Abordagem como uma categoria possível para as análises históricas já foi defendida pela historiadora norte-americana Joan Scott. Isto, entretanto, só é possível se evitarmos o uso do Gênero meramente descritivo, como sinônimo de mulher ou de forma a-

²³ Não que Foucault tenha se dedicado às questões de gênero ou a história das mulheres, mas seus estudos foram acolhidos desde os anos 1970 pelas acadêmicas feministas e posteriormente pelas estudiosas e estudiosos de gênero. Sobre o “efeito” Foucault na história das mulheres e de gênero consultem: PERROT, Michelle. “Michel Foucault e a História das Mulheres”. In: *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005. p. 489-496; SENA, Tito. “Os estudos de gênero e Michel Foucault”. In: LAGO, Mara Coelho de Souza. GROSSI, Miriam Pillar. (Orgs.) *Interdisciplinaridade em diálogos de gênero: teorias, sexualidades, religiões*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004. p. 198-208; MATOS, Maria Izilda S. de. *Por uma história das mulheres*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

²⁴ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

histórica.²⁵ O conceito de Gênero é importante para os estudos históricos por seu caráter relacional, pois, “os estudos sobre as mulheres são também estudos sobre os homens e ao contrário, procura-se contextualizar evitando as afirmações generalizantes. O conceito exige uma pluralidade ao pensar as representações sobre mulheres e homens levando em consideração as suas diversidades”.²⁶

É importante destacar o gênero – masculino/ feminino - como uma criação histórica, um modo de ser no mundo, um modo de ser educado e percebido que condiciona o ser e o agir de cada um.²⁷ Contudo, a construção do feminino e do masculino não é feita apenas externamente. Símbolos culturalmente disponíveis e conceitos normativos são apresentados e mobilizados para definir homens e mulheres, mas os sujeitos históricos são ativos, fazem usos de normas, valores, constroem e reconstroem as visões de si e do mundo que lhes são imputadas. *Dizer que o gênero não é natural não significa que está aprisionado a uma ordem dominante de prescrições.*²⁸ Portanto, percebemos nos discursos da imprensa sobre o feminino e o masculino e nas descrições que traziam sobre a cidade em suas páginas, um jogo de identidades, embates para definir o que era ser homem e o que era ser mulher, nos mostrando que as identidades, sejam étnicas, de classe ou de gênero, são frágeis e enganosas, pois construídas e desconstruídas de forma ativa e conflituosa. Destarte, nesta narrativa, procurarei rejeitar o essencialismo, admitindo uma pluralidade histórica em oposição à essência atemporal eterna que, em geral, é atribuída ao feminino e ao masculino.

Salientamos que uma outra compreensão e utilização da Abordagem de Gênero neste trabalho foi possível através do contato com o livro “A Invenção do Cotidiano”²⁹ de Michel de Certeau. A primeira parte dessa obra propõe olharmos para a sociedade sem fazermos homogeneizações, retirando a passividade dos sujeitos históricos, conferindo possibilidades de ação a homens e mulheres frente a determinadas circunstâncias, atento às *mil maneiras de fazer*. Articular as idéias de

²⁵ SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Recife: S. O. S. Corpo, 2000.

²⁶ GUIMARÃES, Maria de Fátima. “Percurso no pensamento e na prática dos feminismos. Introdução à abordagem de gênero”. *Caderno Gênero & História*. Departamento de História-UFPE. Ano I, n°.1, setembro de 2002. p.17.

²⁷ Sobre essa discussão ver SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*.

²⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *O Nordeste: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Maceió: Catavento, 2003. p. 26.

²⁹ CERTEAU, Michel de. “Uma cultura muito ordinária”. In: *A Invenção do Cotidiano*. Vol.1. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. pp. 57-106.

Certeau com a Abordagem de Gênero proposta por Joan Scott foi fundamental para ressaltarmos a dimensão individual dos sujeitos na construção do gênero. Nossas fontes demonstram que existiram tentativas, estratégias discursivas que procuraram estabelecer um ser homem e um ser mulher. Mas, que também esses sujeitos reelaboraram, redimensionaram o que se dizia e se mostrava sobre eles. Os atores sociais operam com valores, imagens, normas e vão se construindo através das redes discursivas e das práticas sociais em que estão inseridos. Acredito que o maior desafio deste trabalho será mostrar como as objetivações da imprensa foram frágeis, diante das práticas inventivas dos sujeitos e da criatividade no ser homem e ser mulher no Recife dos anos 1920.

Traçando caminhos: Fontes e Capítulos

A proposta deste estudo então é contribuir para uma história das práticas de nomeação, problematizando a imprensa como geradora de uma multiplicidade de representações, de nomeações e percepções do mundo e também provocadora de ações nos sujeitos envolvidos. Nomear os sujeitos e o mundo é, sobretudo, instituir hierarquias e delimitações sociais. Como as revistas e jornais analisados dos anos 1920 realizaram a construção de um “mundo feminino” e de um “mundo masculino” tidos como “naturais” aos olhos dos contemporâneos e mesmo dos historiadores e historiadoras? Para responder a esta questão, através do contato com as fontes, com a historiografia e com a teoria, delimitamos o caminho que será exposto logo mais. Além da imprensa – revistas e jornais –, que descrevem as práticas dos gêneros e trazem discursos sobre os mesmos, incluímos em nosso *corpus documental*, cronistas da primeira metade do século XX e Memórias, além de uma tese médica.

Nos anos 20 o Recife mantinha a tradição de uma imprensa ativa e polêmica que acompanhava a movimentação social e cultural.³⁰ Nas revistas e jornais havia espaços destacados para as crônicas sociais, para o humor, para os embates políticos, para os anúncios de cinemas e teatros, enfim, tornam-se fontes não só por serem registros de aspectos da vida social, desde as frivolidades da moda até as reações às cenas ousadas do cinema, mas também por ser instituinte de

³⁰ Cf. REZENDE, Antônio Paulo. Op. cit. p. 90.

subjetividades. Com outras fontes, como as teses de medicina, estas revistas e jornais nos trazem notícias sobre as preocupações com o corpo, com o embelezamento, com a saúde, etc. Permitem-nos perceber que gestos e idéias trazidos por estes discursos médicos e jornalísticos, hoje lidos de outra maneira, têm uma história, inscrita no tempo, embora não linearmente.

Utilizamos, sobretudo, o Diário de Pernambuco e o Jornal do Recife, jornais diários, e uma série de revistas semanais e quinzenais como A Pilhéria, Mascote, Revista Cinema, Mensário Paramount, Estudantina. Bom lembrar ainda que as memórias escritas e as crônicas, não serão tomadas como registros fiéis do passado da vida dos sujeitos, mas antes como indicadoras dos sonhos, desejos, artes de inventar aquele passado que rememoram e de inventar a si mesmo naquelas páginas que trazem relatos de encontros, de tensões, de descobertas, de vivências na cidade, etc. Ajudam-nos a imaginar como poderia ter sido ser homem e mulher nos anos vinte e como suas percepções sobre estas diferenças foram construídas. Com todas estas indagações em mente traçamos o percurso da seguinte maneira:

Em *Práticas femininas e deslocamentos dos espaços dos gêneros*, investigamos as práticas femininas que embaralharam os lugares do masculino e do feminino. Como se deu esta inserção das mulheres da camada média no espaço urbano? Quais práticas foram representadas nas páginas das revistas e jornais? O cinema, as praias e a leitura serão focalizados para percebermos como na vivência dos espaços (re)delinearam-se diferenciações entre os gêneros. As práticas que emergiram na transição do século XIX para o XX também ganharam espaço nas páginas de Memorialistas e Cronistas da primeira metade do século vinte e são eles que nos permitem entender por que muitas delas foram tão alardeadas.

Em *Melindrosas e Almofadinhas: imprensa e representações dos gêneros* apontamos como os homens e mulheres dos anos 1920, que inventaram um outro cotidiano para si – mudando os percursos profissionais e afetivos, transformando a apresentação de seus corpos, circulando em outros espaços -, foram objetivados por aqueles e aquelas que se expressaram na imprensa. Discutiremos o papel deste meio de comunicação na personificação da chamada “mulher moderna”. Procuramos evidenciar o rosto que os contemporâneos dedicaram às mulheres no Recife dos anos vinte. Que discursos deram forma à mulher e ao homem nomeados de modernos? O cerne da discussão neste capítulo é a importância de se estudar as práticas de nomeação que classificam e hierarquizam o mundo.

Por fim, focalizando o corpo, as práticas de embelezamento e a moda em *A cultura da beleza: práticas e representações de embelezamento feminino*, discutimos como a beleza mais intensamente deixa de ser vista como algo natural e interior e passa a ser tida como uma construção que exigia muito esforço por parte de homens e mulheres. Percebemos como a cultura da beleza é diferente para homens e mulheres e como institui diferenças não apenas corporais, mas também de gênero. Quais atividades físicas eram recomendadas a um e outro sexo? O corpo será tido como uma construção, alvo constante de investimentos e como linguagem, expressando entendimentos sobre o ser homem e ser mulher, nos possibilitando perceber a moral, os gostos, os costumes deste período.

CAPÍTULO I: Práticas Femininas e Deslocamentos dos Espaços dos Gêneros

Ah, vocês acham que só se constroem casas? Eu me construo e os construo continuamente, e vocês fazem o mesmo. E a construção dura enquanto o material dos nossos sentimentos não desmorona, enquanto dura o cimento da nossa vontade. (Luigi Pirandello)

Luigi Pirandello escreveu em 1923 a história de Vitangelo Moscarda, personagem central da ficção envolvido num drama, no mínimo, curioso. Ele percebe que sua imagem era construída de forma diferente por ele e por aqueles ao seu redor. Sua mulher, seu sócio, seus inquilinos, o padre, cada um dos moradores da cidade viam e construíam um Vitangelo Moscarda. Esta percepção de que as pessoas o viam cada uma segundo referenciais distintos e a sensação de que ele mesmo só poderia ver-se quando não estivesse em movimento, ou seja, vivendo, portanto, sem poder saber como diariamente as pessoas o viam, provocaram profundas dúvidas existenciais em Gengê (forma carinhosa de a esposa tratá-lo) e muita confusão no seu antes tranqüilo cotidiano. Isto porque se descobre a multiplicidade do ser, a ausência de uma essência que daria forma e classificaria Vitangelo Moscarda. Percebe que se pode ser tudo, que se pode ser errante, sem ser prisioneiro de um nome que delimitaria seus movimentos. Mas, como é retratado em *Um, Nenhum, Cem mil*, o preço dessa descoberta é caro, muito caro, pois o conflito maior não é apenas com os outros, mas, sobretudo, consigo, pelo fato de, repentinamente, ver-se livre de rótulos e classificações estabelecidas socialmente e ter a própria existência como desafio.³¹

Descobertas, medos, decepções e dúvidas compõem a história de Vitangelo Moscarda, narrada por Pirandello. Sentimentos que provavelmente visitaram muitos homens e mulheres nas décadas iniciais do século XX, quando muitos deles e delas perceberam que poderiam ir além dos enredos e cenas historicamente construídos. Possíveis tensões, por notarem os obstáculos na construção de uma outra imagem de si e incertezas, ao experimentarem as resistências por parte até daqueles mais próximos. Prazer, ao constatarem que outras relações sociais poderiam ser estabelecidas. Percebamos então que o projeto que envolveu homens e mulheres focalizados nestas páginas não diz respeito apenas a uma outra apresentação externa, uma saída do espaço privado para o público, mas sim uma reelaboração de subjetividades e a construção de um outro mundo para si e para os outros.

³¹ PIRANDELLO, Luigi. *Um, nenhum, cem mil*. São Paulo: Cosac&Naify, 2001. p.68.

A imprensa dos anos 1920 presenciou a vontade de muitos homens e mulheres refazerem as relações sociais nas cidades. Mas, não apenas registrou estes projetos como foi uma importante promotora na redefinição dos lugares dos gêneros. Ao selecionar e publicar determinadas práticas e ao propalar certos discursos, jornais e revistas do Recife deste período foram vitais na cristalização de algumas imagens do feminino e masculino, algumas repetidas incansavelmente pela própria historiografia, como as figuras da melindrosa e do almofadinha. Imagens perigosas por, em geral, levarem ao obscurecimento da experiência histórica de homens e mulheres, impondo mesmo *una tirania de esas imágenes que la conciencia ajena projecta sobre nosotros*.³²

Contava boa parte da imprensa com a atuação de intelectuais egressos da Faculdade de Direito, lugar privilegiado das discussões da época. Gilberto Freyre, Assis Chateaubriand, José Lins do Rêgo, Mario Melo, Joaquim Pimenta, Austro Costa, Joaquim Inojosa, Anibal Fernandes, Valdemar de Oliveira e muitos outros escrevem na imprensa do Recife nos anos vinte.³³ Era a época das revistas ilustradas, de jornalistas com máquinas fotográficas Kodak em mãos, interessados em registrar os flagrantes do cotidiano.

Os cronistas sociais das revistas e jornais estavam sempre atentos às práticas das mulheres que ousaram construir histórias de vida até radicalmente diferentes das de suas antepassadas. Elio, colaborador da Revista Mascote, era um deles. Provavelmente, não perdia nenhum chá-dançante, nenhuma tarde na Rua Nova e estava sempre presente nos teatros e cinemas. Sua coluna “Vida Frívola” publicava aspectos do cotidiano da cidade e se encarregava de ir construindo “os fatos” para uma parcela da população. É ele que nos conta que na noite de estréia da “Companhia Viriato”³⁴ no Teatro do Parque ouvia-se um remelexo nas cadeiras, uma inquietação por parte de alguns rapazes, e que o zunzunzum na platéia era grande. Isto porque, minutos antes, estes rapazes tinham olhado para o terceiro

³² MARTÍN, Marcia Castillo. *Las Convidadas de Papel: mujer, memória y literatura en la España de los años veinte*. Madrid: Ayuntamiento de Alcalá de Henares, 2001. p.232.

³³ Atuar na imprensa era uma forma de adquirir certo prestígio nesse período. A imprensa era ainda um espaço privilegiado para propor projetos aos demais cidadãos e cidadãs. Consultar Antônio Paulo Rezende. Op.cit. p. 64.

³⁴ No final de 1924, entre os meses de outubro e novembro, chegava a Recife a “Companhia Brasileira de Comédias”, dirigida por Viriato Correa, com 17 atores e atrizes e 8 assistentes. A Companhia montou grande e escolhido repertório, com 22 peças, todas encenadas no Teatro do Parque. Para maiores informações sobre a permanência desta Companhia de Teatro no Recife, consultar: COUCEIRO, Sylvia Costa. *Artes de viver a Cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920*. Tese Doutorado em História. Recife: UFPE, 2003. P.100.

camarote à sua direita e visto algo para alguns deles inadmissível: Senhorinha em seu vestido róseo não estava com os longos cabelos a orná-la. Comentavam que certamente por isso que há tempos procuravam por ela na platéia e não a avistavam, *era mais um vulto ignorado aos olhos de tantos que a buscavam*. Além disto, os cabelos de Senhorinha, que eram escuros, estavam agora quase louros. Os *ohs* proliferavam no teatro. Segundo conta, a maioria achava que ela agora estava muito mais graciosa: “Oh, mil vezes, de cabelos cortados e quase loura! Ideal!” No entanto, havia os mais resistentes aos imperativos da moda que gostavam mais quando os seus cabelos eram “longos, dispersos sobre os ombros e pareciam negros como a asa da graúna”.³⁵ E a polêmica continuava entre os comentadores do círculo.

E Senhorinha? Será que estava notando todo rebuliço que seu novo visual estava causando? Por que será que resolveu cortar os cabelos? Terá sido o calor ou ela realmente havia cedido às imposições da moda? Não temos como saber. Mas sabemos que ela era uma moça muito observada, certamente sua beleza atraía estes olhares curiosos. E através destes curiosos rapazes sabemos que Senhorinha gostava de passear pela Rua Nova acompanhada de sua irmã, dirigindo seu automóvel, vale salientar, tomar chá na Confeitaria Bijou e às quintas e domingos não perdia as sessões do Teatro Moderno. Nesta sua prática do espaço urbano, Senhorinha ia com os longos cabelos soltos sobre os ombros. Mas, naquele dia, no Teatro do Parque, não, ela cortou os cabelos e tornou-se só mais uma na multidão, segundo o cronista Elio.

Será? Ou, ao contrário, de cabelos cortados tornou-se ainda mais alvo de olhares e comentários? Parece que, fosse de cabelos longos ou curtos, Senhorinha e tantas outras moças dos anos vinte não deixaram de provocar comentários. Certamente muitos *ohs* foram ouvidos quando ela e muitas outras moças do Recife nesse período passaram a primeira vez dirigindo um automóvel pelas ruas centrais da cidade; provavelmente também muitos ficaram perplexos quando notaram que as mademoiselles estavam indo sozinhas às sessões de cinema no Moderno, no Helvética ou no Parque. Portanto, os *ohs* destacados pelo cronista social da Revista Mascote eram muito comuns nesta época, em que as mulheres tornavam-se freqüentadoras mais assíduas do espaço urbano.

³⁵ REVISTA MASCOTE. Ano 1, nº.1 1924. Biblioteca Pública Estadual (BPE).

Assim, as crônicas, artigos e notícias da imprensa com suas narrativas sobre o cotidiano feminino, são importantes para pensarmos quais práticas das mulheres ganharam visibilidade, como foram narradas, que debates suscitaram e ainda como estes discursos lhes imputaram gênero e corpo, como materializaram um modelo de feminilidade para os anos vinte.

Neste capítulo focalizaremos, através dos livros de Memórias e Crônicas e das revistas e jornais, as práticas femininas. Nosso interesse não é apenas enfatizar o “estar no mundo” ou como se dizia na época, a “mundanidade” feminina. Aqui o importante é pensar que foram práticas que, de modo geral, passaram a embaralhar os lugares de homens e mulheres, instituídos socialmente. Daí estas “novas práticas” ganharem as páginas da imprensa com uma grande intensidade e suscitarem calorosos debates. Pensamos que as dezenas de revistas e jornais que circularam na cidade desempenharam um relevante papel na construção de um “mundo feminino” que aos olhos dos contemporâneos delineava-se inconvenientemente. Porque as narrativas são instituidoras de espaços e sensibilidades. Não são nuvens que se desfazem ao sabor dos ventos. Elas possuem densidade e criam efeitos nos leitores. Sejam visuais ou textuais elas não passam incólumes na nossa vida. Após um filme, uma leitura de revista, jornal ou livro, ficamos ruminando idéias e imagens, recriando-as, às vezes até de forma despercebida. Sejam sobre o presente ou sobre o passado, as “histórias que contam sobre algo”, também criam, inventam este “algo.”³⁶

Tecemos estes comentários porque, neste capítulo, analisaremos como os relatos sobre as práticas femininas além de nos conduzirem por ruas, lojas, cinemas, ainda nos conduzem por uma série de discursos que atingiam o feminino durante a experiência do espaço urbano, instituindo modelos de feminilidade e masculidade para o período. Estes relatos são relevantes ainda para percebermos como certas práticas sociais mobilizaram as subjetividades de gênero.

As revistas A Pilhéria, Mascote, Cinema e Mensário Paramount, entendidas como práticas culturais, geraram em seus contemporâneos uma imagem da cidade e das mulheres, uma definição para aquele espaço urbano, certamente muito mais heterogêneo e fugidio aos conceitos do que nos fazem crer. No entanto, é importante acentuar ainda que não entendemos o ato da leitura como um ato

³⁶ Sobre a importância fundante dos relatos e seu papel de autorização de “práticas sociais arriscadas e contingentes”, consultar CERTEAU, Michel. Op. Cit. p.199- 217.

passivo, ao contrário, entendemos a leitura como ação onde os sujeitos, longe da passividade, interferem e recriam aquilo que foi lido. Mas pouco poderemos dizer sobre o processo de subjetivação do período. Nossas fontes são excelentes para percebermos as representações e escassas para discutirmos as apropriações. De todo modo, as próprias práticas sociais evidenciadas pelos jornalistas, cronistas e memorialistas nos indicam como as mulheres e homens do período foram representados e como foram se construindo. Construção não definitiva e muito menos linear.

1.1 A Cidade e as Mulheres na Escrita dos Homens

Um lar onde só se precisaria de camas, onde não há criados e todos comem fora, lugar trepidante e de passagem para filhos e pais, que permanecem a maior parte do dia na rua. Esta é a arquitetura da chamada “Habitação Moderna”, segundo Mario Sette.³⁷ Um trânsito, seria esta em sua opinião a melhor denominação para um lugar que antes era só pouso e regalo. O marido e a mulher iam trabalhar e os filhos ou iriam para a escola ou ficariam em alguma loja ou repartição pública. A vida noturna seria um episódio à parte nesse lar que emerge de suas páginas. Cinemas, danças, teatros, cassinos. *De qualquer modo a rua*, ressalta enfaticamente.

Mario Sette nasceu em 1886, viveu e escreveu no Recife durante a primeira metade do século passado, morrendo em 1950. A partir dos quinze anos colaborou em jornais humorísticos. Autodidata, falava, lia e escrevia fluentemente francês, tendo predileção especial pelos estudos de literatura francesa e de história. Chegou a ser professor catedrático de História do Brasil na Faculdade de Filosofia do Recife, da qual foi também fundador. Como muitos intelectuais da sua época, foi funcionário público, atuando nos Correios e Telégrafos de Alagoas. Embora não descendendo diretamente de senhores de engenho, teve toda sua obra e vida ligadas aos destinos desse grupo social.³⁸ Sua vasta produção intelectual é composta de crônicas, romances e memórias.

³⁷ SETTE, Mario. “Os cafunés”. In: *Anquinhas e Bernardas*. Recife: FCCR, 1987. p. 5. A primeira edição deste livro de crônicas data de 1937.

³⁸ Cf. ALMEIDA, Magdalena. *Mario Sette: o retratista da palavra*. Recife: FCCR, 2000, sobre o percurso intelectual deste escritor; Sobre o bacharelismo de Sette e sua ligação com os ideais aristocráticos dos senhores rurais de Pernambuco consultar: ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *Nordestino: A Invenção do Falo*. Maceió: Edições Catavento, 2003.

Nas crônicas publicadas em 1937, este escritor chamado por Magdalena Almeida de “retratista da palavra”³⁹, entre fatos da política, transformações na arquitetura, na economia e nos hábitos dos moradores do Recife, acentua os novos ritmos da vida dentro e fora do lar na transição do século XIX para o XX. Com um tom saudosista nos dá conta das práticas femininas e das relações de gêneros que passaram a se delinear no período e arquiteta o “lar moderno”, para ele um lugar de passagem, lugar da provisoriedade das relações. Como cronista ele não se esquivava de registrar o cotidiano em seu entorno. No entanto, não deixa de fazê-lo sem omitir suas próprias opiniões e insinuar seus traços de homem educado dentro de um outro quadro de relações sociais, pois as crônicas, além de trazerem em suas páginas os temas mais freqüentemente discutidos em uma época e espaço, funcionam também como um instrumento de intervenção social.⁴⁰ A crônica tem como objetivo informar ou, muitas vezes, mobilizar e formar a opinião pública a respeito de determinado assunto. Escrita em sintonia com o cotidiano, ela é receptiva, informativa e de reação.⁴¹ *Antigamente, naqueles tempos, outrora* são expressões que nos possibilitam perceber em sua escrita não apenas o jogo de oposições entre as práticas sociais dos séculos XIX e XX, como também a permanência do chamado passado e de como observamos o mundo e o construímos a partir desta experiência íntima temporal.⁴²

Como gosta de acentuar, “*no seu tempo*”, ainda jovem, lembra que a permanência doméstica era apenas interrompida, quanto aos homens, para irem ao trabalho e, quanto às crianças para irem às aulas, se o professor não vinha em casa. E as mulheres? Estas nem às compras costumavam ir. Os maridos se encarregavam de pedir aos comerciantes, para escolha feminina, peças de chita, pares de sapatos, leques de madrepérolas, espartilhos. Segundo nos conta este

³⁹Para esta historiadora, a obra de Mario Sette “é um álbum de fotografias”. Acredita que “seus textos são como retratos de assuntos que o escritor elegeu para guardar na memória”. Observo apenas que a memória, às vezes, parece ter uma caixinha de lápis de cor, dando um colorido todo especial ao passado, ocorrendo de nos chegar não retratos, mas, um outro desenho.

⁴⁰ Para maior discussão sobre as características das crônicas consultar: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (Orgs.). *História em cousas miúdas*: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2005. Sobre tudo das páginas 10 a 19 que compõem a Introdução.

⁴¹ Cf. SANTIAGO, Roberval da Silva. “*Cinematógrafo Pernambucano*: a jornada da transgressão, do sonho e da sedução”. Recife: UFPE, 1995. Dissertação de Mestrado em História. p.27-28.

⁴² É importante acentuar que a percepção que temos do mundo, segundo Henri Bergson, não é pura. As lembranças da memória ligam os instantes uns aos outros e intercalam o passado no presente. Vemos o mundo então com os olhos do passado. Sobre esta discussão: BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990; DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. São Paulo: Ed. 34, 2004. p. 16-17.

homem que presenciou o declínio do mundo rural, o crescimento das cidades e a consolidação destas como centros de importância política e econômica, *havia tempo para tudo na vida calma de família*. No entanto, as donas de casa descritas por ele fazendo crochês, costurando, remendando, cozinhando bolos de mandioca, canjicas, panquecas e pastéis de nata nos levam a perguntar: vida calma para quem? Quantas tarefas executadas pelas mulheres! Parece-nos que de calma suas vidas tinham muito pouco. E os homens? *Lendo romances de Dumas e Terrail, quando não os de Alencar e as poesias de Casimiro de Abreu*.⁴³ Assim se delineia a supostamente natural separação de “mundos de homem e de mulher”. Mas, embora a casa apresente espaços culturalmente distribuídos ao feminino e ao masculino, não podemos deixar de pensar que eles e elas reverteram com suas práticas estas prescrições sociais. Sette idealiza este “*lar de antigamente*” e através de seu discurso homogeniza as práticas sociais. Nem todos os homens ficaram na sala e nem todas as mulheres permaneceram na cozinha.⁴⁴

De toda forma, mostra em suas crônicas que o mundo no qual estava inserido e no qual educou sua visão sobre o masculino e o feminino valorizava a intimidade, as vivências domésticas, um sólido lar acolhedor. Certamente não foi fácil para ele entender os novos hábitos dos membros das famílias da década de 1920, com homens e mulheres estabelecendo outras formas de sociabilidade, como as que incomodavam o repórter da Revista *Pilhéria*, que assinava com o pseudônimo de Godofredo Filho, na coluna “Da Carteira de Um Repórter”:

Recife é uma cidade encantadora que parece mais um seio de Abraão. Pois não é que, outro dia aquele moço e aquela moça saíram de casa, passearam, viram o peixe boi no Parque Amorim e os papás não souberam? Dia virá em que eles baterão a plumagem.⁴⁵

Casais namorando longe das vistas dos pais, menos vigiados, circulando sozinhos pelas ruas da cidade contrastavam com a família na qual Sette foi educado, onde os filhos eram formados rigidamente e a esposa dedicada ao marido, o chamado “lar burguês”, segundo Maria Ângela D’Incao, um modelo de família que

⁴³ SETTE, Mario. *Anquinhas e Bernardas*. p. 6.

⁴⁴ Cf. WELZER-LANG, Daniel. “A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia”. In: *Revistas Estudos Feministas*. Ano 9. 02/2001. p. 461/481. E para uma discussão sobre a inventividade dos sujeitos consultar: CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Vol. 1.

⁴⁵ REVISTA PILHÉRIA. 4/07/1925. Coleção completa e encadernada localizada na Biblioteca Pública Estadual de Pernambuco (BPE).

nas décadas iniciais do século XX gradativamente mudava de feição, com as mulheres aspirando a outros espaços sociais.⁴⁶ A Revista *Pilhéria*, entre o riso e a ironia, divulgava as relações, permeadas de tensões, entre homens e mulheres:

Por que brigas diariamente com teu marido? As opiniões são diferentes?

--- Não. Brigamos muito porque temos opiniões iguais.

Ele quer mandar em casa, e eu também.⁴⁷

No entanto, não podemos perder de vista que esta idéia delineada por Sette de uma *vida calma de família* pode ter sido utilizada estrategicamente para ressaltar a velocidade da vida no século XX e acentuar as diferentes atribuições conquistadas pelas mulheres, algo que, parece, fazia-lhe rever certas classificações do feminino: *Não direi mais “fraco” por ser duvidosa agora, essa fragilidade [feminina] diante dos exemplos que está dando de “varonilidade”*.⁴⁸ Mas, logo em seguida, atribui-lhe outra denominação: varonilidade. Quanta necessidade de classificação! Este jogo de representar o outro, de procurar classificar é um verdadeiro duelo que como veremos foi/é travado por diferentes redes sociais. Um jogo, uma disputa de poder que legitima determinadas construções e lhes dão um efeito de verdade.⁴⁹

Mario Sette, em suas crônicas apenas nos dá indícios desta prática de nomear o outro, neste caso as mulheres. Fora do estereótipo da “mulher do lar” cria-se imediatamente um outro, “mulher varão.” Importante destacar que as denominadas por ele de varonis eram aquelas descritas em “Feminismo”, crônica que ressalta as *franquias e prerrogativas* do chamado por ele, “*sexo gentil*”. Mulheres doutoras, amanuenses e aviadoras são destacadas como exemplos de varonilidade e verdadeiras blasfêmias e ridículos, algo inimaginável no tempo de seus avós.⁵⁰ É necessário aqui pensar que as décadas iniciais do século XX não foram de um progresso inquestionável para as mulheres em termos políticos, no entanto, por estarem ultrapassando mais enfaticamente as soleiras das portas, causaram uma impressão de invasão feminina aos olhos de homens e mulheres educados nas famílias patriarcais. O discurso que vaticina uma quebra de fronteiras

⁴⁶ D’INCAO, Maria Ângela. “Mulher e Família Burguesa”. In: DEL PRIORE, Mary. (org.) *História das Mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 223-240.

⁴⁷ A PILHÉRIA. 01/10/1921.

⁴⁸ SETTE, Mario. Op. cit. p. 83.

⁴⁹ Michel Foucault nos fala de uma economia dos discursos e das estratégias do verdadeiro em vários de seus estudos. Consultar “Poder e Saber” e “A vida dos homens infames”. In: *Ditos & Escritos*. Vol. IV. Respectivamente, páginas 223-240 e 201-222.

⁵⁰ “Feminismo”. In: *Anquinhas e Bernardas*. p. 83/85.

é, no nosso entender, muito mais retórico e emblemático de uma perda de mando por parte dos homens, e menos uma prática que estivesse acontecendo.

Como muitos de seus contemporâneos, Mario Sette provavelmente lia com muita atenção as notícias publicadas no Diário de Pernambuco, dando conta dos avanços femininos mundo afora. Com um misto de assombro e de revolta, notícias, como a divulgada em 10 de agosto de 1927, indicavam aos moradores e moradoras do Recife que seu entendimento sobre o ser mulher, mais cedo ou mais tarde, deveria ser refeito. A notícia, informando o deferimento da petição de *várias “girls”* empregadas no comércio da cidade de Viena no sentido de usarem trajes masculinos, adverte:

É mais uma vitória do feminismo. Depois do cabelo cortado à masculina, moda que se generalizou, o uso da indumentária privativa do homem vem colocar a mulher numa condição diversa de respeitabilidade. (...) Avançando assim em todas as áreas reservadas ao homem, a mulher terminará por influir poderosamente na vida pública, se não conseguir colocar o sexo adverso numa situação de inferioridade, de que somente ela terá culpa.⁵¹

Ora, a transformação da apresentação física - cabelos mais curtos e calças compridas - não representava uma conquista inquestionável para as mulheres, uma mudança efetiva das relações de poder. No entanto, a matéria vai criando uma atmosfera de apreensão entre os homens, provocando a visão do avanço feminino como perda de espaço para o masculino; muitos homens subjetivaram esta idéia, ao menos os que escreveram os livros de memórias analisados por Albuquerque Jr.⁵² Na primeira página do jornal, os leitores e leitoras ainda se deparavam com argumentos insistentemente repetidos para as mulheres continuarem no espaço doméstico:

Pode parecer **absurdo que a mulher se afaste de sua nobre missão na terra**, para abraçar uma **vida absolutamente incompatível à sua finalidade social** enveredando por um terreno em que o homem desenvolve essa grande atividade que tem elevado o mundo inteiro, em honra à mulher, o motivo mais forte de suas melhores conquistas.

⁵¹ “O Feminismo”. DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 10/08/1927. Localizado na Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ. Nas citações optamos por fazer a atualização da grafia para uma melhor compreensão das idéias.

⁵² ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz. *Nordestino: Uma invenção do Falo*.

Entretanto, o que se tem visto é a preocupação feminina de nivelar-se ao homem, de tornar-se tanto quanto ele, atirada aos mais violentos turbilhões da vida, **masculinizando-se, afastando-se de sua verdadeira missão** como se a natureza tivesse perdido, por um fenômeno, aquilo que sempre foi o seu maior segredo, base de seu equilíbrio.⁵³

Discursos como estes entrecruzaram-se concorrendo na educação de homens e mulheres, procurando educar sua maneira de compreender as práticas femininas, pois, com as transformações das cidades e dos costumes, assim como os oratórios, as pesadas anquinhas e os carros de bois, a mulher prisioneira do lar foi gradativamente desaparecendo. Permanecer *apenas* no lar, para a maioria delas, era só uma questão de escolha e não mais de imposição. Portanto, não só Mario Sette, mas a maioria dos seus contemporâneos precisava refazer seus valores e conceitos sobre os lugares do feminino e do masculino no mundo, já que a distinção entre espaços privado-mulher/público-homem gradativamente perdia sua função de organizar as relações sociais, não dava mais conta da complexidade das atividades dos sujeitos. E homens e mulheres do século passado se acusavam reciprocamente como os principais causadores do que chamavam *uma intolerável corrosão dos costumes*, afinal era um aprendizado sem dúvida muito árduo.⁵⁴ Portanto, os escritos de muitos homens das décadas do século passado ressaltando outro cenário nas cidades, com a presença das mulheres como protagonistas de muitas histórias, podem ser pensados também como um meio encontrado para organizar o turbilhão de acontecimentos que os visitavam. Para Durval Muniz de Albuquerque Jr., *os escritos dos homens da transição do mundo rural para o urbano falam, na verdade, da redução do poder das elites tradicionais*.⁵⁵ Pensamos que eles também falam do momento de construção de outras relações entre o masculino e o feminino. Falam de como os homens também foram se construindo enquanto tais nas cidades.

Cidades que cresciam, se reorganizavam, agradando a muitos, mas também despertando a insatisfação de outros, interessados em conservarem o que chamavam de *pitoresco das cidades*. Nas avenidas onde circulavam os

⁵³ “O Feminismo”. DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 10/08/1927. FUNDAJ. Grifos nossos.

⁵⁴ Cf. MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. “Recônditos do mundo feminino”. In: *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 372.

⁵⁵ ALBUQUERQUE, JR. Durval Muniz. “Limites do mando, limites do mundo. A relação entre identidade de gênero e identidades espaciais no Nordeste do começo do século”. In: *História: Questões & Debates*, Curitiba, n.34, Editora da UFPR, 2000. p. 93.

automóveis⁵⁶, alguns homens e mulheres recordavam e sentiam saudade dos carros puxados por bois. Estes não haviam desaparecido totalmente, mas passavam a constituir reminiscências de um outro tempo. O vaivém dos autos e a correria das pessoas para atravessarem as avenidas centrais do Recife, certamente inspiraram Mario Sette nesta sua reflexão sobre o passado da cidade:

Embora as estradas se ampliem e se modernizem, para nelas os automóveis tirem à vontade os seus cem e mais quilômetros, por elas ainda passam, vagarosos e prestadios, os carros de bois. [...] O automóvel, bonito, luxuoso, veloz, fracassa, às vezes, de repente numa encrenca de motor ou num caminho cheio de atoleiros. O carro de bois, não. Vingam ladeiras medonhas; desembaraçam-se do barro pegajoso ou dos fofos de areia.[...]Têm para uns a face da poesia, da tradição; têm, para outros, o significado utilitário da confiança. Não falham, não se recusam, não traem.⁵⁷

Este trecho acentua como a história dos homens e das mulheres é feita num ritmo cadenciado de permanências e mudanças. A modernização, tendo o automóvel como símbolo, não alija certas práticas tradicionais como os carros de bois. Costumes novos e antigos permeiam o cotidiano dos homens e mulheres. Sette também insinua através da figura do carro de boi, metáfora de uma época, como o novo inspira desconfiança, desperta o medo da traição. Mas as hesitações diante do novo não paralisaram os seus contemporâneos.

Os moradores da cidade do Recife construía um outro palco para o desenrolar de suas histórias e nos escritos dos homens das décadas iniciais do século XX ficaram registradas muitas impressões sobre a reconstrução dos espaços urbanos. A sensação de perda de uma paisagem familiar, de viver em uma cidade diferente daquela de sua infância, provocou em alguns a sensação extrema de estarem em um outro país:

“Parece que tenho vivido em dois países diferentes”, dizia, ao fim da vida, Antonio Cândido ao Sr. Fidelino de Figueiredo, aludindo à grande revolução que operara a república na paisagem social da sua pátria. Os que ainda meninos, conhecemos o Recife de Lingüeta, do Arco de Santo Antonio, dos

⁵⁶ Os automóveis começaram a circular no Recife em 1905, tornando-se objeto-rei de um cotidiano marcado pelo ruído dos motores. Cf. SILVA, Jailson Pereira da. “*O Encanto da velocidade: automóveis, aviões e outras maravilhas no Recife dos anos 20*”. Recife: UFPE, 2002. Dissertação de Mestrado em História.

⁵⁷ SETTE, Mario. “O Carro de Boi”. In: *Anquinhas e Bernardas*. Recife:FCCR, 1987. p. 71.

quiosques e das gameleiras, vamos experimentando sensação igual quanto à paisagem física. Parece que temos vivido em duas cidades diferentes. (...) Eu por mim já me sinto estrangeiro no Recife de agora. O meu Recife era outro. Tinha um “sujo de velhice” que me impressionava, com um místico prestígio, a meninice. (...) Hoje, para recolher uma impressão mesmo fortuita do velho Recife é preciso ir aos dois ou três becos quase mouriscos que ainda nos restam, ao pé das insolentes avenidas novas. Ou à janela de algum terceiro ou quinto andar, de onde os olhos ainda conseguem agarrar pedaços do pitoresco que foge, deitando na água saudosa do rio suas últimas sombras.⁵⁸

As ruas, que iam tornando-se simétricas, pareciam agora *insolentes* para o jovem Gilberto Freyre. Segundo ele, as alterações feriam os *valores íntimos* da paisagem, roubando-lhes o caráter, *criando uma cidade nova, estranha e até hostil à primeira*. Colorindo o tempo de sua infância na cidade ele constrói um Recife todo seu. Através de sua escrita aprisionava a cidade que se transformava. Ocorria que, como muitas outras cidades brasileiras de meados do século XIX em diante, o Recife assistiu a inauguração de vários melhoramentos urbanos e começou a desfrutar os proveitos de serviços públicos até então desconhecidos. Em 1923, ano da volta de Freyre ao Recife, após uma ausência de cinco anos, a maioria das ruas centrais da cidade não eram mais aquelas esburacadas que machucaram os pés do jovem Gilberto Amado, em 1905, quando do seu percurso da pensão do Forte das Cinco Pontas para a Faculdade de Direito, na Avenida Conde da Boa Vista.⁵⁹ Gilberto Amado e Freyre percorreram em diferentes momentos as ruas da cidade e são as lembranças e esquecimentos destes homens que nos mostram como aguçando todos os sentidos eles experimentaram o Recife.

Inquietas na memória, remexendo no jogo do esquecer e lembrar, algumas ruas do Recife emergem das páginas de Gilberto Amado, sexagenário que escreveu nos anos 1950 sobre os cinco anos, de 1905-1910, que permaneceu estudando e trabalhando na cidade⁶⁰. Conta que Pinto Mendes, gerente do Diário de Pernambuco, o havia encarregado de parte da seção comercial do jornal. Seu trabalho consistia em copiar nas agências de vapores os manifestos de mercadorias

⁵⁸ FREYRE, Gilberto. Diário de Pernambuco. 11/05/1924. In: *Tempo de Aprendiz*: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor. (1918-1926). Vol. 2. São Paulo: Ibrasa, 1979. p.16/17.

⁵⁹ AMADO, Gilberto. *Minha Formação no Recife*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1955. p. 15

⁶⁰ Gilberto Amado era natural da cidade de Itaporanga no Estado de Sergipe.

importadas. Então, de manhã ou à tarde, lá ia ele, pelo Cais do Apolo, pelas ruas do Comércio, do Brum, Bernardo Vieira de Melo, Bom Jesus e outras. Era um caminhante desenhando com seus itinerários sua cidade, sentindo o sol e a brisa do mar. Certamente, sentindo os odores do melaço de açúcar vindo dos armazéns. Mas seu percurso pela cidade não era apenas poético. Conta que o sol reluzia cruíssimo nas pedras desajeitadas do calçamento todo esburacado. Segundo narra, no inverno as poças de lama de água fermentada eram tantas que se tornava difícil evitar molhadelas de sapatos e salpicos nas calças de casimira. No entanto, enfatiza que pior mesmo eram os ratos mortos que por aquelas ruas se espalhavam, fazendo-o, com medo da peste bubônica, se encolher todo quando passava, apertando o paletó e arregaçando as calças ao pular sobre *aquelas bolhas ominosas apodrecendo na soalheira*.⁶¹ Em suas lembranças, o Cais do Apolo e a Rua do Brum emergem envolvidas em mil odores e tristes aspectos, bem diferentes do Bairro de Caxangá, ressaltado por ele, com a frescura do Capibaribe, seu confidente sentimental, e o verde acolhedor das árvores.

O relato de sua formação no Recife e de suas relações com a cidade e seus habitantes evidencia que sons, cheiros, cores compõem a cidade e que sua criação não é monopólio de arquitetos e geógrafos. Os habitantes, e visitantes, de uma cidade, ao praticarem seus espaços, delineiam fronteiras antes inexistentes, abrem caminhos, constroem pontes, muitas inclusive imaginárias, que permitem trocas não apenas materiais, mas também de sonhos, temores e expectativas. Com as práticas dos espaços emerge uma outra geografia da cidade. Com as práticas, mas também com as palavras. Através da escrita, da narrativa que escolhe o que contar, que seleciona personagens e lugares também se constrói uma outra espacialidade, fora daquela traçada nos mapas e guias convencionais.⁶²

Aberturas de avenidas, implementação de projetos de saneamento, embelezamento do espaço público e muitas outras transformações na infra-estrutura e aspecto físico foram mudando as feições da cidade por onde caminharam Gilberto Amado na juventude e Freyre na infância, deixando-a com um “ar de civilização” como apregoavam políticos, jornalistas e escritores nas primeiras décadas do século XX. Essa modernização alterou não apenas a aparência física da cidade, mas também provocou profundas mudanças nos padrões de convivência dos seus

⁶¹ AMADO, Gilberto. Op. cit. p. 104.

⁶² Cf. CERTEAU, Michel. “Relatos de Espaços”. In: *A Invenção do Cotidiano*. p. 199-215.

habitantes.⁶³ No entanto, ressalta Antônio Paulo Rezende que, no Recife da década de 1920, a força da tradição e das dificuldades econômicas impedem que a modernidade tenha a excitação e a velocidade das capitais européias.⁶⁴

De todo modo, homens e mulheres passaram a ocupar a cidade mais intensamente. Dialogando, criando itinerários, foram construindo o Recife. Novos espaços de sociabilidade começaram a ser construídos. Aquela mulher destacada por Sette, dentro de casa, invisível aos olhos dos estranhos, ocupada com seus trabalhos domésticos, segundo ele *condicionada a regras inflexíveis de reclusão*, tem agora muitos espaços a descobrir, outras atividades a desempenhar. A igreja, os bailes nas casas dos conhecidos, os banhos de rios, espaços tradicionais de sociabilidade feminina vão perdendo espaço nas cidades para os cinemas, os magazines, os chás-dançantes e as praças. As mulheres de famílias tradicionais, esposas de políticos, irmãs de comerciantes e médicos, mães de jornalistas, e muitas outras anônimas registradas pelas crônicas sociais e notícias dos jornais, estão em movimento com uma enorme intensidade, lançando-se profissionalmente em carreiras até então vistas como masculinas, freqüentando ruas e adotando outros hábitos. O espaço público, mais que um lugar de trânsito, era um lugar de trocas. Trocas de sonhos, de desejos, de modelos de ser homem e ser mulher.

Importante pensar que as mulheres, antes das décadas iniciais do século passado, não estavam imóveis.⁶⁵ No entanto, os lugares de circulação eram restritos e muitos delimitados a cada um dos sexos. Talvez por isso, Gilberto Amado, jovem interiorano, tenha se surpreendido com as moças que afluíam para o salão nobre do Colégio Aires Gama em 1907, quando passaram a ser freqüentes em Recife as conferências literárias. As moças estavam presentes e dividiam o espaço com os poetas, escritores, chefes de escola, jornalistas e acadêmicos. Além da troca intelectual, estas conferências eram espaços de troca de olhares e de despertar de amores, do surgir da sexualidade. Verdadeiro temor para os pais eram sensações como as narradas por Amado, depois de uma dessas ocasiões:

⁶³Cf. COUCEIRO, Sylvia Costa. "Artes de Viver a Cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920". Recife: UFPE, 2003. p. XV. Tese de Doutorado.

⁶⁴ REZENDE, Antônio Paulo. *(Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997. p. 58.

⁶⁵ Mas, foram poucas as que abriram mão de seus papéis estabelecidos e romperam as fronteiras dos espaços reservados a cada um dos gêneros. Mulheres como Jacinta Cavalcanti, mãe da comunista Laura Brandão, que em 1909 separou-se do marido e deixou as três filhas, seguindo seus anseios e não os padrões da época se tornariam mais visíveis e menos repreendidas no século XX. Cf. BERNARDES, Maria Elena. *"Histórias Reconstituídas: Laura Brandão: invisibilidade feminina na política"*. Campinas: UNICAMP, 1995. Dissertação de Mestrado em História.

Saí da sala levando dentro de mim a visão do rosto e corpo de uma das ouvintes, de cabelos negros e olhos indiferentes. [...] O que me perturbava na hora de dormir, nestas noites, era o diabo dos olhos sobre os quais pousaram os meus durante a tal conferência sobre “Nuvens”. Escarafunchado por eles, eu lançava lençol no chão e mordia travesseiro. Certas noites vestia-me às pressas. Saía a correr. Andava nas ruas desertas horas e horas.⁶⁶

Desejo! Fogo! Gilberto Amado mostra, neste trecho, as angústias que visitam os enamorados, os medos e desejos. Em suas lembranças conta como morria de vergonha por ter “essas recaídas”. Era às margens do Rio Capibaribe que ele confessava, segundo classifica, “suas fraquezas”. O entregar-se ao amor e a outros sentimentos em relação ao sexo oposto aparecem em suas páginas cheias de relutância, de racionalizações.⁶⁷ Ressalta que ficava em transe quando se aproximava daquela moça com a qual se enleou na conferência literária. Moça nomeada por ele de “boneca de bandós”. Mas ficava muito irritado com isso, não queria que as pessoas notassem os seus sentimentos. Timidez apenas ou resistência em admitir como homem este tipo de “fraqueza”? Por que ter vergonha desses sentimentos?

Conta que se achava um rapaz muito feio e seu sangue tremia quando as mulheres se aproximavam. Ao menos agora, controlando o discurso que vai instituindo uma vida, emerge uma outra masculinidade dos seus relatos, não aquela pronta e cheia de interdições atribuídas historicamente aos homens. O rapaz de 17 anos de idade que protagoniza histórias na cidade do Recife lida com medos e inseguranças, distante do estereótipo de homem dominador. Assim, a cidade não é cenário apenas de prazer e conquistas amorosas e profissionais para homens e mulheres. Ela presenciara as angústias que experimentaram muitas delas e alguns deles na transição de modelos de comportamentos, procurando novas formas de expressarem e entenderem simbolicamente a feminilidade e a masculinidade.⁶⁸

⁶⁶ AMADO, Gilberto. Op. cit. p. 235.

⁶⁷ AMADO, Gilberto. Op. cit. p. 271.

⁶⁸ Sobre a construção da masculinidade como projeto oposto à feminilidade consultar: WELZER-LANG, Daniel. Op. cit. p. 462.

É necessário destacar que através da escrita inventamos o mundo e a nós mesmos. Assim, as memórias, enquanto escritos sobre um passado vivido, têm muito de criação, invenção, isto porque a ordem do vivido é diferente da ordem do contado. Tânia Regina Oliveira Ramos ressalta que a expressão da temporalidade em um texto de caráter subjetivo, comprometido com a história de quem conta, extrapola o real vivido. Aquilo que se convencionou chamar de realidade em relação ao passado, dificilmente pode ser definido ou isolado com precisão.⁶⁹ Assim, nos escritos destes homens que viveram os decênios iniciais do século XX no Recife, percebemos as astúcias, os desejos, os embates para trazer à tona um “mundo submerso”⁷⁰. Não entendemos estes relatos como registros fiéis de um tempo passado, aliás, nenhum documento deve ser assim concebido. Pensamos que documentos, como livros de memórias e crônicas, devem ser vistos como criação individual do passado; individual, mas não isolada socialmente, já que sabemos que os sujeitos históricos se constituem em suas relações com os outros e com o mundo ao seu redor. Portanto, ao falarem de si e das pessoas com quem conviveram, ao dizerem de suas impressões sobre outrora, estes homens nos possibilitam pensar, até imaginar, como foram educados, de como em seu tempo concebiam o mundo. Entrelaçando diferentes temporalidades, reinventam a si e aos outros, acionados por questões do seu presente. Um grande desenhista do seu passado e do passado do Recife é Gilberto Freyre. Homem formado não só na transição de uma economia agrária para a urbana, como também no entrecruzamento das culturas norte-americana e européia. *É uma angústia para as criaturas sensíveis viver nestas épocas de aguda transição*, ressalta em um dos seus artigos da década de 1920.⁷¹

Gilberto Freyre nasceu em 1900 em uma “casa-grande” nos arredores do Recife. Filho de Dr. Alfredo Freyre e de Dona Francisca de Mello Freyre. Na infância estudou no Colégio Batista Americano Gilreath, terminando os estudos secundários em 1917. Não foi para a Faculdade de Direito do Recife, como a maioria dos rapazes da época, viajando em 1918 para os Estados Unidos, onde estudaria Artes Liberais na Universidade de Baylor, no Texas. Iranilson Buriti de Oliveira, comentando a formação intelectual de Freyre e a peculiaridade de seu regionalismo, comenta que este nasceu sentindo o cheiro da cana-de-açúcar e ouvindo histórias

⁶⁹ RAMOS, Tânia Regina Oliveira. “*Memórias, uma oportunidade poética*”. Rio de Janeiro: PUC, 1990. Tese de Doutorado.

⁷⁰ Expressão usada por Valdemar de Oliveira ao referir-se as suas memórias. *Mundo Submerso*. 3 ed. Recife: FFCR, 1985.

⁷¹ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 20/04/1924. In: FREYRE, Gilberto. Op. cit. Vol. 2. p. 16.

de senhores a gritar com a cabrueira, mergulhado num ambiente em que o eito da cana e da bagaceira do engenho ainda eram vividos na memória dos moradores da Rua Afogados.⁷² Para Antônio Paulo Rezende, partindo de Recife para os Estados Unidos no início de 1918, estava Gilberto Freyre indo para *uma viagem de muitos tempos. Não aquele tempo linear, evolutivo, espremido do faz-de-conta do cotidiano, mas tempos que se entrecruzaram na memória, assombrando com seus conflitos, projetando com as suas novidades, despertando sonhos e inventando mundos.*⁷³ Era, sem dúvida, um privilégio, uma grande aventura intelectual para a época, representava uma mudança significativa nos costumes, um remexer com uma herança cultural recebida, com as tradições vividas numa sociedade com marcas bem fortes de patriarcalismo.

Seus *artigos de mocidade*, escritos entre 1918 e 1926, publicados no Diário de Pernambuco, são importantes para acompanharmos como Freyre, ao se deparar com certas práticas femininas nos Estados Unidos e na Europa, constrói seus conceitos sobre as mulheres. Nos seus textos percebemos ora posições favoráveis a certas reivindicações femininas ora uma “caturrice”⁷⁴, uma resistência frente aos chamados “direitos da mulher”. Observador atento do cotidiano e das relações sociais ao seu redor, evidencia muitas práticas femininas dos anos 1920. Estes textos são praticamente de gênero literário indefinido, pois alguns apresentam a estrutura jornalística, trazendo notícias, outros têm um tom de memórias e crônicas e alguns trazem discussões mais elaboradas, ensaios de seus estudos sociológicos. De toda forma, por serem divulgados num jornal de grande circulação, atingiam um público relativamente amplo e daí acentuarmos seu caráter formativo de subjetividades, as do autor e as do público.

Gilberto Freyre teve encontros com mulheres nos Estados Unidos que não apenas ultrapassavam o estereótipo da mulher dona-de-casa e mãe, como também lutavam pela igualdade de direitos políticos entre homens e mulheres, direitos como o voto. Mulheres como a Doutora Anna Shaw, segundo ele, grande oradora que *fazia da sua vida um apostolado, batendo pelos direitos do seu sexo*. Conta ele que no início de 1919, na Universidade de Baylor, onde ele estudava, esta sufragista fez

⁷² OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. *Façamos a família à nossa imagem: a construção de conceitos de família no Recife Moderno (Décadas de 20 e 30)*. Recife: UFPE, 2002. p. 96.

⁷³ REZENDE, Antônio Paulo. Op. cit. p. 141.

⁷⁴ Caturrice significa teimosia infundada, questionamento insistente. O próprio Freyre observa que seus amigos o achavam caturro em relação aos direitos femininos. Consultar seu comentário em 25/12/1921 no Diário de Pernambuco.

uma palestra argumentando que os Estados Unidos não seriam uma democracia enquanto as mulheres não votassem.⁷⁵ Na platéia, provavelmente de olhos bem arregalados e ouvidos atentos, Freyre escutava Doutora Shaw enfaticamente discursar:

Por que é que o homem vota? Por que é homem? Não. Porque é um ser humano, pensante. Também o é a mulher. A única maneira de refutar o argumento a favor do direito de voto das mulheres é provar que elas não são gente.⁷⁶

Na Universidade de Baylor ele também conheceu Miss Amy Lowell, escritora, erudita, segundo ele uma “mulher genial”:

Miss Lowell pertence ao grupo dos “imagistas”. Os “imagistas” preferem os pormenores exatos às generalizações vagas. Uma imagem exata, definida, precisa, faz mais que representar uma emoção ou uma idéia: apresenta-a. É por meio de imagens assim que Miss Lowell faz de seus poemas um gozo não só para o ouvido como para o olhar.⁷⁷

Portanto, contava aos seus leitores e leitoras mais que suas descobertas intelectuais. Mostrava práticas femininas, como a militância política de Dra. Shaw e a atividade intelectual da poetisa e crítica literária Miss Lowell. Embora educado em uma família onde o feminino era visto como símbolo de inferioridade e onde a autoridade emanava da figura do pai, ele teve a oportunidade de presenciar o caloroso debate na redefinição dos lugares de homens e mulheres na sociedade. Provavelmente as conversas que travou com Miss Lowell e Doutora Shaw e as atividades de suas colegas na Universidade de Baylor, foram decisivas para a inclusão das mulheres e a defesa de sua relevância social em seus escritos sociológicos.⁷⁸

⁷⁵ Da série de reportagens “Da Outra América”, publicada no Diário de Pernambuco de 24/05/1919. In: Freyre, Gilberto. *Tempo de Aprendiz*: artigos publicados em jornais de adolescência e na primeira mocidade do autor (1918-1926). Vol. 1. São Paulo: Ibrasa, 1979. p. 57

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 15/08/1920. In: Freyre, Gilberto. Op. Cit. p. 82.

⁷⁸ Refiro-me aqui a sua obra *Casa-Grande e Senzala*: Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. 43 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. Sem dúvida, a história do Brasil e a história das mulheres do Brasil não foram mais as mesmas depois de Gilberto Freyre e “Casa Grande & Senzala”, pois este alargou o conceito de história e construiu, digamos assim, uma “história inclusiva”, apontando homens e mulheres como formadores do Brasil mestiço. Nas páginas dessa obra, e também nas de *Sobrados & Mucambos*, ecoaram muitas vozes femininas durante muito tempo silenciadas. As mulheres agora, entravam em cena. Em que pese as generalizações de Freyre, quando assume a família patriarcal como único modelo, deve-se acentuar o seu pioneirismo e

No entanto, quando examinamos seus posicionamentos de juventude sobre o feminino, publicados no Diário de Pernambuco, percebemos uma espécie de “Projeto de Mulher”, onde predomina a concessão de algumas prerrogativas para as mulheres, desde que estas “não esqueçam”, “não percam” aquilo que, para ele, as definia: docilidade e maternidade. Quando envia a matéria sobre Doutora Shaw, posiciona-se da seguinte maneira:

Quando é que no Brasil a mulher, sem arrogâncias tolas, sem bulha⁷⁹, reclamará foros de cidadania? Ser cidadão não quererá dizer negligenciar os **deveres impreteríveis do sexo**. Preocupar-se inteligentemente com os negócios do seu país não fará a mulher menos carinhosa como mãe, menos terna como esposa, menos diligente como dona de casa.⁸⁰

A fala de Freyre procura criar uma essência feminina. Mães e donas-de-casa, destinos inexoráveis decretados em seu texto. Um discurso aprendido socialmente. Mas quem disse que a maternidade era um dever feminino? Quem disse que as aspirações máximas das mulheres eram o marido e a casa? A Igreja? A família? Os jornais? Instituições compostas de homens e mulheres. A meu ver, estes discursos repetidos incansavelmente por e para mulheres e homens tornaram-se verdadeiras prisões. Como se desvencilhar dessas determinações sociais? Como não deixá-las desvencilhar-se dessas determinações? Parece que a escrita, ou seja, o discurso apontado para a cidade, era uma estratégia para Gilberto Freyre.

A preocupação com o deslocamento do feminino de suas tarefas tradicionais, aparece em matéria de 06 de janeiro de 1920, inclusive publicada no *Waio news Tribune*, intitulada *As Mulheres Sul-Americanas*. Nela o jovem estudante traça em linhas gerais a educação feminina em seu país de origem, expõe sua alegria por ter recebido uma carta de uma amiga do Brasil, Miss Leora James, diplomada pela Universidade de Colúmbia, informando que havia aberto uma escola doméstica em Natal e que *moças das mais distintas do Estado estavam procurando aquela escola*;

sensibilidade ao focalizar questões como sexualidade, corpo e o cotidiano só há pouco objeto de interesses dos historiadores. No entanto, há pesquisadoras que observam ainda nas obras sociológicas freyreana reminiscências de um essencialismo feminino. Consultar: BANDEIRA, Andréa. “As contribuições Freyrianas para os historiadores”. In “*As Beatas de Ibiapina: do mito à narrativa histórica: Uma análise histórica usando a Abordagem de Gênero sobre o papel feminino nas Casas de Caridade do Padre Ibiapina (1860-1883)*”. Recife: UFPE, 2003. Dissertação de mestrado em História.

⁷⁹ Bulha significa gritaria confusa, zoadaria.

⁸⁰ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 24/05/1919. FREYRE, Gilberto. Op. cit. p. 57. Grifo nosso.

ainda, nesta matéria, demonstra insatisfação com a negligência do chamado por ele “ensino científico da ciência doméstica”:

A moça-sul americana é educada num colégio católico ou particular. Talvez ela não adquira uma boa educação completa. Muito cuidado é dedicado às línguas, música, bordados, e outras coisas são negligenciadas. O ensino científico da ciência doméstica é negligenciado nas nossas escolas de moças. Porém estamos começando a dar a essas coisas práticas a devida atenção.⁸¹

A formação das mulheres então para ele deveria ser pautada nesta negociação de papéis sociais. A educação completa deveria ser aquela que não permitisse que os deslocamentos femininos fossem tão radicais. Quantos pais e maridos não leram esta matéria de Freyre e formaram ou reforçaram sua visão sobre os lugares das mulheres no mundo? E quantas mulheres e homens não a questionaram? Percebamos então como, cercadas por discursos que não abriam mão de naturalizá-las, foi um empreendimento árduo para as mulheres construírem-se diferentemente, não se identificando apenas como mães ou esposas. Não esqueçamos também que, segundo este trecho citado, muitas mulheres ainda procuravam um tipo de educação agora vista como “tradicional”, porque nem todas – é importante ressaltar – se aventuraram nestes deslocamentos dos gêneros.

Porém, uma imagem mais nítida de como Gilberto Freyre construía a mulher para si e para seus leitores, aparece em matéria de 11 de dezembro de 1921. Conta ele a experiência de leitura de um artigo na revista *The Ladies Home Journal* e o recomenda aos seus conterrâneos. É um artigo sobre a esposa do Sr. Woodrow Wilson, ex-presidente dos Estados Unidos:

(...) Mulher caseira, donairosa, gentil. Nela se encarnam os espíritos de Marta e Maria, as doces qualidades que o sexo feminino dá provas de querer repudiar no seu delírio emancipador. Mrs. Wilson é o que pode haver de mais distinto na chamada “mulher nova”. Essas solteironas que andam com a boca cheia de “igualdade de sexo” e “direitos de mulher” devem achá-la criatura simplesmente detestável. Em Mrs. Wilson, não encontramos mulher irrequieta, querendo destruir com pontapés todas as fortes razões de biologia e de economia social a favor de a mulher permanecer mulher.⁸²

⁸¹ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 06/01/1920. FREYRE, Gilberto. Op. cit. p. 69.

⁸² DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 11/12/1921. FREYRE, Gilberto. Op. cit. 168/169.

Observa aos seus leitores que a característica principal desta mulher era a feminilidade, o que o agradava muito, pois, *quando há feminilidade a hierarquia do lar é fácil. Facílissima*, enfatiza.⁸³ O homem, para ele, deveria governar a casa, para o bem de todos e felicidade porque, afirma firmemente: “*não há delícia maior para uma mulher do que ser governada pelo marido*”. Ser governada e cuidar não só do marido e da casa como de toda a sociedade, eram responsabilidades delegadas às mulheres pelo jovem jornalista Gilberto Freyre. Após visitar uma Exposição de Saúde Pública no *Grand Central Palace*, ele não perdeu tempo em escrever matéria observando que nos Estados Unidos proliferavam sociedades cujo fim era *regenerar o mundo*, algo segundo ele extremamente simples. Contou aos leitores e leitoras que nas sociedades apresentadas nesta Exposição, a mulher tomava parte ativa, sendo notável para ele a colaboração feminina em serviços de caridade e assistência social. Rapidamente, sem desperdiçar tinta e papel, segue o texto conclamando as mulheres brasileiras a seguirem o exemplo norte-americano, obviamente ressaltando a compatibilidade desta atividade com a manutenção do lar:

[...] quem regateará aplausos às atividades dessa natureza, da parte da mulher. Não creio que interfiram com seus deveres máximos ao pé, ou na vizinhança, do fogão, do forno, do “boudoir”, do piano, do berço. Quão belo seria se, no Brasil, as mulheres se organizassem em clubes para tratar por exemplo, de como cooperar na obra de assistência social. Ou de como tornar mais toleráveis a olhos artísticos as desajeitadas salas de visitas da burguesia brasileira, com suas oleogravuras e os seus poeirentos portajornais. Ou, ainda, para promover exposições de rendas da terra ou trabalhos de madeira dos sertanejos.⁸⁴

Freyre aplaude estas atividades assistencialistas coordenadas por mulheres por estas representarem um tipo de organização que, no seu entender, não causariam grandes tumultos sociais. Aceita estas tarefas porque aprendeu que elas eram tipicamente femininas. Aceita também os cabelos *à la garçonnette*. Aceita tudo que não desloque as relações de poder atribuídas aos homens e às mulheres. Na verdade, faz concessões ao feminino. Divulga o modelo de mulher no qual acredita.

⁸³ Idem.

⁸⁴ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 25/12/1921. FREYRE, Gilberto. Op. cit. p. 172/174.

Um modelo em transição e, por isso mesmo, tão amplamente divulgado. O tema da mulher como potência civilizadora se imiscui em seus escritos. Tema muito antigo e sempre reatualizado, insistindo na imagem das mulheres como mães e como “possuidoras dos destinos do gênero humano”.⁸⁵ O problemático é que essa figura obcecante da mãe tende a absorver todas as outras funções, criando a invisibilidade feminina em muitos casos.

Todos nós somos educados entre práticas e discursos sobre o dever de homens e mulheres. Todos nós aprendemos os códigos que identificam estes lugares sociais. Mas, podemos, a partir das práticas sociais em nosso entorno, rever conceitos, inclusive nos refazermos em relação ao estabelecido socialmente a partir de nosso sexo. No entanto, parece que alguns discursos se acoplam aos sujeitos, evitando-os de transitarem no mundo de outra forma, de aceitarem as multiplicidades de comportamentos e valores. Provavelmente, os discursos sussurrados, de dentro da Casa Grande de Apipucos, ao ouvido do menino Gilberto Freyre, indicando a docilidade como atributo feminino e a rigidez como característica peculiar ao homem, instituindo a maternidade como signo do feminino, não pararam de repercutir em sua maneira de entender o mundo.

Sabemos que ao menos uma leitora escreveu para o jovem Gilberto Freyre. Ela insistia para que fosse mais explícito sobre o seu posicionamento em relação às mulheres e criticava sua generalização quanto ao comportamento delas.⁸⁶ Freyre limitou-se a tecer comentários sobre a moda dos cabelos curtos, comparando esta com a moda de cortar as copas das árvores rentes, o que o desagradava profundamente. Porém, anos antes, ele já havia publicado a seguinte afirmação: *da minha parte eu creio que as diferenças do homem não desabonam a mulher. Ser diferente não quer dizer necessariamente ser inferior*⁸⁷. Talvez mais que para os leitores e leitoras, Freyre afirma-se para si a não inferioridade feminina. Talvez estivesse procurando refazer os sussurros da infância, procurando acreditar que as mulheres não eram inferiores por serem diferentes. Porque mostras de que as mulheres não eram mesmo inferiores não faltaram no Recife dos anos vinte, fazendo com que Gilberto Freyre e o Recife se deparassem com formas surpreendentes de ser homem e de ser mulher.

⁸⁵ Sobre as representações em torno das mulheres e sobre este papel que lhe é imputado consultar PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

⁸⁶ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 31/08/1924.

⁸⁷ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 26/02/1922.

1.2 Os arriscados vôos da vida: fragmentos de práticas femininas

Tarde de sol e movimento intenso nas ruas do Recife. Muitos bondes deslocando-se para o subúrbio. Famílias inteiras apressadas para chegarem ao Prado da Madalena, provavelmente duvidando do que tinham lido. Era 18 de setembro de 1927 e, em pleno verão, os ventos traziam novidade. Dentro e fora do Prado muitos automóveis parados. Os bondes não conseguiam chegar até o portão do Jockey Club, ficando estacionados na Praça João Alfredo. O policiamento foi mobilizado, afinal, ninguém gostaria que tanta festa acabasse em tumulto. Os quatro páreos de corridas de cavalos daquela tarde foram vistos sem o interesse habitual, pois, as famílias presentes estavam acostumadas, desde a virada do século, com o turfe e outros esportes ao ar livre como o ciclismo e a esgrima. A ansiedade na assistência aumentava, até que às 16 horas, no intervalo do terceiro para o quarto páreo, foram avisados que a atração inusitada logo começaria. Longe dos olhos da platéia, Mademoiselle Juliette Brille preparava seu pára-quedas para amarrá-lo ao avião “Garoto”, do aviador Rolando.

Finalmente, às 17 horas deu-se o **“arriscado salto da morte”**.⁸⁸ A campeã sul-americana de salto em altura dirigiu-se ao avião e sentou ao lado do aviador Rolando. O “Garoto” ergueu vôo, subiu e elevou-se cada vez mais acima do prado. Afinal, de uma altura de 1.200 metros, a platéia de olhos fixos, comovida, viu precipitar-se no espaço, em queda, o corpo da senhorita, que abriu seu pára-quedas e começou a descer lentamente, acenando para a multidão. Depois de andar sobre as respectivas asas do avião e atirar-se no espaço, Mlle Brille foi aplaudida com entusiasmo por sua “arrojada proeza”, enquanto serenamente pousavam Rolando e seu aeroplano. Do alto, senhorita Juliette Brille certamente percebeu o entusiasmo das moças da cidade, talvez até a admiração, expressa naqueles atônitos olhos.

Moradores e moradoras da cidade estavam relativamente habituados com os aviões, uma das muitas maravilhas do século XX. Analisando o encanto da velocidade no Recife do início do século, Jailson Silva observa que a presença de

⁸⁸ Este foi o título da matéria publicada no Diário de Pernambuco de 1927 conclamando todos da cidade a presenciarem o salto em altura da mademoiselle. DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 18/09/1927. FUNDAJ. A descrição acima foi montada com elementos trazidos por esta matéria e a do dia 19/09/1927, que dava conta do desenrolar do evento.

aviões é encontrada nas crônicas e reportagens jornalísticas desde, pelo menos, os vôos experimentais de Santos Dummont pelos céus parisienses, por volta de 1906.⁸⁹ Já Lemos Filho, no seu *Clã do Açúcar*, destaca a presença do aviador Rolando. Segundo seu relato, em 1923, no mesmo Prado da Madalena, este aviador fez uma série de acrobacias no seu *aparelho Melindrosa*, subindo quatro vezes, dando cambalhotas, deslizando pelo vento *feito folha seca* e despencando das nuvens, caindo em vertical, *brincando com seu aparelho*.⁹⁰ Rolando era um velho conhecido do Recife. Podemos então pensar que o inusitado mesmo naquela tarde foi o salto realizado por aquela senhorita, que mesmo décadas depois continua causando espanto aos leitores desta sua história.

Sabemos quase nada sobre Mlle. Brille. Uma imagem praticamente destruída publicada num jornal há quase um século, sem a nitidez de suas expressões, o relato de uma tarde no Recife e a informação de que era campeã sul-americana de saltos em altura são fragmentos de sua vida. O relato desta tarde seria pouco se quiséssemos construir a história desta mulher, de quem sequer sabemos o país de origem. Porém, muito representa quando tomamos o salto desta senhorita anônima como uma metáfora da busca de muitas mulheres por construírem outros espaços sociais e outras histórias. O jornal anunciava “o arriscado salto da morte” por levar em consideração os riscos para o corpo daquela senhorita. Mas, mesmo se seu salto não tivesse sido bem sucedido, não deixaria de repercutir na vida de muitas senhoritas ali presentes. No entanto, sabemos que o salto foi um sucesso e muitas leitoras do Diário de Pernambuco sentiram-se movidas a arriscarem suas vidas pulando do aeroplano Garoto.⁹¹ Imaginem a euforia, a preparação para assistir o voo de uma senhorita tão ousada?! Imaginem como os corações das mademoiselles palpitavam para também se aventurarem, no “salto da morte”? Mas, palpitantes mesmo devem ter ficado os corações daqueles que resistiam a estas novas práticas femininas. E práticas como estas, na cidade do Recife e no resto do país, provocaram reações masculinas.⁹² Muitos expressaram nas páginas de jornal e revistas o assombro com essa “nova mulher” que vão a todo custo tentar defini-la, talvez para conviver melhor com ela.

⁸⁹ SILVA, Jailson Pereira da. “*O Encanto da velocidade: automóveis, aviões, e outras maravilhas no Recife dos anos 20*”. Recife: UFPE, 2002. Dissertação de Mestrado em História.

⁹⁰ LEMOS FILHO. *Clã do açúcar* (Recife 1911/1934). Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960. p.168.

⁹¹ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 19/09/1927.

⁹² MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Op. cit. p. 368.

Devemos pensar este salto de Juliette Brille situado numa época de muitos investimentos femininos na transformação dos espaços, geográficos e sociais, historicamente reservado às mulheres. O Recife enquanto espaço urbano presenciava a construção de territórios inusitados por mulheres e homens.⁹³ As ruas passaram a ser, como observa Alômia Abrantes, *cenários autênticos da pluralidade que marca a vida urbana, colocando em cena vários personagens*.⁹⁴ Juliette Brille, no Recife, protagonizou os extremos desta construção de oportunidades iguais para homens e mulheres.



**Imagem 1. Mademoiselle Juliette Brille.
Diário de Pernambuco. 18/09/1927. FUNDAJ.**

Porém, vôos menos extremos, mas decisivos, ficaram registrados nas páginas da imprensa. Saltos não para a morte, mas saltos para a vida, que fervilhava no comércio, nas praias e às portas dos cinemas no Recife. As anônimas senhoritas que percorrem as páginas de jornais e revistas nos mostram como seus corpos estavam à solta na cidade. Sorrindo, conversando, assistindo filmes, lendo revistas, conheciam e criavam possibilidades de exercerem o gênero feminino. Porque atravessados por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas,

⁹³ De acordo com Félix Guattari, o conceito de território incorpora a idéia de subjetividade, na medida em que não existe território sem sujeito. GUATTARI, Félix. "Espaço e poder: a criação de territórios na cidade". In: *Espaço e Debates: Revista de Estudos Regionais e Urbanos*. São Paulo: NERU, nº. 16, 1985. p. 110.

⁹⁴ SILVA, Alômia Abrantes. Op. cit. p. 23.

os sujeitos vão se construindo como masculinos e femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo.⁹⁵



**Imagem 2. Banhistas anônimas clicadas por uma Kodak.
A Pihéria. 19/11/1921. BPE**

⁹⁵ LOURO, Guacira, Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 3 ed. São Paulo: Vozes, 1999. p. 27.



**Imagem 3. Banhista anônima. Alegre, pulando nas águas.
Rindo do fotógrafo ou dos conservadores que temiam os
“tubarões” rondando as “sereias”?
A Pilhéria. 19/11/1921. BPE**



**Imagem 4. Um grupo encantador de Formosas Banhistas.
Sol, banhos de mar e muitas possibilidades à frente.
A Pilhéria. 19/11/1921. BPE**

Sabemos que as fotografias aprisionam a vida, transformando o simultâneo em instantâneo. Sabemos que criam naturalizações, induzindo certa leitura, como qualquer outro documento. No entanto, estas capturas do cotidiano, estes fragmentos, insinuem práticas e expressões daqueles fotografados. Cheias de significados, podemos pensar as imagens acima como textos visuais que, longe de explicarem a “realidade” destas mulheres, nos convidam a recriá-las.⁹⁶ Imagens que, assim como nos são dadas hoje a ler, antes foram publicadas e lidas pelos

⁹⁶ Sobre a possibilidade das fotografias como textos visuais. Cf. LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. “Texto Visual e Texto Verbal”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. (Org.) *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. 3 ed. São Paulo: Papius, 2004. p. 41.

moradores e moradoras do Recife, instituindo muitas idéias sobre a vivência do litoral por senhoritas e rapazes. De toda forma, expressões de alegria, de leveza do corpo com a possibilidade de passar o verão nas Praias de Olinda se insinuam através destas fotos publicadas na Revista Pilhéria. Revista de colaboradores persistentes, percorrendo ruas e praias, construindo um cotidiano para as senhoritas e senhoras do Recife. Maria Luiza Correia, Ezir Andrade, Dolores e Carmelita Cabral, Maria do Carmo Chagas, Carolina Bandeira, Carmelita e Nerine Maia, Thereza e Natercia Miranda, Francisquinha Cavalcante e muitas outras, tiveram seus nomes guardados nas páginas desta revista por serem observadas pelos comentadores do verão. A imensa lista de nomes de senhoritas permite percebermos sua intensa presença em Olinda e também como esta era uma atividade que faziam, em geral, acompanhadas de mãe ou irmã.⁹⁷ Aliás, embora Flávio Guerra comente que depois de 1918 as famílias recifenses começariam se libertando do que chama *tiranía do lar*⁹⁸, assim mesmo notamos como ainda as mulheres estavam sujeitas a uma relativa fiscalização das mães sobre as filhas e dos maridos sobre as esposas.

As praias mais procuradas até meados dos anos vinte pelas famílias do Recife ficavam em Olinda. Só em 1924 Boa Viagem, com a Avenida Beira-Mar inaugurada pelo governo Sergio Loreto, passaria a atrair os moradores do Recife.⁹⁹ As praias, com os banhos de mar e atividade ao ar livre, cumpriam função além da terapêutica propalada por médicos.¹⁰⁰ Encontros, namoros e conversas aconteciam no verão em Olinda. Com corpos mais à vontade, provavelmente os desejos também ficavam mais soltos:

Continuam animadíssimos os banhos de mar que dão origem, muitas vezes aos banhos de igreja. Na praia dos “Milagres” vão se operando verdadeiros milagres, o mesmo acontecendo em outros “cantos”, onde os tubarões cedem aos “encantos” dos “cantos” das sereias tentadoras! É que as praias de banho tem a propriedade de inspirar paixões e... puxões!¹⁰¹

⁹⁷ A PILHÉRIA. 19/11/1921.

⁹⁸ Cf. GUERRA, Flávio. Op. cit. 189.

⁹⁹ Cf. COUCEIRO, Sylvia Costa. Op. cit. 107.

¹⁰⁰ Sobre a perda de espaço dos banhos de rios para os banhos de mar. Cf. SETTE, Mário. Op. cit. p. 28/31.

¹⁰¹ A PILHÉRIA 1/10/1921.

O trecho nos indica as praias como território de conquistas e amores. No entanto, Sereias e Tubarões era o título desta matéria que, embora de maneira leve, conduzindo ao riso, sutilmente vai criando as oposições entre homens e mulheres. Mais uma vez emerge a figura feminina como símbolo de perigo, como aquela sereia que seduziu Ulisses e tantos outros. A sedução, a capacidade de envolver o masculino é um discurso historicamente atualizado e imputado ao feminino.¹⁰² O trecho também permite percebermos como a masculinidade hegemônica - aquela que consagra ao homem o papel de insensível e forte - é uma construção frágil. O homem aparece paradoxalmente como vulnerável às artimanhas femininas, às suas teias da sedução. Mas, claro, além de tensões de gênero, as páginas d'A Pilhéria dedicadas ao verão nos permitem perceber que, para além dos receios (ou desejos?!) de serem enredados pelas senhoritas, muitos jovens se inspiraram e deixaram versos dedicados às banhistas:

Acreditas em feitiços,
Em bruxas, em feiticeiras
Que sabem fazer enguiços
De mil e tantas maneiras.

Em semelhante processo
Não creio, mas, deslumbrado,
Quando te vejo, confesso
Que me sinto enfeitiçado.

Será feitiço o que sinto?
Que o seja tenho receio!
Vou percebendo que minto
Quando digo que não creio.¹⁰³

Outros espaços para as relações amorosas se delineavam nos anos vinte que, como vimos, não estavam mais, em sua grande maioria, sujeitas ao arbítrio dos pais. Trocas de olhares, sorrisos furtivos e os passeios esquivos pelos matos vão aos poucos transformando as regras do namoro.¹⁰⁴ Nas praias ou nos cinemas

¹⁰² Cf. ARAÚJO, Emanuel. "A Arte da Sedução: a sexualidade feminina na colônia". In: *História das Mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 45-77; DEL PRIORE, Mary. *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 44-67.

¹⁰³ A PILHÉRIA. 01/10/1921.

¹⁰⁴ Cf. AZEVEDO, Tales. *O Cotidiano e seus ritos: Praia, Namoro e Ciclo da Vida*. Recife: Editora Massangana, 2004. p. 73-127.

tornava-se possível trocar bilhetes amorosos e escolher o companheiro ou a companheira para fazer o footing nas ruas do Recife e comentar os filmes na saída das sessões. E, em 1920, as senhoritas e rapazes, no Recife, poderiam se encontrar para conversar e “flertar” nos vários cinemas e teatros.

Se preferissem o mais *amplo e confortável* - o mais *arejado e higiênico* - o mais *artístico e querido* - o *ponto convergente da sociedade elegante* do Recife se encaminhariam para o Teatro Moderno. Lá assistiriam Fidelidade com Elsie Ferguson, *um hino à mulher em sete triunfais atos de suaves emoções! A ascendência vitoriosa do chamado Sexo Fraco!* Mas, se optassem pelo Cinema Royal, assistiriam “A Pecadora”.¹⁰⁵ A escolha da sessão era ainda facilitada pelas imagens que os jornais traziam ao anunciar os filmes. São interessantes as fotos e desenhos que representavam as atrizes. Em “Fidelidade” uma figura feminina “romântica”, o estereótipo da mulher casada, respeitável; em “A Pecadora” uma mulher “ousada”, olhando para o alto, destemida, ativa, sem muitas preocupações com os códigos sociais. Modelos femininos que eram transmitidos, mobilizados e que criavam efeitos na subjetividade das leitoras e leitores. Certamente, o temor de pais e maridos não era apenas do escurinho do cinema, mas também das idéias, valores que as mulheres levavam consigo na saída da sessão. O cinema mobilizava imagens, discursos e experiências e interferia nas subjetividades, móveis e fluidas como estas são.¹⁰⁶



**Imagem 5. A exaltada ternura feminina.
Protagonista de Fidelidade.**

¹⁰⁵ Estas informações sobre as programações dos cinemas e teatros foram encontradas no Jornal do Recife. 1/01/ 1920. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE).

¹⁰⁶ Cf. ROLNIK, Suely; GUATTARI, Félix. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 6 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

Jornal do Recife. 01/01/1920. APEJE



Imagem 6. A Pecadora.
Olhar altivo. Jornal do Recife. 11/01/1920. APEJE.

Desde 1909, com a inauguração dos Cinemas Pathé e Royal, acontecera uma sensível mudança nos hábitos, pois, o cinema fascinava, com seus enredos e atores e atrizes, alterando os horários dos moradores. Para Antônio Paulo Rezende, o *Recife perderia aos poucos, seus fortes ares provincianos*, pois, com o cinema alargava os seus horários, movimentava-se mais o centro da cidade, com mais assuntos para conversar, novos ídolos e novos e agitados pontos de encontro.¹⁰⁷ Afirma Iranilson Buriti que, nos anos 20 e 30, o cinema contribuiu para modificar os costumes urbanos e circunscrever as pessoas a condições socioeconômicas diferentes. Para ele, o cinema *enquanto encenação da ficção como “realidade” e como campo do imaginário, domina as áreas mais elegantes do Recife e muda o itinerário das famílias.*¹⁰⁸

A possibilidade do cinema de interferir nos hábitos dos moradores da cidade, levou Gilberto Freyre em 1923 a publicar matéria observando o *poder de dominar e endireitar o mundo através das grandes telas*. Para ele, as pessoas estavam sendo *plasmadas* muito mais pelos reclames do cinema que pela escola primária ou qualquer outra forma de educação. Citando Monteiro Lobato, observava que o *Brasil de amanhã não se elabora aqui. Vem, em películas, de Los Angeles, enlatado como marmelada*. Neste artigo, afirmava a força enorme do cinema entre seus contemporâneos e defendia seu uso para a propaganda de bons e úteis

¹⁰⁷ REZENDE, Antônio Paulo. Op. cit. p. 78.

¹⁰⁸ OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. Op. cit. p. 85.

artigos, já que o cinema havia feito, segundo ele, bastante mal com o brilho perigoso que trouxe aos olhos dos seus conterrâneos.¹⁰⁹

Entretanto, o cinema, temido por muitos dos anos vinte por divulgar outros modelos de comportamento e outros códigos de feminilidade e masculinidade, não possui o poder de moldar as pessoas como acredita Gilberto Freyre e outros seus contemporâneos. O cinema aqui é pensado como uma tela que apresenta possibilidades e projeta sonhos, desperta desejos, mobiliza os sujeitos. No entanto, homens e mulheres são criadores de seus roteiros, protagonistas de suas histórias sempre únicas e irrepetíveis.

De toda forma, constituía mesmo o cinema o encanto dos recifenses de antigamente. Era passeio obrigatório das famílias aos domingos e dias feriados. Mas, além dos cinemas, exibindo cenas e divulgando idéias, existia no Recife um pequeno mercado editorial especializado em divulgar os filmes. Revistas como o Mensário Paramount e a Revista Cinema. O público feminino era o principal alvo destas revistas distribuídas gratuitamente. Responsáveis pela divulgação da programação dos filmes, dos bastidores da sétima arte, de relatar as curiosidades da vida de atores e atrizes, as revistas também tiveram um papel significativo na propagação dos modelos de masculinidade e feminilidade nos anos 1920. Isto se pensarmos que as imagens dos artistas e das artistas, dentre muitas outras possibilidades, podem ser tomadas como índices do que se considerava belo, harmonioso e ideal para os corpos de homens e mulheres no período. Podem ser tomadas estas imagens como signos que emitiam múltiplos significados, entre eles o do glamour e da sedução.

¹⁰⁹ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 26/08/1923.



Imagem 7. “A Vênus Americana”.
Mensário Paramount. 27/05/1927. BPE.

Publicada em 27 de maio de 1927, a foto acima é da atriz Esther Ralston, protagonista do filme “A Vênus Americana”. Acompanhava a foto uma página repleta de comentários, menos sobre o filme e mais sobre as “qualidades” da atriz. Mas, para satisfazer os curiosos trazia-se um pequeno enredo sobre a *Vênus Americana*, um filme sobre uma *delicada história de amor, um filme de moral seguro e definido*. Destacava a matéria que o corpo da atriz era divino, seus traços eram puros, harmoniosos, chegando a denominar seu corpo de venusiano. Provavelmente o enredo do filme era o que menos interessava, porque a beleza da atriz, segundo nos leva a crer o crítico, era o que mais atraía a platéia. Por isso, ele enfatiza:

Esther Ralston, a loira atriz que tem arrancado às platéias os mais vigorosos entusiasmos e as mais vibrantes agitações emotivas, delicia-nos os cúpidos olhares, nesta película, com a plástica de sua somática quase divina e com os traços puros, em linhas harmoniosas, do seu corpo venusiano. (...) É linda, na acepção lata do termo. É linda e encantadora, com esse encanto perturbador que se desprende, como um fascínio, das suas formas e de seus sorrisos doces e meigos. É o encanto de “a Vênus americana”.¹¹⁰

Quantas leitoras foram assistir A Vênus Americana? O que se comentou ao final da sessão? Não temos como saber, mas podemos pensar que estas imagens

¹¹⁰ MENSÁRIO PARAMOUNT. Ano 1. N 8. 27/05/1927.

provavelmente provocaram deslocamentos no ideal de beleza da cidade. Uma mulher magra, sedutora, bem-sucedida, branca e loira, emerge aos olhos das mulheres dos anos 1920. Divulgando notícias sobre filmes e bastidores, a revista divulgava um modelo feminino que destacava-se nas décadas iniciais do século XX. E é necessário destacar que na transmissão da mensagem não é só o texto que fornece as informações a serem apreendidas; elementos que acompanham o material escrito também conformam sentidos. A escolha e disposição de imagens não são procedimentos aleatórios, mas conformados segundo técnicas, e os efeitos suscitados variam de acordo com as diferentes manipulações do conteúdo imagético.¹¹¹

Segundo Maria Inez Machado Pinto, é interessante notar que o cinema, enquanto disseminador de hábitos e criador de moda, foi muito mais eficiente do que qualquer outro veículo que se propôs exclusivamente a isso na época, principalmente para fazer perpetuar, por meio das lembranças das imagens de certa cena, alguns produtos ou costumes. Observa que a *ditadura da moda* veiculada pelo cinema hollywoodiano e seus atores sobre o *senso comum* é comprovada quando se verifica a construção de verdadeiros manuais de moda ditados pelo *Star System hollywoodiano*, passando a ser a mais forte arma de propaganda para o consumo de objetos, roupas, perfumes, como por exemplo, o *gomex* dos cabelos de Rudolph Valentino, ou ainda os modelos de maiôs de praia usados pelas atrizes em cenas ousadas.¹¹² Assim, o universo cultural hollywoodiano, já nessa época, representava fonte inexaurível de padrões de hábitos, costumes, comportamentos, valores, moda; enfim, de um *modus vivendi* feminino.¹¹³

Lendo, por exemplo, o Mensário Paramount de janeiro de 1927, as mulheres e homens do Recife se defrontaram com muitas informações sobre a atriz Bebe Daniels. “Miss Daniels” tinha 1 metro e 63 cm de altura e pouco mais de 55 quilos de peso. Era muito dada a exercícios atléticos, exímia cavaleira e guiava com muita perícia automóveis de corrida, dotados de motores de força. “Miss Daniels” era um exemplo de jovialidade, um modelo de uma *nova mulher*.¹¹⁴ Certamente um modelo a ser seguido! A revista apresentava padrões estéticos que aos poucos dariam o

¹¹¹ Cf. GARCIA, Janaina A. B. *Mulheres Exemplares*: vidas contadas nos anuários das senhoras de 1953. In: *Revista Eletrônica História Hoje*. Vol.2. n°.5. Novembro-2004.

¹¹² PINTO, Maria Inez Machado Borges. “Cultura de Massas e Representações Femininas na Paulicéia dos anos 20”. In: *Revista Brasileira de História*. v. 19, n°. 38. São Paulo: 1999.

¹¹³ Idem.

¹¹⁴ MENSÁRIO PARAMOUNT. Janeiro de 1927.

contorno do corpo de muitas mulheres dos anos vinte. Apresentando as estrelas de cinema, cuja vida familiar fora das telas era sinônimo de veneração e bisbilhotagem, as revistas despertaram o interesse da platéia frente aos hábitos mais corriqueiros.



**Imagem 8. Greta Nissen, a Vênus Norueguesa.
Mensário Paramount. 02/1927. BPE.**



**Imagem 9. Gloria Swanson.
Revista Cinema. 12/1927.**

Mas, no Recife dos anos vinte, as senhoritas e senhoras, e os rapazes e distintos senhores tinham oportunidade de construir-se de muitas maneiras. Os modelos de vida não vinham apenas de Hollywood. As possibilidades de leitura eram muitas e cada uma interferiu de um jeito próprio no tornar-se homem ou mulher do período. No entanto, algumas mulheres da cidade não se contentaram apenas com a leitura e empreenderam vôos não pelos céus, mas nas páginas dos jornais, lançando-se em empreendimentos tão ou mais arriscados como o de Juliette Brille.

Mulheres que escreviam com os pés bem no chão, mas sonhando com a possibilidade de dar asas às suas contemporâneas. Elas não ficaram caladas, algumas tomaram a palavra pública e duelaram para construir seus espaços. Aliás, é bom ressaltar, havia um verdadeiro torneio de frases que ia definindo o masculino e o feminino.

Uma das discussões mais acaloradas era feita em torno do direito do voto. Nestas matérias, em geral, notamos como os símbolos que tradicionalmente definem a mulher são postos em discussão e como a experiência da Grande Guerra, que proporcionou o avanço feminino em vários espaços públicos, é mobilizada na hora de lutar pela igualdade política. Françoise Thébaud destaca que o século XX é o século em que muitas mulheres, cada vez mais mulheres, tomaram a palavra e o controle das suas identidades visuais; sublinhando o desafio político da representação, elas tentam quebrar os estereótipos e propõem múltiplas vias de realização pessoal.¹¹⁵ Beatriz Delgado, colaboradora do Diário de Pernambuco, era uma dessas mulheres preocupadas em destruir estereótipos. As oposições eram muitas ao espaço político que as mulheres almejavam alcançar, mas a articulista não se fazia de rogada e contestava.

Em 1927, em matéria sobre voto feminino, ela procurava provar a capacidade intelectual das mulheres pelos exemplos de contribuições materiais que estas estavam demonstrando. Destacava as variadas ocupações das mulheres, as mudanças no estilo de vida e a apropriação dos seus corpos, mobilizados, ativos, durante períodos de exceção. Seu texto enfatiza que durante centenas de anos a *mulher foi escrava do domínio do homem*. Descreve o cotidiano feminino antes da Primeira Guerra, a educação para o lar, o controle por parte dos maridos e a ausência de uma renda própria. Elege a Grande Guerra como marco para as novas aspirações e oportunidades femininas. Argumenta em seu texto, ironicamente, que com esse evento *viu-se esta coisa estranha, a mulher igualar-se em inteligência, em heroísmo, em generosidade, ao mais extraordinário dos homens*. Destaca as mulheres que foram cuidar dos feridos durante a guerra, ressalta aquelas que ficaram e enfrentaram uma dupla jornada cuidando do sustento material e da educação dos filhos, exalta aquelas que dirigiram ambulâncias e ficaram de vigílias.¹¹⁶

¹¹⁵ THÉBAUD, Françoise. *História das Mulheres no Ocidente*. Vol. 5. Porto: Edições Afrontamento. 1991. p. 11.

¹¹⁶ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 19/06/1927. FUNDAJ

Seu texto utiliza taticamente a Grande Guerra, uma experiência diretamente alheia às mulheres brasileiras. Apropria-se de discurso vastamente utilizado pelas sufragistas na Europa e nos Estados Unidos sobre a participação feminina na Grande Guerra, procurando sensibilizar os adversários do voto feminino no Brasil. Em outro trecho de seu artigo, publicado na *Sessão Femina* do Diário de Pernambuco, comentando as dificuldades de atingirem o sufrágio, insinua as tensões experimentadas por mulheres que viveram em anos de transição de valores e comportamentos:

Para que serviu, então, a abertura de universidades, de oficinas, de cargos oficiais, para o sexo feminino? Se as não querem igualar ao homem, deixem-nas incultas e autômatas em lugar de apregoarem a necessidade da instrução! Agora, abrirem-lhes os olhos à luz, fazê-las sentir a vida moderna, deixarem-nas embeber o espírito nos mesmos livros em que os homens se instruem e, depois, virem dizer-lhes que o sol não existe, que a vida não mudou desde há cem anos para cá, que a instrução é uma utopia, é irracional.¹¹⁷

Radical, neste trecho, Beatriz Delgado expõe como a conquista de uma outra educação formal e até mesmo a conquista de exercerem certas atividades, não era suficiente para as mulheres. A conquista do voto significava para ela, e muitas de suas contemporâneas, uma alteração nas relações formais de poder, do poder institucionalizado. Como observa na sua fala, compartilhar as mesmas leituras e ter acesso aos mesmos espaços tornava as mulheres mais cômicas de seus direitos, e isto era uma *vida moderna* para ela. Aliás, o vocábulo *moderno* no pós-guerra condensa várias conotações e ganha uma força expressiva ímpar, se torna a palavra-ação, a palavra-potência, a palavra-libertação¹¹⁸, e as mulheres, muito estrategicamente, se apropriaram dessa palavra nos seus propósitos políticos.

Beatriz tinha razão em observar que a vida havia mudado e que não era mais possível manter os lugares tradicionais de homens e mulheres, nem deixá-las à parte das discussões políticas. Ela sabia muito bem barganhar com os homens e astutamente reverter os discursos tradicionais a seu favor: *A mulher deve ter o direito de voto porque a vida, também depende dela. E se não, deixem as mulheres*

¹¹⁷ Idem.

¹¹⁸ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.228.

escreverem para a França mandando vir os bebês e veremos se os ilustres cavalheiros as substituem. Ela joga no campo do outro e procura tirar proveito do lugar instituído de mãe tanto louvado pela sociedade.¹¹⁹

O status político das mulheres nos anos vinte no Recife, e no Brasil como um todo, era ainda um desafio a ser conquistado e a mobilização feminina, no caso de Beatriz através da escrita, tornava-se fundamental. Estudando os ecos do feminismo na imprensa feminina do Recife, Inocência Galvão destaca que antes das mulheres serem consideradas na legislação como cidadãs, e como tal terem o direito de votar e serem votadas, muitas vezes, eram vistas como crianças grandes, bonecas, incapazes intelectualmente, sobretudo nos assuntos da política.¹²⁰ Mas, ao contrário dos discursos divulgados, lendo o Diário de Pernambuco dos anos vinte, com artigos sobre o avanço feminino em termos políticos e também sobre moda, beleza, tarefas domésticas e maternidade – assuntos da coluna *Femina* – muitas das contemporâneas de Beatriz Delgado defrontaram-se com modelos de feminilidade e com uma pluralidade de vivências do masculino e do feminino. Longe da incapacidade intelectual apregoada, elas estavam se articulando, se informando e se formando, com a série de matérias sobre mulheres ocupando diversos cargos em vários países da Europa e nos Estados Unidos. Lendo, se informando, as mulheres tinham possibilidade de formarem suas opiniões e, talvez, por isso mesmo, defrontaram-se com textos temerosos e resistentes aos exemplos de que uma outra organização social seria possível.

A divulgação dos movimentos sufragistas mundo afora vinha, em geral acompanhada de valores sobre o feminino e de insinuações sobre a perda de valores morais da sociedade. Podemos perceber essa estratégia editorial - ou seja, divulgar os fatos, mas de jeito nenhum isentamente - em matéria publicada em março de 1927. A matéria informava que na Inglaterra estava sendo cogitada a concessão de direito ao voto às mulheres maiores de 21 anos. No entanto, após os dois pequenos parágrafos da notícia intitulada “O feminismo avança”, passa-se a falar da retirada do véu pelas mulheres turcas e de como isso havia afetado a vida daquele país:

¹¹⁹ Sobre as discussões sobre táticas, astúcias e estratégias consultar Michel de Certeau. *A invenção do Cotidiano*.

¹²⁰ GALVÃO NETA, Inocência da Silva. “*Uma nova mulher: ecos do feminismo na imprensa do Recife (1920-1934)*”. Recife: UFPE, 2001. Dissertação de mestrado em História. p. 57.

A marcha que o feminismo vai realizando, em todo o mundo, a caminho de um triunfo definitivo, está se tornando, cada vez mais, ameaçadora. [...] Resta saber, porém, o que advirá da conquista feminina. Até bem pouco tempo, na Turquia, as mulheres ainda viviam sob o véu que lhes ocultava a beleza, dando-lhes, ao mesmo tempo, uma passividade tão feminina, tão encantadora, que Pierre Loti foi ao extremo de dedicar-lhes um volume inteiro, ainda correndo o mundo, em todas bibliotecas. No século novo, a rajada de progresso que atingiu à Turquia aboliu o véu e, por efeito dessa inovação nos costumes turcos, as mesmas mulheres, que inspiraram ao grande escritor francês a história d'As mulheres", desencantadas, deram-se elas também, às lutas masculinas, pois, segundo as últimas notícias de Constantinopla, várias delas têm sido presas por crime de contrabando de álcool. A diferença é sensível. E se isso veio, em tão pouco tempo, unicamente com a queda de um velho costume, bem se pode imaginar o que será o mundo, quando, após o direito de voto feminino a mulher passar a governar, completamente, homens e países.¹²¹

A matéria vai criando em seus leitores e leitoras uma relação de causa e efeito. A perda do véu e o vício do álcool, conquista do voto e o desgoverno do mundo. O voto e o véu aparecem como símbolos de uma tradição, de um desejo por parte de muitos homens de manterem cada gênero no seu suposto lugar. Por que a insistência destes discursos? Por que alardear um desequilíbrio mundial, culpando as mulheres por isso? Certamente porque perceberam que os discursos femininos, a mobilização pelo voto e por trabalho tinham uma platéia bem atenta na cidade. Mulheres lendo, escrevendo, criando redes de informações sobre seu lugar no mundo e na cidade. Sem dúvida, era motivo de pânico para muitos homens e, por incrível que pareça, para algumas mulheres, como Evangelina Maia Cacalcanti, que escrevia na imprensa, porém trazendo a reação ao que chamava de *progresso errôneo*.¹²²

Importante destacar aqui nossa discordância com Inocência Galvão Neta quando esta afirma que *ações tão avançadas para a época, como os escritos e reivindicações, não faziam parte do total da população feminina*.¹²³ Destacando o baixo número de alfabetizados no Recife do período, ela limita estas idéias às

¹²¹ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 23/03/1927.

¹²² A PILHÉRIA. 11/11/1925.

¹²³ Idem. p. 31.

mulheres da camada média. Entretanto, pensamos que as mulheres da camada média exerciam uma forte influência nos gostos, nos modos de se portar e se posicionar no mundo das mulheres de outras camadas sociais, sendo, portanto, multiplicadoras de valores e idéias que lhes chegavam através dos jornais e revistas. Dessa forma, os conteúdos da imprensa não se circunscreviam às camadas médias, mas sim, eram postos em circulação, através do contato com outras camadas sociais, feitos dentro e fora do lar. De todo modo, sabemos que a luta pelo voto no Brasil não teve as características de movimento de massas, como ocorreu nos Estados Unidos na Inglaterra.¹²⁴

Mas aqui, o que procuramos evidenciar não são exatamente as trilhas do movimento sufragista no Recife, mas antes, a escrita feminina como arma para duelar por uma outra representação social. Escrita que no entender de Michel de Certeau, é uma prática, um jogo de produção de sentidos. Produzindo textos, tendo um lugar próprio, nas páginas dos jornais e revistas, as mulheres puderam agir estrategicamente, exercendo através de seus textos um poder sobre a exterioridade, tentando mudar as regras já elaboradas sobre os lugares dos gêneros.¹²⁵ Inclusive, as páginas dos jornais eram trincheiras conhecidas das mulheres interessadas em movimentar suas contemporâneas para os chamados *direitos das mulheres*. Elizabeth Siqueira, analisando a chamada imprensa feminina, em Pernambuco, de 1830-1910, verificou que uma das formas de luta utilizada pela mulher do século XIX foi buscar sutil e inteligentemente, através de jornais, transgredir, transformar e transmitir valores estabelecidos por uma sociedade de padrões bastante sexistas, como era o caso da brasileira.¹²⁶

É necessário ainda frisar que nos anos vinte no Recife, além de exporem suas percepções sobre o mundo, procurando impor um projeto reformador do ser homem e do ser mulher, muitas mulheres conseguiram movimentar a atenção dos jornais e revistas, impondo-se como um público que não poderia deixar de ser levado em consideração. Circulando pelas ruas, visitando os magazines, freqüentando o trabalho e a escola, as mulheres apareciam como um público consumidor de informações e dos muitos códigos definidores da masculinidade e da

¹²⁴ Cf. ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1985. p. 47.

¹²⁵ Sobre a escritura e seu poder de criação consultar: DE CERTEAU, Michel. Op. cit. p. 226

¹²⁶ SIQUEIRA, Elizabeth Angélica Santos. "Dos alfinetes aos ideais". In: SIQUEIRA, Elizabeth Angélica Santos. Et. all. *Um discurso feminino possível: pioneiras da imprensa em Pernambuco*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1995. p. 34

feminilidade publicados através dos artigos e publicidade. Vale destacar que nos anos vinte as ruas do Recife eram percorridas por moças que iam não só para as aulas de magistério, como também por aquelas que freqüentavam o inovador Curso Comercial, no Colégio Pritaneu, *um escândalo para a época*, segundo Flávio Guerra.¹²⁷ Atento aos anseios das moças e senhoras que agora faziam parte do colorido da cidade, os editores da Revista A Pilhéria, não perderam tempo e dirigiram seu primeiro editorial a elas: *Sejam para vós, gentilíssima leitora, nossas primeiras palavras, porque do vosso carinho e da vossa bondade dependerá em grande parte a excelência do êxito do nosso empreendimento.*¹²⁸

A Pilhéria, revista semanal, humorística, *de Mil e Sem* por duzentos réis¹²⁹ começou a circular na cidade, conclamando, sobretudo às mulheres, a comprarem os exemplares seguintes. Não, A Pilhéria não era uma revista feminina, mas afirmavam os editores que serviria muito bem para colocar *um sorriso a flor dos lábios de seu marido carrancudo*. As solteiras também não poderiam deixar de ter esta revista, pois, se *“o seu papá é um velhote mais carrancudo ainda empregai o mesmo processo e o resultado será inevitável”*.

Parece que o apelo até funcionou, pois a revista circulou mais de uma década na cidade. Possuía muitas ilustrações e muitos anunciantes. Riam de tudo: da política, da economia, das famílias tradicionais, das festas, das missas e das moças e rapazes da cidade. Através dos anúncios e propagandas percebemos que era diretamente destinada à camada média. *Chronica Elegante*, *O qui nós vê na capitá*, *Perguntas indiscretas*, *Mabeme & C.* e *Des...portos* eram algumas de suas colunas. Num tom jocoso e irônico, os colaboradores não perdiam oportunidade de alfinetarem as transformações nas relações entre homens e mulheres e as alterações na própria maneira de se vivenciar um e outro papel naquele período de intensa remodelação urbana. Esta revista é um rico material para acompanharmos as descrições das práticas femininas e masculinas na cidade e as opiniões dos contemporâneos. Moda, trabalho, diversão, amor, tudo estava sobre a mira dos colaboradores da revista:

Todas as noites nós vai

¹²⁷ GUERRA, Flávio. *Crônicas do Velho Recife*. Recife: Edição Dialfrag, 1972. p. 49.

¹²⁸ A PILHÉRIA. Recife. Anno I, n°. 1. 3/09/1921. Obras Raras -Biblioteca Pública Estadual (BPE).

¹²⁹ *Mil e Sem* eram os pseudônimos dos diretores da Revista. *Mil* era Severino Alves Barbosa e *Sem*, Armando Oliveira. A partir do terceiro exemplar a revista passou a custar 300 réis. Circulou na cidade entre 1921 e 1931. Edição completa e encadernada na Biblioteca Pública Estadual de Pernambuco.

Aos cinemas vê as fita,
 Adonde hai muita imbruança,
 Muita madama bunita,
 E muita sem vergonhice
 Pru causo das supra-dita.
 [...]

As mocinha do Recife,
 Não qué mais vestido uzá;
 Os saiote sobe tanto
 Que inté faz medo se oiá!...
 Dessa manêra, Mamede,
 Adonde nos vae pra?!...
 [...]

O futingue, seu cumpade,
 É o qui nos chama passeio,
 Sem que tenha percisão
 De uzá esse nome feio,
 Esse nome cabulozo
 Qui das estranja nos veio!¹³⁰

Estes versos são da coluna intitulada “O qui nós vê na capitá”. Eram escritos por Arnaldo Lopes sob o pseudônimo de Fulorenço e Frutunata, dois matutos que enviavam, em versos, notícias da capital para os parentes no interior do Estado. Em linguagem matuta, vão apontando algumas práticas cotidianas femininas. Idas aos cinemas, saídas à noite ou a qualquer hora do dia, acompanhadas ou sozinhas, corpo mais à mostra e rosto pintado são destacados neste trecho pelo colaborador da Revista. Práticas de uma parcela das mulheres dos anos 1920 que foram objetivadas pelos seus contemporâneos como “práticas modernas”.

No Recife que se agitava e se divertia com os chamados divertimentos urbanos, vimos que as mulheres eram presença marcante e o articulista aponta a rua e o cinema como parte do itinerário de muitas delas. Portanto, este trecho nos fala de espaços onde agora moças e senhoras se deparavam com outras imagens e discursos sobre o feminino. Mulheres que por adotarem alguns dos hábitos descritos neste capítulo foram tachadas de “melindrosas”; eram apreciadas pelos homens,

¹³⁰ A PILHÉRIA. 01/10/1921. Biblioteca Pública Estadual (BPE).

mas não para serem suas esposas. Estas mulheres em dia com a moda, freqüentadoras de espaços ditos masculinos como os cafés e as casas de chá, praticantes de atividades por muito tempo exclusivas do masculino foram representadas como responsáveis por uma suposta quebra de fronteiras entre os gêneros e despertaram temor entre muitos homens e também entre as mulheres. Mas é importante pensarmos *melindrosas*, *modernas*, como nomes que procuraram definir, conceituar a multiplicidade da vida de algumas mulheres. Porque, o que é um nome? *Um nome não é mais do que isso: um epitáfio. Convém aos mortos, aos que concluíram*¹³¹, descobriria Vitangelo Moscarda, protagonista da história que conduziu nossas reflexões no início deste capítulo, e descobririam também muitas mulheres e homens nos anos 1920. Vivos, errantes, se depararam com muitos epitáfios.

Por fim, percorrendo fragmentos de vida, escutando homens e mulheres falarem de si e dos outros, conhecendo práticas e discursos de protagonistas de muitas outras histórias, notamos que não eram apenas os espaços do Recife que estavam sendo recriados, mas que os moradores e moradoras também se recriavam enquanto masculino e feminino nos anos vinte. A criação de uma outra forma de transitar no mundo era elaborada e despertava os curiosos, aqueles preocupados em definir e classificar tudo ao seu redor. Porque, afinal, são as palavras que vão dando inteligibilidade ao mundo, sentido aos sujeitos. Portanto, as revistas e os jornais, com trechos como os citados acima, podem então ser importantes para a escrita da história das práticas de nomeação, que classificam e hierarquizam o mundo, que instituem “uma realidade”. Podem nos conduzir a rachar as palavras e perceber a historicidade do que se diz destes homens e mulheres do período, ressaltando a vida dos sujeitos, além do epitáfio dos nomes.¹³²

¹³¹ PIRANDELLO, Luigi. *Um, nenhum, cem mil*. São Paulo: Cosac&Naify, 2001. p. 217

¹³² Estas idéias são tributárias da leitura de DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992.

CAPÍTULO II: Melindrosas e Almofadinhas: imprensa e representações dos gêneros

“A palavra dos homens é o material mais duradouro. Se um poeta deu corpo a sua sensação passageira com as palavras mais apropriadas, aquela sensação vive através de séculos nessas palavras e é despertada novamente em cada leitor receptivo”.

(Arthur Schopenhauer)

Em 1925, o *Almanach Illustrado Pernambucano* trazia aos seus leitores e leitoras a história do marido de dona Eugênia. Entre charadas, propagandas de cigarros e de estabelecimentos comerciais, era possível conhecer um pouco o cotidiano de Feliciano, um *inditoso* marido que era *solenemente recebido com gritos*,

empurrões e até mesmo bofetadas pela sua esposa. Nas duas páginas destinadas à história, dona Eugênia era retratada como um verdadeiro demônio em figura de gente. Os vizinhos sabiam do tormento do pobre Feliciano, sabiam quão infelicíssimo era este marido que fazia de tudo para evitar as investidas da esposa. Eles eram casados há muitos anos e, segundo a história, Feliciano não via a hora de *libertar-se* de dona Eugênia. O marido já havia recorrido a muitas tentativas de libertação sem resultados animadores e, assim, encontrava-se desalentado quando encontrou um amigo *dotado de longa prática de mulheres*. Durante o encontro com o cidadão expert em assuntos femininos, seu Feliciano entre outras coisas ouviu que era necessário energia para nunca deixar-se *avacalhar*¹³³ pela mulher, ficou sabendo que no casamento uma das criaturas deveria ser mais forte e, evidentemente, esta criatura deveria ser o homem. Seu Hemetério alertou Feliciano sobre o perigo de ser o fraco na relação e o aconselhou a ausentar-se de casa até que a esposa, não suportando mais a lacuna deixada pelo marido, solicitasse sua volta. Seguindo os conselhos, assim o fez o marido de dona Eugênia, ausentando-se por uma semana até a chegada da carta da esposa implorando sua volta e prometendo suicídio caso ele não a atendesse. Tudo levava a crer na mudança da esposa e seu Feliciano correu para casa em *pinotes exatamente como o trem da Great Western*¹³⁴. No entanto, o final da história surpreende Hemetério e todos os leitores e leitoras. O casal não se reconcilia, nem termina feliz para sempre. Ao contrário, Feliciano ao final da história, aparece internado no Hospital Pedro II, com o rosto todo deformado e com braços e pernas quebradas, vítima da violência de sua esposa dona Eugênia.

135

Feliciano é um marido pouco enérgico, aparece como o homem cordial, resignado frente ao temperamento intolerante e agressivo da esposa, seu lugar é o da vítima. Já Eugênia quebra completamente o estereótipo da fragilidade e doçura feminina, seu lugar é o da dominadora, do algoz. Construções relacionais de gênero. Seus lugares são definidos a partir da oposição construída entre eles mesmos. Só

¹³³ *Avacalhar* é um termo apresentado na história publicada no Almanach Ilustrado e significa *pôr em ridículo, desmoralizar*. Cf. Dicionário Aurélio. Versão Eletrônica.

¹³⁴ A GREAT WESTERN era uma companhia inglesa responsável pela construção de estradas de ferro no Brasil e desde 1875 desenvolvia seus serviços em Pernambuco. Além de passageiros, transportavam também os principais produtos da região como açúcar e algodão. *A Great Western of Brazil Railway Company Limited*, logo ficou conhecida no país como "*Greitueste*". Cf. PINTO, Estevão. *História de uma estrada-de-ferro do Nordeste*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.

¹³⁵ Cf. *Almanach Ilustrado Pernambucano*. Recife: 1925. p. 116. O Almanach custava 3\$000 e divulgava charadas, literatura, informações, etc. Localizado na Biblioteca Pública Estadual (BPE).

através da descrição do cotidiano do casal emergem as assimetrias de poder entre Feliciano e Eugênia. Mas, por que esse enredo nos soa tão incomum? Será por que nossa concepção sobre os lugares sociais de homens e mulheres já está completamente cristalizada? Por que narrar nos anos 1920 este tipo de história? São provocações que nos acompanharão ao longo desse capítulo. Porém, adianto que a questão da representação discursiva é fundamental para compreendermos as assimetrias de gênero que informaram e informam ainda nossas práticas culturais. Isto porque a representação do gênero é também sua construção e o discurso é um *locus* privilegiado de disputa de significados sociais, pois, nele estes significados podem ser revisados e subvertidos.¹³⁶

Histórias de casais aparentemente pouco convencionais, como Eugênia e Feliciano, foram recorrentemente divulgadas em revistas e jornais do Recife nos anos 1920. Mulheres avessas à autoridade do marido, destoando do lugar consagrado à mãe cuidadora de filhos, homens submissos aos gostos e poderes das esposas, responsáveis pelo cuidado com os filhos e com o lar, protagonizaram muitas das histórias lidas pelos moradores e moradoras da cidade. Então, se pensarmos as páginas da imprensa como um espaço escriturístico do qual nos fala Michel de Certeau, podemos inferir o quão significativo foram estes fragmentos de discursos sobre os lugares ocupados por homens e mulheres no espaço urbano. Podemos entender a escrita jornalística, uma prática permeada de valores circulantes no social, como espaço privilegiado onde se articularam idéias sobre as práticas sociais e a produção de um discurso visando universalizar a heterogeneidade dessas mesmas práticas¹³⁷.

Como intermediária e interventora social, a imprensa produziu concepções de masculino e de feminino, apoiou certos modelos e ridicularizou outros que acanhadamente passavam a emergir. Esse movimento configurou-se através da veiculação de crônicas ou de notícias. Outras vezes ainda, sob a forma de piadas, provérbios e quadrinhas, produzindo impactos diferenciados. Portanto, nosso percurso neste capítulo é conhecer os homens e mulheres de papel, não abstratos, porém, plenos de materialidade, que surgiram nas revistas ilustradas e nos jornais diários dos anos 1920 e perceber que gênero, que valores e símbolos são mobilizados nesta produção de um Homem e de uma Mulher do século XX. Para isto

¹³⁶ Cf. FUNCK, Suzana Bornéo; WIDHOLZER, Nara. *Gênero em Discursos da Mídia*. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2005. p. 9-11.

¹³⁷ Cf. CERTEAU, Michel. Op. cit. p.221-230.

separamos, reunimos, “transformamos em monumentos” - operação muitas vezes arbitrária - trechos de jornais e revistas que, à época de sua publicação, entretinham e informavam a cidade. Mudando o seu lugar e seu estatuto, perguntas foram feitas aos jornais, aos contemporâneos destes jornais, aos que com eles colaboravam e, diversamente dos leitores de outrora, questionamos o dito, aquilo apresentado quase como natural. Arbitrariedades? Talvez. Porém, certamente um percurso indispensável para a operação historiográfica.

2.1 A Imprensa do Recife no Jogo das Identidades

O Recife dos anos vinte era um empório comercial e não apenas praça de açúcar, era *porto e praça*, era a Faculdade de Direito e a recém inaugurada Faculdade de Medicina; cidade das Escolas de Engenharia e de Comércio e ainda *cidade da comunicação*, com uma imprensa considerada por Souza Barros a melhor do período e região, por distribuir seus jornais pela Great Western, com atraso de apenas um dia.¹³⁸ Notícias, produtos, valores, opiniões, imagens e discursos circulando, estreitando espaços geográficos, alterando a noção de tempo e, muito lentamente, uniformizando visões de mundo. Os considerados grandes jornais e as revistas circulavam na cidade imprimindo suas marcas no cotidiano permeado de tensões entre o antigo e o novo. Ainda segundo Souza Barros, no jornalismo, certos nomes se afirmavam porque o seu campo saía do tipicamente literário, passando na segunda década a apresentar aspectos do social, exigências de inconformismo, pensamentos mais ligados à *terra e à vida que todos levavam bem ou mal*. Também Antônio Paulo Rezende destaca que através dos jornais e revistas, a *cidade era visitada nos seus detalhes, nos seus modos e modas*.¹³⁹

Nas mesas de bares e cafés, os intelectuais do Recife reuniam-se para conversar, socializar suas produções e provavelmente definir as pautas de algumas das publicações do período ou o tema de sua coluna do dia seguinte. À época, a imprensa como divulgadora de idéias centralizava um poder enorme. Por isso, para Souza Barros, não se podia admitir um intelectual se ele não aparecesse na imprensa. Nas suas palavras, a grande porta da imprensa foi transposta na era dos 20 por intelectuais de marcado relevo – vindos, sobretudo, dos bancos acadêmicos,

¹³⁸ Cf. SOUZA BARROS, M. *A década de vinte em Pernambuco* (uma interpretação). Recife: FCCR, 1985. p. 73/74.

¹³⁹ REZENDE, A. P. Op. cit. p. 65.

cheios de idealismo, ingressando de peito aberto nas lides incruentas do pensamento e da ação, a serviço da comunidade. ¹⁴⁰ Para Iranilson Buriti, na década de 20, a imprensa enquanto um *hipertexto informativo e comunicativo* tinha uma forte atuação, e os jornais, segundo ele, funcionavam como *dispositivos de poder capazes de aglutinar opiniões divergentes, se impondo enquanto um “carro-chefe” no cenário da informação contribuindo para que a engrenagem industrial se fizesse ainda mais presente no seio familiar.* ¹⁴¹

Apesar destas considerações, é necessário acentuar que nos anos vinte os jornais e revistas ainda não possuíam o volume e acabamento com os quais estamos acostumados hoje. O Diário de Pernambuco, por exemplo, durante toda a década de vinte, manteve uma quantidade de páginas que oscilava entre dez e dezesseis, sendo ainda a maioria dedicada à propaganda. De certa forma, o corpo do jornal era composto por quatro, cinco páginas, repletas de variadas informações e notícias. Mas, numa década em que os preços da entrada dos cine-teatros variavam entre 800 réis e 3\$200 réis e o preço do jornal avulso oscilava entre 200 e 300 réis e onde ainda não existia um forte mercado editorial de livros, a imprensa, portanto, pode ser pensada como um significativo símbolo de uma outra sociabilidade que começava a ser erguida no início do século passado.

Como protagonistas desta outra sociabilidade nomeada de moderna, as mulheres e, mais especificamente suas práticas, foram alvo privilegiado de muitos colaboradores das revistas e jornais do Recife. Interessante acentuar que muitos dos intelectuais vistos como renovadores por Souza Barros insistiram, em suas publicações na imprensa, em um lugar tradicional para o feminino, divulgando valores decimonônicos que condicionaram grandemente a vida das mulheres. Isto numa época em que práticas femininas, como as focalizadas no primeiro capítulo, promoviam deslocamentos na idéia de feminilidade estabelecida. Não de forma isolada, uma vez que colaboravam com os discursos religiosos, jurídicos e médicos, estes colaboradores produziram muitos dos significados doravante atribuídos ao gênero feminino, pois suas narrativas divulgaram e naturalizaram certa identidade de gênero, uma vez que este, entendido como uma identidade

¹⁴⁰ SOUZA, Barros. Op. cit. p. 152.

¹⁴¹ BURITI, Iranilson O. Op. cit. p. 194.

cultural, não tem uma base imutável que se mantém a mesma no decorrer da história.¹⁴²

Dona Eugênia, figura feminina da história contada acima, exemplifica a operação de desnaturalizar, e novamente naturalizar, alguns atributos femininos condicionantes de uma pretensa feminilidade. Operação bastante ambígua e cheia de rancores, vale destacar, pois, naquela história, a mulher é apresentada como desestabilizadora da vida conjugal, um ser violento, quase uma aberração. Como aceitar a idéia de muitas mulheres não terem o casamento naquele período como projeto de vida? Ou como aceitar a iniciativa de muitas delas de terem poder de decisão na vida conjugal? Muitas das charges, crônicas e notícias publicadas neste período nos mostram que eram estes alguns dos mais recorrentes questionamentos feitos e, provavelmente, representações femininas como Eugênia foram uma forma de reação à desestabilização de uma instituição – o casamento – sempre tão valorizada e associada às mulheres. Parece que a família higiênica – com a mulher amorosa, mãe cuidadosa e o homem, pai protetor – triunfava a duras penas.¹⁴³ O trabalho como objetivo de muitas delas e o aumento do nível de escolaridade pode estar associado a uma visão menos ingênua do casamento, uma mudança de postura bastante lamentada no período:

(...) Que tristeza! Essas preocupações de dinheiro, não se inscreviam no coração das moças e rapazes de outrora. As conveniências materiais do casamento eram entregues aos cuidados das famílias. Para os rapazes e para as moças era o amor inicialmente, a razão suprema. Amavam-se. O resto era secundário. Ah! *Le beau vieux temps!*¹⁴⁴

Este trecho de Thercio Rosado Maia responsável pela matéria sobre “*Les beau vieux temps*” apresenta as mudanças nas relações entre os gêneros e nas concepções de amor e casamento construídas no início do século XX. O articulista salienta que o amor não era mais o único motor dos matrimônios e que as preocupações materiais faziam-se presentes na escolha do cônjuge. Mas, o amor era mesmo o motor das uniões matrimoniais no passado? Para a

¹⁴² Cf. BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

¹⁴³ Sobre os esforços médicos e do Estado na construção do ideal de família consultar COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. 5 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

¹⁴⁴ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 10/09/1927. p. 4. FUNDAJ

historiadora Mary Del Priore, no século XIX os motivos do casamento continuavam a passar longe do coração.¹⁴⁵ Na verdade, o cronista idealiza as relações amorosas do passado como forma de acentuar as características que o incomodavam no comportamento amoroso das moças e rapazes de seu tempo, porque, de fato, entre as famílias abastadas, o casamento geralmente foi considerado um negócio muito sério, não envolvendo gostos pessoais.

Porém, Thercio Rosado Maia, sobretudo, delineia a *praticidade* da vida e as respostas dos jovens e das jovens a esse “novo tempo” que passa a ser construído em oposição aos “belos velhos tempos”. Os interesses nas relações matrimoniais, sempre presentes, tornavam-se agora mais explícitos. Para este articulista da seção Femina – seção do Diário de Pernambuco dedicada ao público feminino – nos *novos tempos* havia a *promiscuidade da vida entre os sexos*, pois estes estavam reunidos a toda hora nos mil e um campos. Observa que *outrora as moças tinham namorados, solícitos, atenciosos e, muitas vezes cheios de cerimônia; hoje têm companheiros, amiguinhos*. As mulheres eram agora apresentadas, em tom de lamento, como práticas, pouco românticas, ousadas.

Contudo, contrariando o tom do artigo deste jornalista, a Revista *O Fogo, semanário crítico, político e noticioso*, divulgava em maio de 1923 um artigo intitulado “*As Moças*”, assinado por Madame Georgette, provavelmente um pseudônimo.¹⁴⁶ Em forma de conselho, procurava mostrar às moças os inconvenientes do amor, procurando mostrar-lhes as vantagens de serem práticas. Embora entendesse o amor como um sentimento muito sublime, Madame Georgette defendia a efemeridade deste sentimento e achava que as moças deveriam ficar cientes disso:

¹⁴⁵ DEL PRIORE, Mary. *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 156.

¹⁴⁶ Luís do Nascimento no seu livro *História da Imprensa de Pernambuco*, ao falar do periódico *O Fogo* não esclarece se Madame Georgette era um pseudônimo. No entanto, como o nome aparece em negrito junto com os nomes dos demais colaboradores e de seus pseudônimos, acreditamos que o grifo significa incerteza quando a identidade desta figura. Ainda segundo este pesquisador, *O Fogo*, circulou no Recife de 1823 a 1924. No entanto, na Biblioteca Pública Estadual de Pernambuco só encontramos um exemplar incompleto deste periódico que em 1924 teve a denominação alterada para *Rua Nova*. Cf. NASCIMENTO, Luís. *História da Imprensa de Pernambuco*. Vol.VIII. Recife: Editora Universitária, 1982. p. 160-161.

Viver de amor, é viver sozinha, é viver afastada de todos e de tudo. É ter um pensamento único, vendo uma só coisa, tendo uma só idéia. É uma vida sublime, deliciosa, é mesmo divina. Mas, tudo passa.¹⁴⁷

Algumas mulheres nas primeiras décadas do século passado ouviram os conselhos de Madame Georgette e mudaram o lugar do amor, ou do matrimônio, na pauta de suas aspirações. Em tom de brincadeira, algumas, inclusive, chegaram ao extremo de encararem os homens como inimigos. Ao menos a resposta da senhorita Helena Rocha, vencedora do concurso humorístico promovido pela *Revista A Pilhéria* expressa certa mágoa dos homens:

O que as mulheres desejam, no mundo com mais ardor,
É transformar em escravo
Quem delas se diz senhor¹⁴⁸

Publicados na seção *Perguntas Indiscretas*, os versos de tal senhorita respondiam à pergunta dos editores da revista: *Qual a coisa no mundo que as mulheres mais desejam?* O concurso teve grande participação feminina e três vencedoras. Mas, embora a participação das mulheres na revista fosse freqüente e os editores tivessem apelado para que isso acontecesse – como vimos na publicação do primeiro exemplar –, *A Pilhéria* veiculará insistentemente piadas sobre as preocupações femininas, diferentes do casamento. Num tom jocoso e irônico, os articulistas não perdiam tempo em ridicularizar o avanço delas nos postos de trabalho:

Foi nomeada para o cargo de terceiro oficial do povoamento do solo dona Mercedes Rocha, seguindo telegrama procedente do Rio. Acho bastante acertada semelhante nomeação, pois é verdade firmada que a mulher nasceu talhada para essa nobre função.¹⁴⁹

Além de ironizar as novas ocupações femininas, a piada ainda reforça o papel tradicional de reprodutora. Há a insistência em não deixar que as mulheres

¹⁴⁷ O FOGO. Ano 1, n.2. 14/05/1923. Coleção Pernambucana - BPE.

¹⁴⁸ A PILHÉRIA. 31/12/1921.

¹⁴⁹ A PILHÉRIA. 3/9/1921. Biblioteca Pública Estadual de Pernambuco (BPE).

esqueçam esse “inexorável destino”. É importante observar que o discurso sobre a maternidade, vista sempre como algo inato, “da natureza da mulher”, esteve sempre presente quando se tratou de limitar a saída das mulheres para o mundo público. Em outra matéria intitulada “*Triunpho do Feminismo*”, vemos o desenho do que seria o ‘lar moderno’: o marido de avental, cara sofrida com as crianças penduradas sobre ele, e a mulher, na sala de visitas, fumando e conversando com a amiga. Acompanha esse quadro, assustador para a época, os seguintes versinhos:

Enquanto o pobre marido
Com retorcidos bigodes
Contempla, assaz compungido
Os filhos pintado o bode
A esposa refestelada
Mantém, com bastante ardor
Discussão acalorada
Sobre política e amor.¹⁵⁰

A figura do marido novamente emerge como vítima. O lar aparece como uma bagunça, com os filhos desgovernados e a esposa dedicando-se a uma tarefa completamente fora do prescrito para as mulheres. A piada representa, provavelmente, cenas que passavam a ser mais recorrentes, mais visíveis no espaço urbano. Além disso, insinua como práticas não convencionais da feminilidade custaram a ser aceitas de forma tranqüila e, como a saída das mulheres para o mundo público não transformava o status delas diante dos seus contemporâneos, pelo menos não dos que se expressavam nas dezenas de revistas que estavam circulando. Mas, sobretudo, o quadro da condição feminina pintado acima procura mostrar os inconvenientes da politização da mulher e, o homem, um ser que sofre a maior das humilhações, cuidando dos afazeres domésticos. Mostra ainda que temas como o amor agora eram debatidos, já que as relações entre os casais, a instituição de um matrimônio deixava cada vez mais de passar pelo crivo dos pais. Portanto, a revista nos induz a pensar que as relações de gênero iam se alterando dentro do lar, onde, geralmente, são mais lentas as transformações. Será? Ou melhor, terá sido de forma tão enfática e generalizante como nos levam a

¹⁵⁰ A PILHÉRIA. 30/ 06/ 1922. BPE.

pensar? Por que divulgar esse quadro? O que ele representava nos anos vinte? Alerta aos homens? Alerta às mulheres?

Pensamos que *A Pilhéria*, como analisaremos ao longo deste capítulo, mesmo sendo uma revista humorística, não pode deixar de ser pensada como um significativo veículo de representação social. E pensá-la como representação social é entender que este veículo de comunicação está discutindo, produzindo, reproduzindo e, principalmente, dando circularidade às idéias, aos modelos, às aspirações, entre tantos sentimentos, de uma determinada sociedade. Isto porque, retomando o conceito de Chartier, uma revista traz em seu contexto todo um emaranhando de idéias que, ao serem interpretadas e contextualizadas, permitem, de muitas e diferentes formas, que os múltiplos sentidos construídos historicamente em um dado momento se tornem visíveis.¹⁵¹

E, no Recife dos anos vinte, visualizando as representações construídas em torno das mulheres, os rapazes passaram a também mudar sua postura diante do sexo oposto e começaram a receber conselhos de como se construir para estabelecer relações com aquelas durante tanto tempo vistas como fadas:

As fadas de hoje “flirtam” e dançam o “charleston”, gostam de automóvel e querem “bungalow”... Modernas! É essencial sermos mais do nosso tempo, e sabermos que as mulheres são todas lindas e, além de lindas, humanas e frágeis. A lição há de servir-nos um dia. E nós deixaremos então de acreditar na suave mentira das fadas. Linda mentira.¹⁵²

O que seria este homem do seu tempo? Homens desconfiados e inseguros? Embora indique como a masculinidade também é um projeto social e relacional, os conselhos acima de Peregrino Júnior, outro colaborador da seção *Femina*, indicam a desconfiança masculina quanto ao comportamento de muitas mulheres. Ele não apresenta os atributos deste homem do seu tempo, mas não perde tempo em delinear a figura feminina, apontando alguns hábitos das *fadas modernas*: o flirt, a dança, o gosto pelos automóveis e por habitações confortáveis. Peregrino Júnior constrói a mulher de seu tempo e não se esquia de ressaltar a fragilidade como traço que permanece nas *mulheres modernas*. O trecho então insinua como há um descompasso entre a situação das mulheres no tempo e a forma como elas

¹⁵¹ CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre práticas e Representações. Lisboa: Difel, 1988. p. 17

¹⁵² DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 28/08/1927. p. 7

são representadas, com certas características insistentemente reforçadas, levando muitos a acreditarem numa natureza feminina. São discursos como este publicado no Diário de Pernambuco que vão criando as supostamente naturais diferenças entre homens e mulheres; são estes discursos que socialmente constroem uma natureza feminina e uma natureza masculina.¹⁵³

Lendo as páginas do Diário de Pernambuco os homens e as mulheres no Recife se defrontavam com muitos outros símbolos socialmente compartilhados sobre eles e elas. Defrontavam-se também com uma série de investimentos para que estes símbolos definidores dos gêneros não fossem questionados. A seção *Femina* era o espaço do jornal que assumia diretamente este empreendimento de divulgar e construir a feminilidade: *moda, elegância e a vida no lar e na sociedade*. Era uma seção de uma página, repleta de símbolos e conceitos normativos: dicas de casa, modelos de vestidos, normas de conduta da mulher solteira e da mulher casada, receitas, opiniões, orientações para o corpo e para cuidar dos filhos, etc.¹⁵⁴ Com uma linguagem coloquial, eliminando as distâncias, muitas idéias sobre as mulheres aparecem como simples, cotidianas, frutos de bom senso, ajudando assim a passar conceitos, cristalizar opiniões, tudo de um modo muito natural.

Importante destacar que nenhuma das matérias sobre o feminismo e seus avanços no Brasil e no mundo foi publicada nesta “Seção feminina”, nos levando a pensar que de fato havia uma atenção especial na seleção dos temas a serem publicados. A opção de não publicar notícias, inclusive, é uma das características destas seções apresentadas como femininas, segundo Dulcília Buitoni. Para essa autora, a periodicidade deste tipo de publicação, geralmente semanal ou quinzenal, a faz distanciar-se do fato atual, e o não uso da categoria informativa lhe dá um caráter mais “ideológico”.¹⁵⁵ Ponderamos as observações desta autora, que possui um discurso historicamente situado nos anos 1980, para discordarmos da idéia de ideologia. A seção *Femina* expressa sim um conjunto de idéias, valores e opiniões procurando homogeneizar o mundo das práticas, no entanto, este conjunto de

¹⁵³ Para esta discussão Cf. SCOTT, Joan. *Gênero uma categoria útil de análise histórica*.

¹⁵⁴ A seção *FEMINA* entrou em circulação no segundo semestre de 1927, mais especificamente, em 02 de julho de 1927. Manteve regularidade durante este período e durante todo o ano de 1928, sendo publicada aos domingos. Em 1929 a coluna deixa de aparecer no jornal. Além desta coluna, supostamente direcionada para as mulheres, o Diário de Pernambuco veiculou uma seção denominada *MAGASINE* durante toda a década de vinte. No entanto, esta seção não possuía uma regularidade quanto aos dias da semana e nem mesmo costumava aparecer todas as semanas. Entendi que a lógica de sua aparição era a disponibilidade de espaço na edição do jornal.

¹⁵⁵ Cf. BUITONI, DULCÍLIA. *Mulher de Papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Edições Loyola, 1981. p. 2.

idéias, representações e enunciados, longe de ser ideologia, fazem parte da prática. Nada está implícito nas páginas dos jornais dos anos vinte. Há um discurso que confere existência às coisas e às pessoas nas páginas da imprensa e as naturalizam, fazendo com que elas sejam aquilo que está sendo dito sobre elas.¹⁵⁶

Além disso, a idéia de uma ideologia dominante obscurece a inventividade dos sujeitos nas suas leituras das páginas da imprensa.

Assim, a prática escriturística da imprensa - através das seções *Femina* do *Diário de Pernambuco*, *Mundo Feminino* da *Revista Mascote* e *Matronas e Melindrosas d'A Pilhéria*, entre outras – foi criando uma gramática sobre as mulheres e homens do Recife, um discurso, parafraseando Paul Veyne, cheio de preconceitos, reticências, saliências e reentrâncias inesperadas. Discursos estes perigosos porque, ao serem expostos, ganharam em muitos casos um caráter científico, articulando um conceito de mulher bastante homogêneo entre muitos contemporâneos. Nesta gramática, elaborada por aqueles que ocupavam as páginas das revistas e jornais, as mulheres deveriam ser ditas como sinônimo de prudência, justiça, fortaleza e temperança, quase seres não terrenos:

Prudência... para não alterar-se quando as coisas lhe desagradam.

Justiça... para reconhecer os méritos e faltas do marido.

Fortaleza... para suportar os males.

Temperança... para ter em tudo justa medida.¹⁵⁷

Ser esposa e não seguir as “quatro virtudes cardeais das mulheres” era motivo de recriminações doméstica e pública. Emergindo de lutas anteriores pela emancipação política, econômica e sexual, as mulheres das primeiras décadas do século passado que não deram ouvidos a conselhos como o acima divulgado sofreram críticas diretas e indiretas, algumas destas apelando para o riso, tentando conter comportamentos que desestabilizavam a idéia de uma feminilidade imutável. Geralmente as opiniões contrárias ao comportamento adotado por algumas mulheres se valiam de oposições, da polarização “mulher tradicional versus mulher moderna”, fomentando inclusive a não solidariedade de gênero. Apresentada como extravagante, prática, interesseira “a mulher moderna” deveria ser temida e

¹⁵⁶ Cf. VEYNE, Paul. Op. cit. p. 252.

¹⁵⁷ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 20/11/1927. p. 7

combatida pela “mulher séria, direita”, pois aquela poderia minar a tranquilidade do seu lar, seduzindo seu marido ou namorado.



**Imagem 10. “Ciúmes da esposa Honesta”,
Capa da Revista A Pihéria. 10/1921. BPE**

Um bom exemplo deste jogo de construção de identidades apresentado aos leitores e leitoras da cidade pode ser analisado no jornal *Diário de Pernambuco*. Em matéria intitulada “Mademoiselle Século XX”, após destacar as características da chamada “mulher moderna”, o colaborador César de Magalhães relata uma história deveras interessante sobre o encontro de duas mulheres, uma “tipo século XX”, e outra, provavelmente “tipo XIX”:

A propósito, viajamos a bem pouco tempo, na “Chemin de fer” bahiana, em companhia, isto é, no mesmo comboio de uma senhorinha tipo século XX, que dominava o carro com o seu espírito travesso e irrequieto, moderno. Nunca víramos mulher igual. Era um homem em tudo, mesmo nos trajes de cavaleira. A certa altura, creio que Entre Rios, linda matutinha tomou o trem e foi colocar-se *vis a vis* da tal mademoiselle. Talvez sentido com o desvio que sofreram os olhares do seu rosto para o rosto da sertaneja, Mademoiselle tanta diabruras e mangações lhe fez que a pobrezinha se viu obrigada a trocar de lugar, mas não sem um protesto terrivelmente adequado e verdadeiro na sua rusticidade: - Eu sou matuta, viu; mas não me troco por vancê não, seu home escandaloso.¹⁵⁸

¹⁵⁸ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 03/07/1927. p.7 FUNDAJ.

O relato de César de Magalhães opõe dois modelos de feminilidade. A “senhorinha tipo século XX”, com um espírito travesso, irrequeto, *moderno* e *em tudo igual a um homem*, contrapõe-se ao feminino recatado, não escandaloso. Já não tímida, delicada ou submissa, a *mulher moderna* ideal era retratada como enérgica e sociável. Representada ou criada de forma irônica, vale a pena destacar. Porém, além desta criação de uma identidade para “a mulher” de um século relativamente recente, o discurso mobilizado apresenta elementos que contrariam suas perigosas homogeneizações. Insistindo na leitura, percebemos como os comportamentos destacados são geograficamente diferenciados. De certa forma, o articulista limita as mulheres “tipo século XX” ao espaço urbano, mostrando que nem todas as mulheres contemporâneas do século em curso adotavam os hábitos por ele mobilizados na sua frágil definição do feminino.

Mas o próprio jornal Diário de Pernambuco delimitava fronteiras em suas páginas para as mulheres e os homens que destoavam dos modelos de feminilidade e masculinidade divulgados por seus colaboradores. As ébrias e as prostitutas, as violentas e as violentadas, os homens brutos e ciumentos, as relações tensas e assimétricas entre os gêneros – com personagens bem diferentes de Eugênia e Feliciano – percorriam as suas páginas de uma forma muito discreta. Suas práticas de ser homem e de ser mulher, cheias de dinamismo, explodindo qualquer tentativa de aprisionamento em um nome, apareciam de forma nebulosa na coluna FATOS DIVERSOS. Esta coluna era tão móvel no jornal quanto as personagens que apresentava. Nunca a primeira, mas podia ser a segunda ou a quarta página; poderia estar no topo ou no final da página e ainda poderia ser longa - com os casos mais curiosos, trágicos e inusitados da cidade e do estado - ou curta. Os espaços percorridos eram outros e as histórias relatadas interessam aqui, não como forma de pensar em termos de falsidade ou veracidade do que aparecia nas seções ditas femininas, mas sobretudo para visualizarmos o que se escolhia para narrar para um pretense feminino, ou aquilo que não se escolhia. A história de Joana de Matos, embriagada percorrendo as ruas da Regeneração e do Imperador, altas horas da noite, sendo detida por um rondante do cais por *ofender a moral* ou a história de Minervina Vasconcelos, moradora da Rua 1º de outubro, distrito de Santo Amaro, espancada com um cacete, de madrugada em sua casa, pelo seu ex-companheiro Manoel Rosário Magalhães¹⁵⁹, provavelmente, não representariam de forma

¹⁵⁹ Alguns dos “fatos” do DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 04/01/1925. FUNDAJ.

harmoniosa a mademoiselle século XX, aliás, tornariam muito mais complexa a tarefa dos definidores desta mulher tipo século XX, moderna, branca, atlética e asséptica. No entanto, mesmo distantes das seções Femina ou Magasine, histórias como estas estavam também presentes nos jornais; curiosas, trágicas ou engraçadas mostram como os homens e as mulheres, nomeados e nomeadas de populares, experienciavam a feminilidade e a masculinidade de múltiplas formas, rompendo com pretensas naturalizações, mesmo pagando um preço muito alto por isto.

Marcia Castillo Martín comenta que a escritora Virgínia Woolf ironizava em 1928 a surpresa que lhe causava o enorme interesse que a mulher como tema de estudo despertava na época. Isto porque entre as publicações dos anos vinte abundavam as dedicadas à “questão feminina”, muitas delas guiadas por certezas e afirmações dos seus autores que se erigiam como “especialistas em feminilidade”.

¹⁶⁰ Na imprensa também emergiram muitos dos “especialistas” e “analistas” da feminilidade e, provavelmente, César de Magalhães, no Recife, era um deles. Era ele uma das muitas vozes que procuravam definir as mulheres dos anos vinte e, em suas matérias, estas definições eram carregadas de perigosas oposições e naturalizações. Ao delinear práticas e valores adotados frente ao mundo e frente ao masculino por suas contemporâneas, este homem, com um discurso legitimado pelo lugar de sua fala, institui um modelo de feminino.

Ao mobilizar as expressões “Tipo século XX”, “Mademoiselle Século XX” nos mostra algumas das estratégias adotadas para nomear algumas das suas contemporâneas, ou seja, para suprimir a diversidade e homogeneizar no discurso os comportamentos femininos. Discursos homogeneizadores e que criavam efeitos de verdades. Michel Foucault, em seu texto Poder e Saber, destaca como se criam os efeitos de verdade ligados aos sistemas de informações: *quando alguém, um locutor de rádio ou de televisão, lhe anuncia alguma coisa, o senhor acredita ou não acredita, mas isso se põe a funcionar na cabeça de milhares de pessoas como verdade, unicamente porque foi pronunciado daquela maneira, naquele tom, por aquela pessoa, naquela hora.*¹⁶¹ Embora trate de sistemas de informações atuais

¹⁶⁰ MARTÍN, Marcia Castillo. “De corzas, climas, vegetales y otras feminidades: Ortega y Gasset y la idea de feminidad em los años veinte”. In: *Separata de la Revista de literatura y cultura España Contemporánea*. Tomo XVI, nº. 1.

¹⁶¹ FOUCAULT, M. “Poder e Saber”. In: *Ditos e Escritos*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

como rádio e televisão, acredito que suas argumentações podem ser estendidas à imprensa e pensadas para o período aqui abordado, visto serem os jornais e revistas constitutivos do sistema de informação predominante na cidade nos anos vinte.

Inclusive, a estratégia narrativa adotada pelo colaborador do jornal Diário de Pernambuco nos dá indícios para pensarmos a lucidez sobre o lugar de sua fala, a preparação para mostrar-se como aquele que informa, jogando, seduzindo e chamando a atenção de seus leitores e leitoras: “*Conhecem-na?*” De chofre esta pergunta abre sua matéria de 03 de julho de 1927. Retoricamente mobiliza a curiosidade de muitos que convivem com muitas mulheres adeptas das práticas salientadas por ele, mas que não têm o seu lugar social, o espaço de sua página, a autoridade a ele conferida para apresentar-lhes de forma universalizante quem eles conhecem de forma fragmentária e singular. Os leitores e leitoras conhecem mulheres múltiplas em suas ações, em seus desejos e medos, mas não conhecem “Ela”, a “Mademoiselle Século XX”. Então, depois de aguçar os sentidos dos leitores e leitoras do Diário, inicia sua descrição minuciosa, detalhando corpo e alma deste ser que ele não sabe *se é digno de admiração ou de piedade*:

Mademoiselle usa cabelos à la garçonne, à ingleza, à Rudolph Valentino, à demi garçonne, a isto, a aquilo outro. Geralmente é seca e esguia de corpo, uma mulher de pé e que sofre de charlestonite. (...) Tem faces rubicundas e lábios mais vermelhos que o sangue estuante do golpe de um toureiro. O vestido, quero dizer, os dois metros de fazenda, ora deixar ver as raízes dos seios ora sobe aos joelhos, quando não apresenta simultaneamente ambas as exibições.¹⁶²

A apresentação pública de algumas mulheres, a adoção por cânones de beleza diferentes das de suas antepassadas, de fato despertou os olhares dos contemporâneos, gerou desconfiças e um intenso debate em torno da identidade feminina. Numa época em que as identidades homem/mulher passavam pelas diferenças anatômicas para serem estabelecidas, César de Magalhães não poderia definir sua mademoiselle de forma diferente: cabelos curtos, corpo esguio, face e

¹⁶² DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 30/07/1927. FUNDAJ.

lábios vermelhos e, poucas roupas. Imagens desta mulher proliferavam, como a destacada logo abaixo:



**Imagem 11. “A estética da mulher moderna”
Detalhe da capa d’A Pihéria de 31/12/1921**

Provavelmente uma estética perturbadora para ele e para muitos outros homens. Porém, ele não se ocupa apenas de criar um corpo para sua “mulher século XX”, atribui-lhe valores de espírito e, de certa maneira, alerta para os perigos dos que cruzam à sua frente, assegurando que todos são vulneráveis a esta “nova mulher”:

É frívola, fútil, sem espírito, escondendo, todavia, sob estes aparentes defeitos, a imortal astúcia da serpente, em cujas redes se emaranham veneráveis intelectuais e os mais eruditos perspicazes.¹⁶³

Frívola. Fútil e astuciosa. Uma serpente. Símbolo da perdição dos personagens bíblicos, Adão e Eva, a serpente culturalmente foi associada ao feminino, reforçando um papel de sedução, de envolvimento. Embora desde o século XIX a Igreja Católica tenha começado a divulgar uma nova imagem da mulher, que deixa de ser vista como a Eva pecadora, como um ser astuto e diabólico sempre pronto a seduzir os homens, César de Magalhães permanece divulgando esta imagem negativa do feminino.¹⁶⁴ A ligação feita entre as mulheres e alguns animais, ou mais diretamente entre a mulher e a natureza também continua uma prática muito recorrente e, no mais das vezes, para imputar-lhe uma natureza.

¹⁶³ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 3/07/ 1927. FUNDAJ

¹⁶⁴ Cf. CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais: a condição feminina em Teresina na primeira república*. Teresina: FCMC, 1996. p.113.

Contemporâneo de César de Magalhães, embora geograficamente distante, o filósofo espanhol José Ortega y Gasset, entre 1923 e 1927, valeu-se de referências a animais e plantas para legitimar a desigualdade entre homens e mulheres, uma desigualdade baseada exatamente nas diferenças físicas e, numa suposta diferença de espírito:

Si intentamos imaginar el alma de una planta, no podremos atribuirle edeas ni sentimientos: no habrá en ellas más que sensaciones, y aun éstas vagas, difusas, atmosféricas. La planta se sentirá bien bajo un cielo benigno, bajo la blanda mano de un viento suave: se sentirá mal bajo la borrasca, azotada por nieve inverniza. La voluptuosidad femenina es acaso, de todas las humanas impresiones, la que más próxima nos parece de la existencia botánica. ¹⁶⁵

E se a mulher se assemelha em alguns aspectos às plantas, em outros se relaciona com a vida animal, especialmente em sua irracionalidade. O homem experimenta em seu trato com a mulher a “mágica” sensação de estar tratando com um ser que, ainda sendo humano, carece de razão:

El animal es también irracional, pero no es persona; es incapaz de darse cuenta se si mismo y de respondernos, de darse cuenta de nosotros. No cabe trato, intimidad con él. La mujer ofrece al hombre la mágica ocasión de tratar a otro ser sin razones, de influir en él, de dominarlo, de entregarse a él sin que ninguna razón intervenga. ¹⁶⁶

Características atribuídas a muitas das mulheres que aspiravam à igualdade política e de oportunidades nas décadas iniciais do século XX. Mulheres que despertavam admiração e medo ao desfilarem pelo asfalto das avenidas, ao passarem sob os olhares dos distintos senhores e das distintas senhoras ou ainda, sob os olhares, segundo César de Magalhães, dos “*derretidos almofadinhas*”. Sim, pois esta mulher que emergia das páginas da imprensa e de intelectuais tinha um companheiro de percurso no novo século, o homem tipo “Século XX”, com uma estética tão indefinida quanto a dela. E esta mulher criada de forma tensa, alvo de

¹⁶⁵ Apud. MARTÍN, Marcia Castillo. Op. cit. p. 52.

¹⁶⁶ Idem.

todas estas objetivações possuía ainda, segundo seus criadores, uma rotina estranha, uma sexualidade indefinida:

Com todas essas qualidades características, Mademoiselle parece-nos sexualmente indefinível. Levanta-se como todo homem, e vai às 8 horas de trabalho. Ama as jóias e as sedas, comparece ao tênis. Frequenta as colunas dos jornais. Voa como qualquer andorinha no espaço. Exerce todas as funções do homem.¹⁶⁷

Como todo homem, exercendo as funções do homem, voando literal e metaforicamente. A definição do feminino, mobilizada neste trecho, parece apontar para essa dificuldade permanente da ausência de conceitos que operem eficientemente nas indagações a respeito do que caracteriza um homem e uma mulher.¹⁶⁸ Dificuldade nos anos vinte e dificuldade contemporânea. Será que há de fato uma possibilidade de nos definirmos enquanto homem e mulher?! Mas... Continuemos no passado. Voar pelos céus como Juliette Brille. Voar nas páginas da imprensa como Beatriz Delgado. Voar sem sair das calçadas como muitas anônimas. Práticas femininas que tensionaram as fronteiras entre homens e mulheres nos são apresentadas neste trecho, com a própria constituição da identidade de um e outro aparecendo como questionável segundo os padrões até então vigentes. Cabelos curtos, agilidade física e determinadas atividades não eram mais exclusivas do masculino. Assim, as matérias vão definindo um e outro, vão sugerindo formas de praticar o gênero, de usar o corpo e, em geral, vão apagando as diferenças e instituindo modelos. Porém, estas naturalizações do feminino, este jogo de ressaltar qualidades, não era feito de forma tranqüila, sem embates. Nos discursos que procuravam representar esta mulher do século XX, algumas idéias chocam-se e outras se aproximam, demonstrando a fragilidade de muitas das argumentações.

Assim, no próprio Diário de Pernambuco encontramos uma matéria negando a fragilidade como traço das mulheres tipo século XX: *Mulher, o sexo frágil? Não*. A matéria é assinada da Itália por um colaborador do jornal chamado Gabriel D'Annunzio. Em três páginas ele delineia a mulher do novo século e a opõe enfaticamente a suas antepassadas: autônoma, ágil, vigorosa, intelectualizada e

¹⁶⁷ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 3/07/ 1927. FUNDAJ

¹⁶⁸ Sobre esta discussão consultar MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e violências: gênero e mal estar na sociedade contemporânea. In: *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo, 2003. p.39.

sincera. Além disso, dedica-se a descrever o corpo desta “nova mulher” e os aspectos mais significativos de sua personalidade. Como a maioria dos que escreviam, mostra a forma desta mulher encarar o casamento e de se relacionar com os homens, *de igual para igual*. Segundo ele, a mulher do século XX não se servia de seus ardis para lograr seus objetivos, pois acreditava na sua capacidade; tinha um caráter mais forte do que sua avó e respeitava, mas não temia, seu marido:

Não se vende, nem pelo casamento, nem por meio de relações ilícitas, mas fecha com o homem um contrato que lhe assegure a ela uma família no mesmo pé de igualdade. Já que não obedecerá mais, mas não ameaça desrespeitar. Sua fidelidade ao homem com que se casa é cláusula do contrato que conclui dignamente, de igual para igual e, quando posta à prova, mostra-se forte e mais nobre do que a lealdade e fidelidade de sua avó, da qual procede a cláusula “obedecer”. Seu respeito ao marido não é o respeito que tem o escravo ao seu senhor e que resulta do medo, mas o respeito de igual. Somente os iguais podem cultivar um verdadeiro respeito mútuo. Eis aí a mulher do século vinte.¹⁶⁹

A matéria de 1927 ressalta um novo lugar para as mulheres dentro da sociedade e as relações sociais estabelecidas com o outro sexo. Mas, embora com tantos atributos positivos e renovadores – construídos arbitrariamente contrários aos de suas antepassadas –, parece que o casamento é a única coisa que não se alteraria nos gostos desta nova mulher. O discurso reforça a noção do casamento como instituição indissolúvel. A família e o marido são insistentemente associados às mulheres. Parece, inclusive, que sua definição enquanto sujeito social estava condicionada a esta condição de mãe-esposa-dona do lar. Segundo a historiadora norte-americana Nancy Cott, nos EUA, graças a discursos como estes, o casamento tornou-se muito popular no período entre as duas guerras.¹⁷⁰ Maria Lúcia Mott e Marina Maluf também afirmam que nas primeiras décadas do século XX, os discursos procurando cristalizar certos papéis femininos, como a mãe e esposa, foram muito comuns.¹⁷¹

¹⁶⁹ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 8/05/1927. FUNDAJ.

¹⁷⁰ COTT, Nancy. “A Mulher Moderna: o estilo americano dos anos vinte”. In: THÉBAUD, Françoise. (org.) *História das Mulheres no Ocidente*. Vol. 5.

¹⁷¹ MOTT, Maria Lúcia; MALUF, Marina. *Recônditos do mundo feminino*. p. 373.

É necessário destacar ainda que o jornal não apenas nos informa sobre os novos papéis desempenhados pelo feminino no cenário moderno mas, sobretudo, cria uma outra feminilidade, através do discurso homogeneizante. Destrói-se o estereótipo da mulher “sexo frágil”, mas, por outro lado, termina-se por cair na armadilha das definições, da categorização do feminino, descartando a multiplicidade de se viver o gênero. A mulher do século vinte, assim, vai sendo construída em total oposição a suas antepassadas, como se as permanências não fizessem parte da história ou como se fosse possível apagar toda uma educação repressora, disciplinadora, formadora de homens e mulheres de décadas anteriores. Sem falar que as questões de classe social fortemente influenciam nas maneiras de viver a feminilidade, a masculinidade e o casamento. Assim, a forma de homens e mulheres manterem relações conjugais nas camadas populares, ao menos como aparece na seção Fatos Diversos, estava bem distante deste modelo veiculado pelo articulista. O “contrato” de casamento estabelecido entre Júlio Manoel da Silva, vulgo “molequinho”, e Maria Calixta da Silva estava longe da igualdade idealmente atribuída à “Mulher do Século XX”. Ele, segundo a notícia, tomado de fortes ciúmes, não titubeou quando, penetrando na residência localizada na Rua das Hortas, feriu nas costas a mulher com quem vivia. E algo parecido fez Severiano, que há muito vinha perseguindo Antonia Maria do Carmo, por esta não querer mais viver em sua companhia. De madrugada, na residência, agrediu a mulher, produzindo-lhe contusões nos braços.¹⁷² Respeito mútuo? Não nessas relações que emergem desse encontro com o poder, que ganham visibilidade nas páginas dos jornais e insistem em quebrar a harmonia de discursos tão cruelmente articulados.

De acordo com Alômia Abrantes, será na construção de um “novo feminino” que a imprensa atuará nos anos vinte como instância modelizadora de subjetividades. Ameaça e sedução são, no seu entender, as marcas da feminilidade emergente nas páginas dos anos vinte, que muda hábitos, cenas, que exige posturas diferenciadas na prática de viver a cidade, mesmo onde as permanências ainda se fazem presentes. Já Marcia Castillo destaca que este rompimento com os cânones estéticos e sociais, ao menos na Espanha dos anos vinte, foram interpretados imediatamente como uma vulnerabilidade da natureza. Em suas palavras “la adopción de nuevos cánones de belleza o de comportamiento social,

¹⁷² DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Publicados respectivamente em 07/04/1927 e 08/07/1927.

tan evidentes durante los años veinte en que las mujeres comienan a acceder a nuevas actividades, estudios o profesiones, no se interpreta como uma liberación femenina sino como la pérdida de su verdadera identidad y como una voluntad de contentar a la propia época, de integrarse en ella, en un momento que la estética se decanta por las formas ‘masculinas’”.¹⁷³

Portanto, acreditando nesta perda de identidade feminina, muitos homens como César de Magalhães, Peregrino Júnior e Ortega y Gasset e, algumas mulheres¹⁷⁴, publicaram seus escritos descrevendo e analisando o comportamento de suas contemporâneas. Também o Jornal Diário de Pernambuco veiculou insistentemente, entre os anos dez e os anos trinta, uma série de artigos e reportagens que falavam da crise da identidade feminina e a associavam à crise da instituição familiar. Crise esta, segundo Durval Muniz de Albuquerque, vista como motivada, em grande medida, pelo amplo movimento de nivelamento social, que estaria se refletindo na mudança de comportamento das mulheres que começavam a contestar a forma hierarquizada da família dita patriarcal e buscavam o nivelamento com os homens.¹⁷⁵ Porém, para esse historiador, as mudanças temidas eram mudanças que, em si mesmas, nada tinham de antinaturais, *já que também os pássaros fazem suas mudas e alguns animais como a raposa, perdem sua pele*.¹⁷⁶ O que estava ocorrendo no início do século XX, entretanto, era de escandalizar, pela indiferenciação que estava originando naquilo que a natureza teria tão bem diferenciado. Talvez por isso, por essa preocupação em “entender” a *crise do feminino*, os artigos que versavam sobre as mulheres tivessem na Revista Mascote um espaço tão destacado¹⁷⁷.

Em 1924, as leitoras desta revista ilustrada quinzenal encontraram artigos, ocupando quase todo o espaço da página denominada “Vida Frívola”, analisando nada menos do que elas mesmas. Um destes textos intitulado “A Mulher...”, escrito pelo cronista Elio num tom “historiográfico”, focalizava a maneira como, *ao longo da*

¹⁷³ MARTÍN, Marcia Castillo. Op. cit. P. 50.

¹⁷⁴ Para exemplos de mulheres que em seus escritos expressaram a preocupação com esta suposta crise de identidade, recomendo a leitura da dissertação de Alômia Abrantes da Silva. *As escritas femininas e os femininos inscritos: imagens de mulheres na imprensa paraybana dos anos vinte*. Recife: UFPE, 2000.

¹⁷⁵ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. Op. cit. p. 39.

¹⁷⁶ Idem. p. 41.

¹⁷⁷ A MASCOTE era uma revista ilustrada quinzenal que começou a ser publicada em novembro de 1924, obedecendo ao formato de 25x18, com 32 páginas e custando o exemplar avulso 600 réis. Segundo Luis do Nascimento, A Mascote publicou até 17 de fevereiro de 1925. Contudo, na Biblioteca Pública Estadual localizamos apenas um exemplar incompleto. Mais informações sobre este periódico Cf. Nascimento, Luis. Op. cit. p. 193-194.

história, as mulheres foram nomeadas pelos filósofos, como elas expressavam seus sentimentos e por que eram semelhantes aos homens, ao menos em um aspecto. Em seus argumentos, aparentemente - apenas aparentemente - favoráveis às mudanças nos comportamentos femininos, insiste, como muitos dos seus contemporâneos, em referir-se às mulheres como Eva. Segundo ele, no mau humor dos filósofos que se compraziam em falar *mal de Eva*, a mulher era uma criatura de cabelos compridos e sentimentos curtos; destaca ainda que existia no passado, numa espécie de epidemia literária, a irrupção de axiomas hostis às mulheres. Também relata que, desviados da *corrente feminófila*, havia os que não consideravam a mulher anjo, nem a tachavam de demônio, classificando-as *nada mais nada menos como um homem de sexo diferente*. Tece suas “análises” sobre diferenças e semelhanças entre homens e mulheres logo após “historiar” estas maneiras de encarar o feminino. Para ele, de fato não havia uma grande diferença entre a psicologia dos homens e das mulheres e havia, pelo menos, um ponto de inteira semelhança:

É que as mulheres, quando têm de referir-se aos homens, procedem exatamente como eles: ora os comparam a todas as coisas hediondas, classificando-os de falsos, frios, perversos; ora demonstram por um (ou mais de um) ardorosos entusiasmos, sem perder entretanto, o hábito de deprimir o sexo, por simulação ou coquetterie. Em suma, os homens e as mulheres são dois seres que se guerreiam, mas, que não podem viver separados, ou antes, guerreiam –se para melhor se unirem; simples estratégia de que lançam mão afim de ver se mais enganam o lado contrário e o dominam.¹⁷⁸

O articulista aproxima o comportamento de homens e mulheres, procura mostrar-lhes como eles não são tão diferentes assim em seus propósitos e procedimentos de conquistas. Afirma categoricamente que homens e mulheres não podem viver separados. Numa estratégia singular, mas não isolada, estabelece semelhanças e não diferenças entre os gêneros. O que dizer de uma argumentação tão bem estruturada como essa?! Talvez tenham sido discursos como estes que fizeram muitas historiadoras das mulheres soçobram na tarefa de enfrentarem verdades que parecem óbvias e que aparecem sempre como universais.

¹⁷⁸ REVISTA MASCOTE. Ano 1, n.º. 1. Novembro de 1924. BPE.

Todavia, dentre muitas outras possibilidades de análise, entendo que seu discurso não deve ser visto como algo positivo, embora, aparentemente lógico. Isto porque os textos, como este do articulista Elio, devem ser analisados levando-se em conta o contexto de sua produção. Num momento em que cada vez mais mulheres começavam a forjar seus próprios projetos de vida, a almejam algo mais que um casamento, a desatrelarem suas histórias da dos homens – por mais que isso hoje seja questionado –, o discurso do articulista apresenta-se, a meu ver, como cruelmente estratégico. Estratégico no propósito de manter consolidada a instituição casamento. Estratégico no propósito de apresentar a heterossexualidade como universal e natural. Para isso, sua retórica reveste-se de um tom adulatário para as mulheres, recurso na mesma época utilizado pelo filósofo Ortega y Gasset quando de suas análises depreciativas sobre o feminino.¹⁷⁹

Entendo que textos como o deste articulista são desafiadores, pois nos forçam ao exercício da leitura sintomática, aquela que procura a historicidade destes mesmos textos, que procura os arranjos sociais em que estavam inseridos, indicando os projetos sociais neles defendidos. Não é a preocupação com o que está oculto que orienta esse tipo de leitura, mas é a radicalização do ofício do historiador. É dar visibilidade ao que já está na superfície e nos recusamos a ver. Esta leitura sintomática nos leva à descrição arqueológica, aquela que não busca um outro discurso, mais oculto, mas mostra a especificidade do discurso, seguindo-o ao longo de suas arestas exteriores para melhor salientá-lo, descrevendo sistematicamente um discurso-objeto.¹⁸⁰ E insistindo no discurso do articulista Elio, seguindo suas reentrâncias, nos deparamos com a fragilidade de sua defesa das mulheres e com seu entendimento do feminino:

Quem poderá dizer hoje que a mulher é uma criatura de cabelos compridos e sentimentos curtos? Os seus mais ferrenhos ou convencionais inimigos poderão, num desvario, manter a última acusação contida no aforismo de que foi autor Schopenhauer, mas, todos eles estão inibidos de referir-se a cabelos compridos, pois, raras os possuem e estas mesmo é que são apontadas como desprovidas de sentimentos.¹⁸¹

¹⁷⁹ Sobre o uso da adulação ou bajulação nos discursos masculinos sobre as mulheres consultar MARTÍN, Marcia Castillo. *De corzas, climas, vegetales y otras feminidades*: Ortega y Gasset

¹⁸⁰ Cf. FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p.p. 153-158.

¹⁸¹ REVISTA MASCOTE. Ano1, nº, 1, novembro de 1924. BPE.

Sua suposta correção do aforismo do filósofo Arthur Schopenhauer resume-se aos aspectos físicos, a destacar os cabelos curtos femininos. De fato, muitas mulheres não mantinham mais os longos cabelos a orná-las. O próprio Elio em outros artigos de sua coluna Vida Frívola não deixava de destacar como se tornou mais recorrente o cabelo curto nas suas contemporâneas. Contudo, agora acrescenta como o hábito dos cabelos curtos foi objetivado por aqueles que viveram nas décadas iniciais do século passado: as mulheres de cabelos curtos eram desprovidas de sentimentos, provavelmente, de nobres sentimentos. Aliás, seu artigo apenas atualiza a expressão misógina do filósofo alemão do século XIX, confirmando as mulheres como serem de sentimentos curtos. O discurso do articulista insiste em pontos fundamentais da cultura cristã ocidental: o cabelo longo como símbolo do feminino, de diferenciação entre elas e os homens, e a questão da diferença de sentimentos que rege o masculino e o feminino. Permanências na forma de representar as mulheres e atualização do lugar de divulgação destes insistentes discursos.¹⁸²

Interessante notar que a Mascote, dirigida por Aládio Amaral, divulgava *artes, letras, variedades, informações, vulgarização científica, problemas nacionais, propaganda do nordeste e atualidades*. No seu expediente¹⁸³ havia uma nota destacando *a colaboração dos melhores elementos intelectuais e artísticos de Pernambuco, e de outros estados*. O expediente ressaltava ainda que a Mascote tinha circulação intensa no Nordeste, com representantes em todas as capitais brasileiras e vendagem avulsa em Maceió, Paraíba, Natal e Fortaleza. Portanto, o raio de propagação das idéias expressas por seus *colaboradores* era bem vasto e, embora não fosse uma “revista feminina”, através das seções *Vida Frívola* e *Mundo Feminino* expressavam e divulgavam claramente, para outras paragens, a concepção de mulher que predominava na Revista. E a criação, na verdade a atualização, de mais um dos atributos de feminilidade culturalmente imputados às mulheres pode ser percebida em outra de suas matérias.

Publicada na seção *Mundo Feminino*, a revista trazia um texto com a seguinte chamada: “*A Graça (Baroneza de Staffe – Os meus segredos)*”. O texto aparecia entre duas modelos desenhadas com roupas para o verão - um vestido e um conjunto de bermuda e camisa de mangas longas. Versando sobre a arte de

¹⁸² Sobre os ideais cristãos sobre as mulheres consultar PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*.

¹⁸³ Expediente era o espaço na primeira página da publicação que continha informações sobre o diretor e profissionais responsáveis, endereço, tiragem e preço, etc.

agradar, o artigo, trecho do livro de uma baronesa, citava exemplos de mulheres que *mesmo sem serem bonitas, dominaram corações rebeldes*, porque *a graça e a graciosidade eram a sua poderosa sedução*. Segundo a baronesa, a graça consistia em pequeninas coisas como *um olhar expressivo, uma ligeira atenção, uma palavra amável dita a propósito e a tempo, o aspecto, o vestuário e mil outros pequeninos atrativos indefiníveis*.¹⁸⁴

Coisa pouca, como se vê! Afinal, se Mlle de Vallière, amante do Rei Sol, Mme Cattin, romancista francesa, e a princesa Paulina de Metternick, *que era feia*, conseguiram ser graciosas, por que as leitoras da Mascote não conseguiriam?! Destacam-se as qualidades destas mulheres – timidez, bondade, brilho e arte de vestuário – como atributos a serem almejados por todas as mulheres. Atributos inclusive destacados como importantes para chegar a ser amada. Enfatizava-se que o Rei Sol estivera sob os pés de Mlle. de Vallière, que dois homens amaram violentamente Mme. Cattin e a Princesa Paulina havia sido uma das mulheres mais amadas da corte dos Tulherias. A conclusão alertava que a graça e a graciosidade, produziam um grande efeito sobre o homem mais grosseiro e rude, enfatizando que ela era *o raio de sol numa paisagem severa, o sorriso em feições nobres e graves, o calor da lareira num dia sombrio de inverno*. Sendo, então, *um atributo indispensável a todas as mulheres*.¹⁸⁵

A graça aparece como algo exclusivo do feminino. São as mulheres que devem, conforme o texto, investirem na construção das *pequeninas coisas* que as tornariam graciosas e, os fragmentos de vida das mulheres descritas importam, portanto, por seu caráter de exemplaridade.¹⁸⁶ Em nenhum momento o texto acena com a possibilidade de os homens construírem sua graciosidade, ou serem eles graciosos. As mulheres deveriam seduzir os homens, mesmo aqueles rudes e grosseiros. Elas mudariam, se tornariam graciosas. Eles permaneceriam os mesmos.

2.2. Aprisionando o masculino

¹⁸⁴ MASCOTE. Ano 1, n° 1. novembro de 1924.

¹⁸⁵ MASCOTE. Novembro de 1924.

¹⁸⁶ Sobre a divulgação de biografias nos periódicos femininos, consultar: GARCIA, Janaína A. B. “Mulheres Exemplares: vidas contadas no Anuário das Senhoras de 1953”. In: *Revista Eletrônica História Hoje*. Vol.2. n° 5. Novembro-2004.

Contudo, abaixo deste artigo da Revista Mascote, em letras bem pequeninas vinha o anúncio da loja *A Carinhosa*:

Os rapazes elegantes devem efetuar as suas compras na A CARINHOSA, 266, Rua da Imperatriz.¹⁸⁷

Destoando da matéria principal da página, a propaganda nos indica o interesse pelo público masculino. E a loja A Carinhosa não era um caso isolado. A propaganda veiculada nas revistas e jornais nos indica como alguns homens nos anos 1920 estavam interessados em serem também graciosos. Porém, a publicidade, como veremos adiante, embora nos indique um outro perfil de consumidor masculino, será ela própria responsável por forjar e atrelar as imagens de homens, mas principalmente das mulheres dos anos vinte, ao consumo.



Imagem 12. Artigos masculinos. Detalhe de propaganda da loja “Casa Pessoa”. Almanach Ilustrado 1925. BPE



Imagem 13. Um homem moderno. Detalhe da Propaganda da Alfaiataria Casa Yankee.

¹⁸⁷ MASCOTE, novembro de 1924.

Almanach Ilustrado 1925. BPE.

De toda forma, os reclames das casas comerciais da cidade para o público masculino, a exposição de imagens como as acima citadas e o detalhamento de certos produtos apontam a construção de um tipo de consumidor bem singular. O que chama a atenção são menos os produtos veiculados – porque roupas e calçados os homens sempre compraram – e mais o discurso propagandístico apontando valores e atributos que provavelmente entravam na pauta de preocupação de muitos homens. Assim, na Casa Muniz além de comprar com grande economia lenços, meias e camisas, o jovem sairia *caprichoso e inteligente*. Para os que não tivessem o dom de saber vestir-se não haveria problemas se fossem rápido à Casa Yankee, porque era lá que iriam todos que *procuravam a perfeita elegância*. A propaganda desta loja ainda destaca que o terno feito nesta loja tanta *graça* irradia que é justo que o freguês arranque da alma enleada um grito de surpresa e alegria.¹⁸⁸

Porém, as resistências àqueles que procuraram modificar, pelo menos, sua apresentação pública – os denominados Almofoadinhos - não foram menores do que as enfrentadas pelas mulheres. A feminilidade e a masculinidade eram recorrentemente vistos como imutáveis e qualquer deslocamento no socialmente estabelecido para eles e elas tornava-se alvo de críticas e chacotas. Dessa forma, assim como a imagem da esposa, mãe e dona-de-casa torna-se em muitos casos prisão para muitas mulheres, limitando suas experiências, a figura do marido e pai também aparecia como destino para muitos homens, procurando deixá-los sem outra escolha. Isto pode ser visto no Recife nos “Dez mandamentos do marido” publicados em 1925 na *Fogueira, livro familiar de sortes, artes, literatura e contos humorísticos*. O decálogo, supostamente assinado por mulheres norte-americanas, apresentava os deveres do marido. Generosidade, amabilidade, limpeza, bom humor, entre outras características, são exigidas do marido. No entanto, alguns dos pontos enfatizam o comportamento, digamos, prático, desse marido. Ele não deveria imiscuir-se no chamado governo da casa; deveria instalar seu lar longe das pessoas de sua família e da família da esposa, pois a intervenção destas pessoas viria mais cedo ou tarde a ser maléfica; não deveria aceitar hóspedes, porque a presença de um estranho em casa engendra suspeitas sob a esposa; deveria ainda

¹⁸⁸ Trechos de propagandas divulgadas no ALMANACH ILLUSTRADO PERNAMBUCANO, 1925.

ser bom e justo para as crianças, porque a mulher depressa se aborrece do homem rude e cruel.¹⁸⁹

A despeito de orientar os homens no exercício de marido e pai, o decálogo reforça significativas diferenças entre os gêneros. Reforça a idéia do espaço privado como espaço feminino, incita o isolamento do casal, insinuando uma tendência feminina a ser influenciada por terceiros e a ser vulnerável a críticas, por manter contato com outros homens. Porém, as teias que tecem o masculino são tão emaranhadas quanto as que tecem o feminino. O decálogo também aponta como o homem rude e grosseiro era visto como indesejável pelas suas supostas autoras e como a ele é ensinado certos atributos para exercer seu papel de pai e marido. Pedagógico, o decálogo instrui o homem a caminhar numa sociedade onde os valores patriarcais começavam a ser questionados. O decálogo ainda é significativo da construção relacional dos gêneros. Construir o marido era também construir a esposa.

O Diário de Pernambuco também demonstrava na década de vinte a preocupação com os deslocamentos do gênero masculino. A matéria publicada em 1925 na seção *Magasine*, intitulada “Governo Doméstico”, enfatizava como esta era uma atividade tipicamente feminina e como não cabia aos homens exercê-las. O masculino construído pelo jornal estava tragicamente ligado ao mundo público. As miudezas da gerência de uma casa não deveriam carregar os pensamentos de um homem. Isto, ao contrário, seria muito conveniente às mulheres, por mantê-las ocupadas e desviar seu pensamento de outras coisas. Ressalta o artigo: *Do homem a praça; da mulher, a casa*. Assim, digno de repreensão seria o marido que em tudo quisesse mandar.¹⁹⁰ Relacional, socialmente e desigualmente, os poderes são divididos no artigo. A naturalização de um poder privado para as mulheres, a idéia de as mulheres exercerem ocultamente um poder sobre os homens e de as esferas – pública e privada – serem naturalmente dispostas, foram idéias construídas para, em muitos casos, vetarem o acesso feminino às esferas públicas e institucionais de poder. Mas nem todos os homens compartilhavam com as idéias publicadas no Diário e, ao menos em suas práticas, continuaram fazendo alguns deslocamentos no exercício da masculinidade.

¹⁸⁹ A FOGUEIRA. Junho de 1925. BPE.

¹⁹⁰ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 18/01/1925.

Mônica Raísa Schpun salienta como os homens só existem como categoria, grupo social ou classe, em suas relações com as mulheres. Destaca que nem todos os homens têm o mesmo poder e os mesmos privilégios e que devemos perceber as hierarquias existentes entre os homens e evitar o equívoco de tratá-los como um grupo homogêneo.¹⁹¹ As observações desta historiadora tornaram-se, no percurso deste trabalho, fundamentais, pois a imprensa dos anos vinte também procurou aprisionar o aspecto múltiplo da vida de muitos homens, através de definições como Almofadinha. Isto porque não só no passado, mas ainda atualmente, persiste a distribuição de características e espaços sociais que devem fazer coincidir o masculino com os homens e o feminino com as mulheres.¹⁹²

No Recife, a revista *A Pilhéria* exerceu significativo papel na crítica aos homens e mulheres que embaralhavam os códigos sociais de distinção do feminino e do masculino. A coluna dos matutos Fulorenço e Frutunata, já anteriormente citada, a pretexto de narrar fragmentos do cotidiano, reforçava os estereótipos da *melindrosa* e do *almofadinha*:

Mas, cumpade, as melindrosa
É mêmo uma coisa será!
Quem dera qui lá tivesse
Um redatô da Pilhéria!
Pra contá pelo jorná
As coisa qui eu vi! Quem dera!

As moças pra mim oiava
E dava tanta risada
Qui Frutunata já tava
Mais ou menos incabulada.
Foi perciso eu disfarça
Prumode inivitá zuada!¹⁹³

Recorria-se à figura da melindrosa para destacar as mulheres mais presentes no espaço público, as mais ousadas nas conquistas amorosas e aquelas que cada vez mais encurtavam as roupas:

¹⁹¹ SCHPUN, Mônica Raísa. *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. p. 11.

¹⁹² Cf. WELZER-LANG, Daniel. "Os homens e o masculino numa perspectiva das relações sociais de sexo". In: *Masculinidades*.

¹⁹³ A PILHÉRIA. 17/09/ 1921. BPE.

Andando a gente na rua
 De vergonha se apavora,
 Venho as moça quaje nua,
 Botando as pernas de fora,
 Frutunata inté se amua,
 E pedi pra i simbora¹⁹⁴

Claro que as notícias e crônicas veiculadas na imprensa produziam um impacto diferenciado daquele produzido por uma piada ou quadrinha como esta. Contudo, é possível que comentários jocosos como este da revista *A Pilhéria*, fossem lidos com mais facilidade e repetidos, alargando assim o âmbito da mensagem para além dos leitores da revista. A historiadora Joana Pedro, analisando o uso de piadas na representação da sogra nos jornais de Desterro no início do século, observa que o filósofo Friedrich Nietzsche ligou riso e crueldade, pois, de acordo com este autor, “sem crueldade não há festa”. Vincula, assim, o riso às zombarias cruéis, à livre vazão, à maldade.¹⁹⁵ É possível encontrar crueldade em algumas piadas transcritas nas revistas e jornais do Recife, principalmente naquelas que tematizam o comportamento de alguns homens:

Hai também uns camarada
 Qui veste qui nem muié!
 Os palitô de cintura
 E cada butim nos pé
 Qui mais parece, Mamede,
 Um rabo de jacaré!...
 Esses minino bunito
 (isso aqui só pra nós dois)
 Toma banho cum perfume
 E aplicando nas facias
 Caição de pó de arroz!¹⁹⁶

Por outro lado, convém destacar que embora as piadas zombem daquilo tido como desvios de comportamentos e, desta forma, critiquem “as melindrosas” e “os

¹⁹⁴ Idem.

¹⁹⁵ PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas*: uma questão de classe. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994. p. 37

¹⁹⁶ A PILHÉRIA. 1/10/1921. BPE.

almofadinhas”, por outro lado dão visibilidade a comportamentos que fogem da norma. Cuidados com a apresentação pública, com o tom da pele, a arrumação do cabelo, com a roupa, eram preocupações de alguns rapazes no Recife deste período. Uma prática de vivenciar a masculinidade que destoava do que historicamente se prescreveu para o dito “sexo forte”. Sair do lugar social prescrito custou a esses rapazes muitas críticas e ridicularizações sobre seu comportamento. Porém, o almofadinha representava mais que motivo de graça (uma graça cruel, perversa, por não aceitar a vida fora do determinado socialmente): era mesmo uma ameaça aos cânones tradicionais da masculinidade, pois, que parâmetros distinguiriam os homens das mulheres, já que por tanto tempo essas foram preocupações atribuídas a elas?! Era uma inversão de valores tão temida e, por isso mesmo, tão alardeada:

Hais uns home sem vergonha
 Qui si chama almofadinha
 Eu lhi posso agaranti
 Qui eles so anda de anquinha
 Pó de arroz, carça tabica
 Cum pé de anjo e bengalinha.
 Cumpade eu mesmo
 Não creio que este tipo seja sero!
 Home bancando muié
 Junto de mim eu não quero
 (...)
 Repare só que disgraca,
 Cumpade, que fim de mundo!
 Quando pensa que sou pae
 Do meu fio João Reymundo,
 Eu tenho um medo medonho
 Desses moços furibundo!¹⁹⁷

Os homens no espaço urbano também estavam criando deslocamentos na forma de exercerem a masculinidade. O patriarca de barba serrada, o gordo senhor de engenho, o homem suado e cheirando a mato, de um modo geral, vinham perdendo espaço de atuação e de respeitabilidade nas cidades, desde a segunda

¹⁹⁷ A PILHÉRIA. 1/10/1921. BPE

metade do século XIX.¹⁹⁸ Contudo, o temor de se desfazer da maneira dicotômica de encarar homens e mulheres permeia os discursos dos articulistas dos jornais e revistas ainda nos anos vinte; pois aprender que mulheres e homens podem ocupar uma multiplicidade de espaços sociais e exercerem diversas práticas culturais fora do delimitado para cada gênero leva tempo e requer que valores sejam refeitos. Assim, a construção da figura do almofadinha, com os insistentes risos, talvez denote a insegurança em lidar com um modelo de masculinidade com o qual muitos não estavam acostumados, porque estes homens urbanos, em suas práticas, destoavam da rigidez, bravura e desleixo atribuídos aos homens e, em particular, aos nordestinos.

Segundo Rodrigo Ceballos e Durval Muniz, a própria figura do nordestino, tal qual ainda hoje muitos a concebem – *homem bravo e de gênio forte, um titã acobreado* – emerge junto com a idéia de nordeste nas primeiras décadas do século XX e como forma de conter uma temida “feminização” da região, com a substituição dos engenhos pelas usinas.¹⁹⁹ Porém, a meu ver, esta invenção do nordestino, datada nas primeiras décadas do século XX, como os autores defendem, é de fato a reatualização de um modelo de masculinidade cristã ocidental, amplamente divulgado ao longo da história. São *valores de longa duração* que vêm definindo o que é masculino e o que é feminino.²⁰⁰ O que é interessante pontuar é que este modelo naturalizado do homem, em certos momentos necessita ser focalizado, discutido, reafirmado, como forma de conter práticas que dele destoam. A masculinidade, portanto, não se mostra como uma essência inerente, mas é socialmente construída.

Não podemos trabalhar as relações de gênero na história pesando numa masculinidade fixa dos homens. Devemos pensar em multiplicidades do masculino, ou seja, na pluralidade das práticas de subjetivação. Por isto, nosso percurso ao longo deste capítulo, mostrando a construção de representações de mulheres e homens na imprensa da década de vinte, objetivou, sobretudo, acentuar como o considerado feminino e masculino é fruto de uma tensa negociação de valores

¹⁹⁸ CF. FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. 12 ed. Rio de Janeiro: Record. 2000. p. 125-180.

¹⁹⁹ Cf. CEBALLOS, Rodrigo. “Os “*maus costumes*” nordestinos: invenção e crise da masculinidade no Recife (1910-1930)”. Universidade de Campinas, 2003. Dissertação de mestrado; ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz. *Nordestino: a invenção do falo*. Maceió: Edições Catavento, 2003.

²⁰⁰ *Valores de longa duração* é uma expressão utilizada por Lia Zanotta Machado, para discutir a construção da masculinidade. “Masculinidades e Violência: gênero e sociedade contemporânea”. In: SCHPUN, Mônica Raísa . (org.) *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 40.

socialmente construídos. Procuramos acentuar como as imagens projetadas sobre homens e mulheres tentaram instituir modelos de feminilidade e masculinidade e como, em geral, foram arbitrárias e limitantes da vida dos sujeitos. Colunas como *Femina*, *Mundo Feminino*, *Vida Frívola*, *Magasine*, *Matronas* e *Melindrosas* criaram o que podemos chamar de *ficção da feminilidade moderna*, uma idéia de mulher e um modelo ou cânone do gênero “mulher”.

A “Mulher século XX” e o “Homem século XX”, delineados por vários discursos analisados ao longo deste capítulo, em alguns momentos mostraram-se como construções frágeis, de papel. No entanto, ao pensarmos na densidade das palavras proferidas sobre eles e elas, na forma, tom e localização em que foram pronunciadas e registradas, revemos o conceito de fragilidade, pois, como afirma Schopenhauer na epígrafe deste texto, a *Mademoiselle Século XX*, a *Melindrosa* e o *Almofadinha* ganharam forma nas páginas do passado e ainda nestas páginas do presente. Embora frágeis – quando hoje as olhamos dispostos a desnaturalizá-las – estas imagens do feminino e masculino, pretensamente modernos, possuíram uma enorme força quando de sua produção. Ainda atualmente são fortes, pois as figuras da *melindrosa* e do *almofadinha* são freqüentemente representadas na historiografia como símbolos da urbanidade e de uma vida permeada de novidades tecnológicas. Porém, faz-se necessário ressaltá-las como produtos da insuficiência de nomear, de definir o masculino e o feminino numa época fronteira entre o considerado antigo e o tomado como novo. Sendo eles mesmos insuficientes para se conhecer as múltiplas maneiras de ser homem e mulher na década de 1920.

CAPÍTULO III: A Cultura da Beleza: práticas e representações de embelezamento feminino

“Ah, deixai-me dizer-vos, é preciso que a mulher que ali está como a corola ante o pássaro seja bela ou tenha pelo menos um rosto que lembre um templo e seja leve como um resto de nuvem.”
(Vinícius de Moraes).

Recife e espelhos. Imagem primeira que marcou a chegada do jovem Gilberto Amado ao Recife em fins de março e início de abril do distante 1905. Não foi a chuva fininha, fechando aquele verão, que riscou a sua memória projetando-se para a pena. Foram os espelhos do Hotel de França, local onde esperou a chuva abrandar. Achava-se, pela primeira vez, diante de uma coisa que nunca tinha visto: enormes espelhos, descendo ao longo das paredes até o assoalho, espelhos de que só tinha conhecimento pelas descrições de romances. No que estava a sua frente, seu olho começou a navegar *como em um mar siberiano, numa cinza líquida carregada de mistério*²⁰¹. Relata que em Sergipe, seu estado natal, todos os espelhos, do litoral ao sertão, de cidades novas a cidades velhas, colados um ao lado do outro não dariam um só tamanho dos que viu no Recife naquela primeira hora. Pela primeira vez se via de corpo inteiro. Via-se não só de frente, mas também de lado, multiplicado e devolvido a si mesmo. Quanta surpresa! Até então só tinha se olhado em espelhos pequenos, de parede ou pequeníssimos de bolso, reproduzindo apenas rosto, gravata, pescoço, jamais daquela forma...calças, sapatos, paletó. Sofreu um choque. Conta que ali tomou conhecimento de sua fealdade e experimentou uma espécie de recuo diante de si mesmo.

²⁰¹ AMADO, Gilberto. Op. cit. p14.

Símbolo da modernidade, os espelhos possibilitaram ao interiorano contemplar sua identidade física sem depender do olhar do outro. Neste encontro com os espelhos começava a aventurar-se no conhecimento do próprio corpo, arquivo vivo, repleto de informações e signos, no entanto incompleto e nunca decodificado de uma única vez. Isto porque uma das questões do corpo é sua anonimidade. Somos íntimos dos nossos corpos, mas não poderemos apreendê-los como um todo. *Há sempre uma espécie de “lado de fora” do meu corpo que só posso ver rapidamente, de esguelha.* ²⁰²

Conhecer a história do corpo, ou melhor, fragmentos desta história, envolve sentimentos parecidos com o do jovem Gilberto Amado: surpresa, medo, desejo de recuar, às vezes de avançar ainda mais neste tão próximo e tão desconhecido. Território de incontáveis caminhos e de numerosas formas de abordagens, o corpo é construído por liberdades e interdições e conhecê-lo implica um trabalho tão vasto e arriscado quanto o de escrever sua história. Da medicina à arte, passando pela antropologia e pela moda, há sempre novas maneiras de conhecê-lo, assim como possibilidades inéditas de estranhá-lo. ²⁰³ Território tanto biológico quanto simbólico, processador de virtualidades infindáveis, campo de forças que não cessa de inquietar e confortar, o corpo, segundo Denise Bernuzzi Sant’Anna, talvez seja o *mais belo traço da memória da vida*. Na verdade, um corpo é sempre “biocultural”, tanto em seu nível genético, quanto em sua expressão oral e gestual e são antigas as tentativas de minimizar os efeitos do que é nele desconhecido. Da religião à ciência, passando por diferentes disciplinas e pedagogias, a vontade de manter o próprio corpo sobre controle, se possível desvendando-o exaustivamente, caracteriza a história de numerosas culturas.

Ao se pesquisar o corpo por meio de uma de suas inúmeras vias – a saúde, a educação, o esporte, a culinária, a moda, entre outras - o que se obtém como resultado não são apenas informações sobre as formas de fortificar o organismo e melhorar as aparências físicas inventadas, atualizadas e esquecidas historicamente. Juntamente com elas, são desvendados momentos de grande descontrolo e de total

²⁰² Sobre as abordagens sobre o corpo e sobre a especificidade deste como objeto de estudo e de linguagem e laço entre os seres humanos, nos baseamos nos argumentos defendidos por EAGLETON, Terry. *Depois da Teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. Tradução de Maria Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 225.

²⁰³ Sobre as múltiplas formas de abordar o corpo, recomendo o SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lúcia. *Corpo e História*. 2ª ed. São Paulo: Editores Associados, 2004. p.p. 3-23.

surpresa diante de reações do corpo, presentes tanto no passado quanto na atualidade. Assim, ao investigar as práticas de embelezamento feminino nos anos 1920 e as representações em torno destas práticas, neste capítulo conheceremos também como neste período os moradores e moradoras do Recife criaram maneiras de conhecer e controlar seus corpos e como fomentaram a invenção de corpos femininos e masculinos assimétricos socialmente. Analisar, fragmentos da história do corpo, é ainda entendê-lo, segundo Eagleton, como o signo mais palpável que temos da existência humana e como uma linguagem, uma maneira de ser em meio a um mundo. O corpo aqui então não é entendido como um tanque ou uma prisão, onde haveria uma separação entre subjetividade e materialidade, porque *“quem seria esse “eu” desencarnado dentro dele?”* ²⁰⁴

O corpo, mais particularmente o feminino, foi alvo de insistente atenção nas primeiras décadas do século XX, momento de transição de um cenário rural para um cenário urbanizado, de reordenação de relações sociais, como temos apontado ao longo deste trabalho. E neste cenário que começava se delinear, à mulher foi atribuída, mais uma vez, a tarefa de zelar pelo bem-estar e saúde não só de seu corpo mais de todos na família. ²⁰⁵ Nos discursos que procuraram delimitar o espaço social destas na cidade e que incitaram constantes investimentos no corpo, exigindo-lhes atributos como graça e beleza, analisaremos a constituição do considerado gênero feminino e masculino, pois, homens e mulheres não são alvos de um mesmo discurso quando o assunto é a beleza. Pelo contrário, ambos recebem orientações diferentes e genereficadas a respeito dos padrões que seus corpos devem apresentar. Enquanto as mulheres são convidadas a apresentarem corpos delicados, suaves e graciosos, os homens são incentivados a apresentarem e a representarem, através de seus corpos, a força e a robustez, tidos como elementos masculinos. Certamente que esta relação não é algo linear ou constante. Na verdade, como destaca Núcia Alexandra Oliveira, os discursos articulados em torno da beleza estão permeados de relações de gênero, que ora são mais intensas, ora são mais tênues. Naturalidade e encanto para as mulheres. Discrição e elegância para os homens. ²⁰⁶

²⁰⁴ EAGLETON, Terry. Op. cit. p. 225.

²⁰⁵ Cf. COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. RJ: Edições Graal, 2004. p-255- 274.

²⁰⁶ OLIVEIRA, Núcia Alexandra Silva de. *Corpo, beleza e gênero: rupturas e continuidades na instituição das diferenças entre homens e mulheres. Uma leitura a partir da imprensa (1950 -1980)*. SC:UFSC. Tese de doutorado em História. p.17

Percebe-se que quando se tratou de discutir as práticas de embelezamento entre os homens e mulheres tal processo foi marcado por uma perspectiva de gênero. Enquanto as mulheres deveriam investir na beleza, os homens precisavam “somente” mostrarem-se elegantes. E é esta diferença de argumentos presente nos discursos dos conselheiros de beleza, nos discursos dos médicos e nos discursos que faziam a publicidade dos produtos para os cuidados com o corpo que permitem pensar que o cuidado de si foi construído, no Brasil, a partir de relações de gênero.

Para Núcia Alexandra de Oliveira, a relação entre os corpos e o gênero é realmente de grande proximidade. Contudo, destaca que não se pode pensar que há primazia de um em relação ao outro. Pelo contrário, corpo e gênero são elementos relacionados e construídos entre si. Enfim, não é apenas o gênero que é o resultado de relações de poder; de forma semelhante também o corpo é produzido seguindo pressupostos que mudam de cultura para cultura, de tempo para tempo.²⁰⁷ Entre os que chamam atenção para este fato estão ainda Judith Butler e Linda Nicholson.

Nicholson afirma que é preciso lembrar que as formas variadas de masculino e feminino não se devem, nem estão relacionadas apenas a certos estereótipos de personalidade e comportamento; elas também são provenientes de variadas formas de entendimento do corpo. De acordo com ela, o corpo é algo variável historicamente e, assim sendo, são também variáveis os sentidos conferidos a ele. Na verdade, esta forma de entendimento é uma crítica feita por esta pesquisadora aos trabalhos que desconsideram a importância do gênero na constituição do corpo²⁰⁸. E, de fato, tanto o corpo quanto o gênero precisam ser trabalhados como resultado de múltiplas formas de poder que variam histórica e culturalmente.

Judith Butler é outra autora que pontua a importância do corpo para a definição e renovação do gênero. E, seguindo a crítica já apresentada através do trabalho de Nicholson, Butler também não entende o sexo (ou seja, o biológico) como uma categoria pronta, já que também para ela tanto sexo e gênero são resultado de relações de poder, e, como tal, precisam ser analisados em conjunto. Ou seja, também para esta autora é impossível conceber o gênero sem levar em conta o sexo, visto que as duas categorias estão imbricadas e que o gênero é construído a partir de uma incorporação cultural. Como ela própria afirma em sua

²⁰⁷ Idem.

²⁰⁸ NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis. n.8. 2/2000.p. 11-39.

crítica: *“na realidade, - é-se um corpo no início, e só depois nos tornamos nosso gênero. O movimento do sexo ao gênero é interno à vida incorporada, uma escultura do corpo original numa forma cultural”*.²⁰⁹ Butler explica sua concepção, afirmando que, enquanto o sexo é normativo, o gênero é performativo. Ou seja, para ela, o sexo *“não funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa”*²¹⁰. O que significa dizer que, segundo a idéia de Butler, o corpo funciona como elemento constitutivo dos valores que posteriormente serão usados em nossas performances de gênero. Em outras palavras, é na observação dos aspectos corporais que são retirados os elementos presentes em nossas definições de gênero. Como a autora sugere, o gênero não é um ato de criação, mas sim *“um projeto tácito para renovar a história cultural de nossas condições corpóreas”*.

Entende-se, finalmente, que o gênero não é algo imposto sobre os corpos; por outro lado, ele é um elemento pensado a partir e em relação com os corpos, podendo, desta forma, ser interpretado de formas específicas, em culturas, tempos e situações distintas. Assim, tanto o corpo como o gênero têm sido pensados aqui como elementos constituídos a partir de relações de poder, que são histórica e culturalmente localizadas. Ou seja, seguindo estas autoras, corpo e gênero têm sido aqui observados como elementos que se inter-relacionam por intermédio da cultura e da história e que não são, portanto, de forma alguma fixos ou imutáveis. A visão de Terry Eagleton sobre o corpo também ressoa nas próximas páginas. Para ele somos animais universais por causa do tipo de corpos com que nascemos. Defende a idéia materialista de universalidade baseada em nossos corpos, enfatizando que o *corpo material é o que compartilhamos de forma mais significativa com todo o resto de nossa espécie, estendida tanto no tempo quanto no espaço*.²¹¹ O que nos une, então, são nossos corpos. Corpos, humanos, que sobrevivem e florescem através da cultura, através de práticas compartilhadas. Por isso entende-se que a história do embelezamento feminino, da reconstrução de silhuetas e do entendimento sobre vestimenta delineados neste capítulo, possibilita o conhecimento de pertencimentos e de estranhamentos e de algumas práticas compartilhadas no passado.

²⁰⁹ BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero. Beauvoir. Wittig e Foucault. In: *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. P. 142.

²¹⁰ Idem. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. (org) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 154.

²¹¹ EAGLETON, Terry. Op. cit. p. 212.

3.1 O corpo da moda

“Qual será o verdadeiro tipo feminino da beleza moderna?”²¹² interrogava-se Peregrino Júnior nos anos 1920 no Diário de Pernambuco. Afinal, a segunda década do século XX foi crucial na formulação de um novo ideal físico, tendo a imagem cinematográfica interferido significativamente nessa construção. Ao longo desta década, mulheres, sob o impacto combinado das indústrias de cosmético, da moda, da publicidade e de Hollywood, incorporaram o uso da maquiagem, principalmente o batom²¹³, e passaram a valorizar o corpo esbelto, esguio. Segundo Ana Lúcia de Castro, a combinação destas quatro indústrias foi fundamental para a vitória do corpo magro sobre o gordo no decorrer do século XX.²¹⁴ Porém, o papel da imprensa na construção de um ideal estético merece também ser destacado. Era – é - ampla a interferência da imprensa, uma vez que se constituía como espaço de visualização dos produtos de beleza, com moças insinuando pele, bocas e colos; lugar de divulgação da programação de filmes, com atrizes exalando sensualidade com cabelos loiros, olhos carregados de maquiagem e corpos esbeltos; e, além disso, era constante a presença de conselheiros de beleza nas colunas de jornais e revistas, controlando diretamente a construção dos “corpos modernos”. Importa destacar que durante décadas, a maior parte dos conselheiros de beleza era formada pelo sexo masculino. Antes dos anos 1950, eles eram, sobretudo, médicos e escritores moralistas, para quem a aparência feminina deveria revelar a beleza de uma alma pura, condição para se manter o corpo lindo, belo e fecundo.²¹⁵

²¹² DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 10/07/1927. FUNDAJ.

²¹³ O batom, como produto industrializado, passou a ser comercializado em larga escala em 1925. Cf. DEL PRIORE, Mary. *Corpo a corpo com a mulher*: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora Senac, 2000. p. 9

²¹⁴ CASTRO, Ana Lúcia de. Culto ao corpo: identidades e estilos de vida. In: Castro, Ana Lúcia. (org) *Corpo, território da cultura*. São Paulo: Annablume, 2005. P. 138.

²¹⁵ Cf. SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 121- 139.

Ilustrativa deste lugar de poder ocupado por estes conselheiros é a matéria de junho de 1927, publicada na Seção Femina sobre “*O Maquillage*” escrita por Peregrino Júnior, um de seus colaboradores que atuava como conselheiro de beleza e de comportamento para as leitoras. Numa linguagem coloquial, humorada e próxima das mulheres, abordava entre dicas de cores de sombra, sugestões de livros e de comportamentos, a reação masculina a pintura feminina e os atributos de cada gênero que deveriam ser valorizados. Segundo ele, embora os homens tivessem uma grande prevenção contra a pintura feminina, por mais ranzinza e falador que fossem, eles não gostavam de mulher amarela e feia, por isso incentiva suas leitoras a se maquiarem. Ainda em seu texto defende a justeza e a naturalidade da prática de embelezamento por parte das mulheres, porque seria este *o caminho instintivo de conservarem a parcela de beleza que os deuses lhe concederam*.²¹⁶

A beleza então aparece em seu texto como algo natural e dado, que apenas deveria ser conservado pelas mulheres. Seria um atributo essencialmente feminino, enquanto a inteligência, a saúde e a força aparecem como atributos masculinos, que também eles deveriam conservar e melhorar. Porém, embora natural, a beleza precisava segundo este conselheiro de um investimento constante e sua função não seria outra senão a de seduzir e agradar aos homens. Pensamento semelhante ao *Lucie Mardrus*, transcrito por Cláudia, outra colaboradora da seção FEMINA: *a mulher não deve ter na vida outro fito mais sério do que agraciar ao seu amo e senhor...*²¹⁷ De toda forma, era um discurso diferente dos proferidos pelos consultores de beleza das décadas seguintes, pois, conforme Núcia Alexandra, a partir dos anos 50 e 60, as mulheres passaram a ser convidadas ao prazer de cuidar de si, “construindo” o seu próprio corpo, a sua própria aparência, a sua “beleza”. Segundo essa historiadora, foi inaugurado um novo conceito nos discursos a respeito da beleza: ficou para traz a idéia de que ela era um dom e passou-se a dizer que esta poderia ser adquirida através de uma série de cuidados e de produtos.²¹⁸ Embora não pudessem escolher o corpo com o qual quisessem nascer, as mulheres foram orientadas sobre a possibilidade de o modificarem, caso quisessem, ou, caso fossem cobradas a fazerem isso. A idéia de que “*meu corpo não é uma coisa com a qual decidi andar por aí*”, começava a cair por terra desde

²¹⁶ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 12/06/1927. FUNDAJ.

²¹⁷ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 02/10/1927. FUNDAJ.

²¹⁸ OLIVEIRA, Núcia Alexandra. Op. cit. 48.

estes anos vinte.²¹⁹ Tanto Denise Sant'Anna quanto Núcia Alexandra estão de acordo sobre o discurso da beleza proferido para as mulheres dos anos 1950. Um discurso que apresentava a beleza, ou sua conquista, como um direito inalienável das mulheres. Já nos anos vinte, a beleza da mulher e o culto a sua conservação, de fato estavam voltados para o sexo oposto:

Em que pese a rabugice dos moralistas, o maquiagem é coisa séria e grave. Não basta apenas ser bela, é preciso prolongar a beleza. E nem se diga ser isto pura vaidade feminina... Muito ao contrário, é um trabalho generosamente altruístico. Eu acho que nenhuma mulher tem o direito de deixar apagar-se essa luminosa herança de juventude, de harmonia e de beleza que receberam dos Deuses, para alegria e encantamento dos homens.²²⁰

O culto a beleza para este conselheiro não era mera vaidade feminina, era uma habilidade necessária à mulher civilizada; em seu texto esta prática não é recriminada. Esta postura tolerante e até incentivadora do embelezamento feminino adensa-se na década de 1920. A partir desta década, para uma minoria abastada de jovens que perseguiram o último grito da moda, as aparências pálidas e doentias, os rostos que nunca receberam o rouge ou os traços do lápis, vão, pouco a pouco, denotar uma personalidade avessa a mudanças, revelando uma ausência de refinamento para com os tempos julgados modernos.²²¹ Nos *Anos loucos*,²²² a moça pintada emitia os sinais do progresso. Multiplicam-se as recomendações referentes à aparência física. E como é feita de continuidades, mas também de rupturas e deslocamentos de significados, esta história do embelezamento nos mostra quanto os valores e concepções morais são históricos e bem situados no tempo e no espaço. Significativo a esse respeito, é uma das histórias contadas por Gilberto Amado em seu livro de memórias. Nela descobrimos que este itaporanguense não apenas espantou-se com seu corpo no espelho, mas também se assustou ao deparar-se com os corpos à solta das moças no Recife nos idos de 1905.

²¹⁹ Esse comentário é uma provocação a esta afirmação de Terry Eagleton, onde defende a não escolha do corpo. Cf. *Depois da Teoria*. p. 225.

²²⁰ Idem.

²²¹ Sobre a mudança de mentalidade em relação as práticas de embelezamento consultar: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpo e embelezamento feminino no Brasil. In: *Revista Iberoamericana*, III, 10, 2003. p. 147.

²²² Esta é uma expressão utilizada por vários historiadores e historiadoras deste período para denotar certas mutações nas relações sociais, sobretudo no referente aos hábitos femininos. Entre os adeptos desta expressão posso citar, dentre outros Nancy Cott e Georges Vigarello.

Ele estava hospedado numa pensão próxima ao Forte das Cinco Pontas, mas esta era “cheia de fedentina, zoadaria, e remelexo de ambiente”, só ficava ali o tempo de dormir e fazer as refeições. Preferia as ruas. Era um rapaz pobre e em seu primeiro ano no Recife, não tinha nem como comprar os livros solicitados para as aulas nem como fazer passeios longos para conhecer o resto da cidade. Então, conta que indo pelas ruas esburacadas chegava à Rua Nova e passava tardes inteiras em frente à vitrine da Livraria Nogueira. Mas os livros não eram os únicos atrativos da Rua Nova para os olhos do jovem interiorano. Além de fitar a vitrine da livraria, atentava para as moças que desfilavam pela calçada, segundo ele, “com um ar diferente das de Itaporanga e de Aracaju”. Ficava assombrado com o passo cadenciado com que se aproximavam, com grandes chapéus, saias compridas e “um ar de civilização”. Relata o sangue fervendo diante da beleza feminina e como aquilo era grandioso aos seus olhos. Observa que eram “quase todas pintadas” e como estas lhe excitavam mais que as de “cara sem pintura”. Naquele tempo, achava que pintura no rosto era sinal de indecência e considerava pecado se envolver com mulheres de “cara pintada”, mas, ainda assim, o seu desejo adolescente pulsava por estas moças.²²³

Conta que quando pequeno em sua cidade as moças de “caras pintadas” provocavam pavor nos moradores. Segundo ele, nos dias de feira em Itaporanga, sua mãe certa hora gritava “Meninos, para dentro!” Ela própria corria também e as criadas se encarregavam de fechar as janelas. Porém, provavelmente por uma brecha de janela ou porta, ele ainda conseguia observar “as mulheres - dama” que passavam em fila, a caminho da feira, de charuto na boca, rosa-palmeirão nos cabelos, esteira debaixo do braço, “pintadas de fazer medo”. Recorda-se de Maria Jeroma, para ele a mais impressionante; algo de sobrenatural havia naquela mulher, era ela “a expressão do mal”. As moças de Pernambuco “se pintavam demais, como Maria Jeroma”, o que lhe causava grande atração, mas não esquece de acrescentar que “nas famílias direitas” a pintura era discreta; só na *gente falada*, na *interessante*, que atraía a atenção, é que o “rouge” dominava em tons ticianescos”.

As “moças pintadas” avançando pela Ponte da Boa Vista, o assombro, “o pecado” de desejá-las, fez com que imediatamente aciona-se a memória e lembrasse de sua mãe gritando: “Para dentro, meninos”, “Maria Jeroma, encarnação do mal”, “Moça direita não pinta o rosto”. Tantos discursos que

²²³ AMADO, Gilberto. Op. cit. pp. 24-25.

educaram sua maneira de conceber a mulher, que lhe informaram sobre como distinguir as “moças direitas” das “moças interessantes”, símbolos da própria encarnação do mal. Mas, um dilema se lhe apresentava: Se todas pintavam o rosto, como saber quais eram “direitas”? Sua percepção, no espaço da cidade, sobre o que era uma “mulher direita” e “uma mulher-dama”, começava a ser refeita. Busca a diferença no passado vivido no interior e nos mostra, através de seu relato, como os sentidos atribuídos a certas práticas e sujeitos são construídos em tempos e espaços muito particulares. Provavelmente, ele mesmo enfrentou dificuldade e conflitos, ao se deparar com práticas que não se adequavam mais àquela maneira dicotômica de classificar as mulheres: “cara pintada”, moça perdida, “cara sem pintura”, moça de família, honesta.

Em que pese estruturar sua visão das mulheres como “direitas” ou “erradas”, significativo é perceber que esta percepção foi construída por uma série de discursos, inclusive femininos. As moças do Recife, maquiadas, não exerciam as mesmas práticas de Maria Jeroma e nem por terem o rosto pintado as famílias escondiam seus filhos delas. Ao contrário, como ele mesmo observa, a pintura no rosto, os chapéus, tornavam-se índices do grau de “civilização”. Então, mais uma vez, os valores de Gilberto Amado sobre certas práticas do feminino e a maneira de encará-las serão reelaborados, mas, não tão facilmente; parece que sua mãe continuará soprando ao seu ouvido: “cuidado com Maria Jeroma!”.

Podemos focar ainda neste relato, para além desta discussão sobre formação de subjetividade, um Gilberto Amado entre as descontinuidades da história e dos sentidos atribuídos à prática de embelezamento feminino. Uma flor no cabelo, um cigarro nos lábios, um “rouge” no rosto, não possuíam o mesmo significado em Recife, Itaporanga ou mesmo em Aracaju. O autor não encara estas práticas, na sua juventude, da mesma forma que as concebia na infância. Não tinham o mesmo significado para as moças do Recife, para Maria Jeroma ou para a mãe de Gilberto Amado. Possivelmente, as moças que pintavam com sutileza o rosto, as “moças de família” como observa o narrador, ainda ficavam temerosas de serem confundidas com prostitutas. A tonalidade do batom, do “rouge” e a cor da roupa, provavelmente faziam parte das preocupações de algumas moças; menos por mera futilidade, como às vezes alguns relatos querem demonstrar, e mais por respostas a certos códigos sociais que circulavam e lhes eram impostos. Porém, o temor de serem mal interpretadas pelo uso de certa maquiagem, foi pouco a pouco

ocupando menos as senhoritas, pois, nos anos vinte a grande resistência masculina e até feminina era não saber mais distinguir uma “distinta mademoiselle” de uma “moça frívola”. O embelezamento como código deste tipo de distinção parecia estar com seus dias contados.

As revistas prescreviam às mulheres fazer ginástica todas as manhãs, tomar refeições leves para permanecer esbeltas, utilizar óleos para bronzear, maquiar os olhos e os lábios, depilar as sobrancelhas, passar esmaltes nas unhas das mãos e dos pés. Tudo era prescrito:

As pestanas também devem ser pintadas com “Rimel”. Ficam duras e *perdem em geral a beleza natural. Mas isto não tem a mínima importância.* A arte é a arte e, sobretudo... a moda é a moda!²²⁴

Deixando de estar associados à imagem das coquetes e das mulheres de reputação duvidosa, os artifícios cosméticos são apresentados como o remate legítimo da beleza: não mais uma prática condenável mas uma obrigação para toda mulher conservar o marido; não mais um sinal de mau gosto mas um imperativo de civilizada.²²⁵ Segundo Denise Sant’Anna, a aversão a pintura do rosto tendia, nas primeiras décadas do século, a se tornar menos triunfante no plano moral, na medida em que a propaganda e a venda de cosméticos adquiriam importância comercial e que os costumes se urbanizavam. Para esta autora, a urbanização porta regras de civilidade segundo as quais o uso de cosméticos, assim como de adereços os mais diversos, é coagido a funcionar como uma espécie de prolongamento dos gestos que testemunham um refinamento de condutas e certo prestígio social.²²⁶ Em suma, quanto mais as cidades crescem e a sociedade de consumo se desenvolve, mais a virtude deixa de ser uma inimiga irreconciliável da alegria e da beleza:

²²⁴ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 02/10/1927. (Grifos nossos)

²²⁵ Sobre a imprensa e a cultura moderna da beleza são importantíssimas as considerações de Gilles LIPOVETSKY. *A Terceira Mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.128-168.

²²⁶ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Op. cit. p. 147.



**Imagem 14. Cygana e Mimosa.
Propagandas do Almanach Ilustrado de 1925 e
da Revista A Fogueira, 1925. BPE**

Pintar o rosto, passar o Pó Cygana ou o Pó Mimosa, deixando a pele aveludada se tornava uma prática cotidiana essencial na manutenção de um sentido coerente de auto-identidade, pois, a aparência assume um importante papel na forma das pessoas tratarem umas as outras, sobretudo, nos espaços urbanos. Porque, conforme Anthony Giddens, modos de adorno facial ou de se vestir, sempre foram até certo ponto meios de individualização.²²⁷ No entanto, nesse momento não predomina uma forma de identificação social, mas sim de identificação pessoal, sobretudo de gênero. A publicidade se dirigia as *senhoras elegantes e encantadoras*, difundindo um modelo de feminilidade e estimulando o consumo. Outra forma de identificação nesses tempos modernos. Anunciava-se tudo e comprava-se tudo, principalmente remédios.

Importante mencionar aqui que nas primeiras décadas do século passado não havia ainda entre produtos de beleza, remédios e até mesmo certas bebidas e alimentos uma separação rígida de suas propriedades. De acordo com Denise Sant'Anna, era pródiga no Brasil, entre 1900 e 1930, uma publicidade de remédios para a beleza, que por sua vez serviam para curar uma infinidade de males. Do cansaço às cicatrizes, passando pelas rugas e feridas, um mesmo produto é,

²²⁷ Sobre corpo e auto-realização nas sociedades contemporâneas, ou, como o autor classifica na "Alta Modernidade" Cf. GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p.

inúmeras vezes, considerado polivalente e, por isso mesmo, eficaz.²²⁸ Estranho aos olhos de hoje são as propagandas de cigarro da década de vinte. Associados à sensualidade de atrizes e atores de Hollywood eles também eram apresentados como portadores de propriedades terapêuticas, acalmando e aliviando as tensões. Os cigarros não eram mais associados às mulheres-damas, como foram na infância de Gilberto Amado, lá em Itaporanga. Nos anos vinte representavam glamour, ousadia, quase um acessório para algumas moças “mais emancipadas”:

Ah, os cigarros HORUS, senhorita,
São verdadeiramente primorosos, fumá-los é sentir a alma expedita
Palpitando de sonhos luminosos!
Afirmo sem temor de contradita
HORUS, além de serem deliciosos,
O mais negro pesar de uma alma aflita
Acalmam nos momentos dolorosos
Eu, por exemplo, vivo descontente
E, oriundo do tédio impertinente,
O meu pesar parece não ter fim...
Mas, ah! Se fumo um dos cigarros HORUS,
Sinto o tédio fugindo dos poros
E a alegria cantando dentro de mim!²²⁹

O cigarro emerge como símbolo de liberdade, como subterfúgio ao tédio de moças e rapazes na encruzilhada de um outro tempo, onde fumar, freqüentar clubes-dançantes, dirigir um automóvel ou cortar o cabelo *a la garçonne* eram hábitos divulgados e até mesmo exigidos para “ser da moda”. Mas, voltando aos produtos quase-remédios, um exemplo significativo é do refrigerante FRATELLI VITA. A propaganda dizia tratar-se de uma bebida que agia como agente medicamentoso de “Real Valor”. Teria ele altas propriedades terapêuticas fazendo verdadeiros prodígios ao organismo humano: *o rejuvenescimento completo do intestino, e aumento considerável da atividade cerebral e a maior tonicidade de toda a rede nervosa, são virtudes excelsas dessa excelente bebida.*²³⁰ E quem eram os “garotos - propaganda”, digamos assim, do Guaraná Fratelli Vita, eram os

²²⁸ Cf. SANT’ANNA, Denise B. Cuidados de Si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. p. 122.

²²⁹ ALMANACH ILLUSTRADO. Recife: 1925. p. 14.

²³⁰ ALMANACH ILLUSTRADO. 1925. p. 9.

muitos médicos da cidade, que assinavam depoimentos como este citado aqui, do Dr. João Costa, presidente do “Instituto de Assistência e Proteção a Infância”.

Bebidas à parte, nos anúncios percebemos como não apenas os rouges, mas ainda sabonetes e pomadas procuravam aliar às suas qualidades, propriedades embelezadoras e de distinção social. Os sabonetes Rialtos, anunciados nos jornais e revistas da época são um exemplo:

Das senhoras elegantes
O bom gosto louvo e exalto,
Se usam a todos os instantes
O sabonete Rialto

Outro não há certamente,
Seja no inverno ou no estio,
Que torne o rosto da gente
Mais perfumado e macio

Quem poderá definir
A sensação deliciosa
Que ele sabe produzir
Numa carinha formosa?

Depois de usá-lo expedita
Nenhuma dama o reprova:
Se é feia fica bonita
Se é velha fica nova.

De um perfume delicado
RIALTO, que é tentador,
Deixa o espírito enlevado
Como num sonho de amor.

Toda senhora casada,
Para prender o marido,
E ser por ele adorada
Sem sentimento fingido
Deve evitar arrelias
Gritos em voz de confralto,
Usando todos os dias
o sabonete RIALTO.

Senhoritas de alta roda,
RIALTO, reflitam bem,
É o sabonete da moda
Que a toda gente convêm!²³¹

O sabonete Rialto não apenas limpa e perfuma o corpo. A propaganda atribui-lhe outras propriedades inclusive terapêuticas: espírito enleado de amor, conservador de casamentos e, o principal: embelezador e rejuvenescedor, “*se é feia fica bonita, se é velha fica jovem.*” Além disso, a propaganda não perde a

²³¹ ALMANACH ILLUSTRADO. 1925. BPE.

oportunidade de orientar os comportamentos femininos: evite arrelias, não grite e... prenda o marido. A publicidade não apenas divulga um determinado produto, ela também delineia um perfil para as suas consumidoras: as mulheres devem ser elegantes, devem ter bom gosto, devem ser bonitas. Conceitos tão gelatinosos quanto perigosos, uma vez que em longo prazo a publicidade incitou, numa parcela significativa das mulheres, uma busca desenfreada por esta “abstrata” beleza. Através da publicidade, fabricantes e retalhistas dos mais variados artigos tornavam mais compreensível o que era a feminilidade moderna.

Porém, não sendo homogênea e linear, a história nos mostra que no Recife que crescia e se remodelava, ainda nos anos vinte, ecoavam vozes contrárias ao uso de rouges e cremes por parte das mulheres. Colaboradores do Diário de Pernambuco bradavam os efeitos da ginástica e dos esportes como os “verdadeiros fatores da beleza”:

Infelizmente, a mulher brasileira ainda não compreendeu as vantagens dos esportes e da ginástica como fatores de beleza. Tanto isso é verdade, que as nossas mulheres detêm o record universal da “maquillage”. As nossas avenidas e ruas, cheias de mulheres excessivamente pintadas, são um espetáculo edificante – mas que entristece. (...) Mas dia há de chegar, Deus louvado, em que o esporte, a ginástica e o ar-livre, numa salutar conspiração, decretarão a falência entre nós do “rouge”.²³²

Será que a preocupação é apenas com a saúde ou a campanha contra o rouge e a maquiagem feminina não estava de fato sendo movida por outros motivos? Não fazia o rouge com que a mulher parecesse mais sedutora? Pintada não estavam elas socialmente associadas à lasciva? Talvez a maquiagem fosse vista como um importante artifício de sedução feminino a ser combatido. Pintar-se não era aderir a uma beleza artificial? Bem, o certo é que esporte, ginástica e ar-livre emergem como caminho para aquelas que almejavam uma beleza natural e o uso do rouge neste trecho é visto como artificialidade e, embora não explicitado, provavelmente associado ainda a valores morais. A conquista da beleza surge não como um trabalho laico e ordinário sobre si, mas muito mais como algo divino e extraordinário.

²³² DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 20/11/1927.

Lembra-nos Denise Sant'Anna que antes da beleza se tornar uma mega-indústria (sobretudo depois dos anos 1950), a cosmética era parte da cosmótica, ligando-se portanto ao cosmo, ou seja, à situação externa aquela que traça a identidade de cada rosto: “pintar o rosto” era um gesto que dependia, portanto, dos costumes locais, das estações do ano, dos significados das festas, sendo muita mais uma experiência extraordinária - típica de ocasiões especiais- do que um gesto banal e cotidiano.²³³ Portanto, almejando a falência do rouge, percebemos neste trecho a cosmética vista apenas como verniz ou pintura, pesando ainda sobre ela as suspeitas morais, como as que perseguiram o jovem Gilberto Amado ao se deparar com as moças pintadas no início do século XX. Porém, ainda é significativo destacar a articulação deste discurso com os preceitos médicos e governamentais divulgados nas primeiras décadas do século XX. Discursos sobre beleza e juventude sustentados pelas teorias eugenistas, defensoras da saúde e perfeição da “raça” e que almejavam o *aperfeiçoamento das qualidades físicas e espirituais*.²³⁴

Sintonizados com os ideais de modernidade, e no caso do Brasil, com o ideal de um país dito jovem, estes discursos jornalísticos, médicos e governamentais desqualificavam os corpos feios, os velhos, os gordos e os negros. O nacionalismo da época desejava um país cuja população deveria ser bela, jovem, esbelta e branca. ²³⁵ Corpos como os apresentados na Revista Pilhéria, de mulheres gordas e negras, permanecem apenas como motivo de chacotas e piadas, associadas às trabalhadoras domésticas e sogras, nunca uma “dama elegante” apareceria com formas arredondadas. A hora é dos jovens, dos fortes, dos saudáveis. Velhos, obesos e feios – e negros- encontram-se reunidos, segundo os novos critérios de beleza e de saúde em vigor, numa marginalidade determinada pelos seus corpos. Esses grupos não correspondem ao modelo nacional. E, segundo Schpun, pior: “tamanha é a força de tal modelos que eles tornam-se incômodos”:

²³³ SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Op. cit. 145.

²³⁴ A apologia, e crença, ao eugenismo era presente nas muitas teses de medicina desse período. Um discurso de exclusão, legitimado pela ciência desde o século XIX. A frase citada acima é do médico pernambucano Valdemar de Oliveira. *O Exame Médico Pré-nupcial*. Recife: Oficinas graphics da SS. 1928. Tese de concurso a livre-docência de Higiene na Faculdade de Medicina do Recife.

²³⁵ Mais discussões sobre eugenia consultar entre outros, Pedro, Joana Maria. A ideologia do amor e a beleza no jogo das relações de gênero. In: *Cadernos Pagu*. Revista Semestral do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu. N.16. Campinas, 2001. p. 324.; SCHPUN, Mônica Raísa. *Beleza em Jogo*: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 1920. São Paulo: Editora Senac, 1999; COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. RJ: GRAAL, 2004.



**Imagem 15. O corpo negro e velho.
A Pilheria. 03/09/1921. BPE**



**Imagem 16. O corpo gordo.
A Pilhéria. 12/11/1921. BPE**

A “feiúra”, tanto quanto a velhice, é fonte de infelicidade para as mulheres desse período; todos os esforços deveriam ser empregados para apagar ou ao menos atenuar sua presença.²³⁶ Nesse momento de valorização da juventude, uma das preocupações dos colaboradores das seções femininas será instituir o pudor de se falar sobre a idade das mulheres:

Sabe-se que não é amável, nem conversar entre senhoras, sobre questões de idade. É um assunto delicado que raramente se poderá discutir em rodas femininas sem magoar suscetibilidades. E não é só delicado, é também o que se pode chamar – um assunto grave. Direi melhor: o mais grave dos assuntos.²³⁷

²³⁶ Cf. SCHPUN, Mônica Raísa. Op. cit. p. 89.

²³⁷ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 17/04/1927.

Esse trecho torna-se mais significativo por ser escrito por um homem. Peregrino Júnior não apenas socializa em sua coluna uma prática social, um hábito feminino, mas ao publicá-lo ele o reforça; ao divulgar a faixa etária possível de se revelar a idade ele legitima esses preconceitos geracionais, que colocam a mulher mais madura no ostracismo social. Ele nos mostra - ao contrário de sua pretensão - que esses pudores são construídos socialmente:

De fato, não há segredo mais sagrado para Eva do que a sua idade. Até aos 15 anos, as meninas, levianamente dizem a idade que têm, com ingênua alegria; dos 15 aos 20, as moças dizem sem tristeza, mas também, sem alegria; daí aos 25 só a dizem contrariadíssimas, quando a isso são obrigadas. Dos 25 em diante, porém, Deus do céu! Não há força humana que lhe arranque da boca o seu grande, o seu angustioso segredo!²³⁸

Ser bela era ser jovem. Por isso, mulheres, homens e crianças eram submetidos aos exercícios para flexibilizar, fortalecer e até rejuvenescer o corpo e muitos destes discursos foram subjetivados e reproduzidos por uma parcela significativa da população. Seu Bianor de Oliveira - pai do futuro médico, jornalista e ator Valdemar de Oliveira - foi um dos que acatou o discurso pró-ginástica. Com o intuito de fortalecer o filho e afastar-lhe *“todas as mazelas”* o matriculou em 1908 no seu “Ginásio Brasileiro-Centro de Cultura Física”, na esquina da Rua do Hospício com a Rua Formosa, no centro do Recife. *“Quando eu botar esse bicho na ginástica, ele melhora!”* repetia seu Bianor para o pequeno Valdemar. Em suas memórias Valdemar de Oliveira destaca que o pai era um defensor ardente da ginástica e um crente de seus benefícios não só para o corpo, mas também para o

²³⁸ Idem.

espírito, tendo publicado no Recife em 1916, “A Ginástica Sueca e a Música”²³⁹ e anteriormente em 1909 “ABC da Ginástica Sueca.”²⁴⁰ E seu Bianor não era o único.

Segundo o historiador da beleza, Georges Vigarello, desde o fim do século XIX a ginástica começou a ser proclamada em todo o mundo como uma forma de combater “das angústias do enfraquecimento da espécie às causas da degeneração dos povos civilizados.”²⁴¹ Para ele, a ginástica, exaltada nas primeiras décadas do século XX, era produto de uma cultura elaborada desde o XIX, *misturando referências biológicas com as das máquinas, dos motores e das zootecnias.*²⁴² Para Jurandir Freire Costa, no Brasil, a educação física defendida pelos médicos higienistas desde o século XIX criou, de fato, o corpo saudável. Corpo robusto e harmonioso, organicamente oposto ao corpo relapso, flácido e doentio do indivíduo colonial. Mas, no seu entendimento, foi este corpo que, *eleito representante de uma classe e de uma raça, serviu para incentivar o racismo e os preconceitos sociais a ele ligados, para explorar e manter explorados, em nome da superioridade racial e social da burguesia branca, todos os que, não logravam-se conformar-se ao modelo anatômico construído pela higiene.*²⁴³

²³⁹ O sistema de ginástica sueca teve grande repercussão em todo o mundo até a segunda metade do século XX, tanto na educação física escolar como na formação de caráter militar. O seu criador foi E.P. Ling (1776-1839). Era uma ginástica com objetivos higiênicos e médicos, de saúde e reabilitação. O sistema sueco baseia-se num trabalho analítico, bastante rígido, com um desenvolvimento harmônico de todo o corpo, exercícios simétricos moderados e de fácil compreensão, realizados com uma dificuldade progressiva e, de preferência, sem aparelhos, em pé e obedecendo a uma voz, embora também existam alguns exercícios com aparelhos simples: cambalhotas, suspensões, equilíbrios, etc. Tudo isso se apoiava no estudo de base biológica das formas e efeitos dos exercícios; trata-se de uma ginástica “para todos os públicos”. Informações extraídas do endereço eletrônico <http://educacaohoje.no.sapo.pt/ef/Historia.htm>. 15/10/2006.

²⁴⁰ Seu Bianor de Oliveira exerceu ainda a atividade docente no Colégio Pritaneu, de sua esposa D. Clotilde, como professor de educação física. Cf. OLIVEIRA, Valdemar. *Mundo Submerso*: memórias. 3ª edição. Recife. FCCR, 1985. p. 24.

²⁴¹ VIGARELLO, Georges. *História da Beleza*: o corpo e a arte de se embelezar do Renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 128.

²⁴² Idem. p. 127.

²⁴³ COSTA, Jurandir Freire. Op. cit. p. 13.



Imagem 17. Senhoritas e rapazes dividindo o espaço público e exibindo seus atributos de graça e elegância. Vestidos leves e pernas de fora. Almanach Illustrado. 1925. BPE

Incidindo sobre o corpo feminino, a ginástica regularmente evocada nas colunas de moda dos anos vinte, defende uma imagem nova: posturas não arqueadas, costas eretas, pernas longas e finas. Proclamava Peregrino Júnior que a nova expressão da beleza moderna era mrs. Farrester Agar, que os ingleses e americanos consideravam *“a typical modern beauty”, uma criatura elástica e fina, de formas longas e retas quase assexuada*.²⁴⁴ O corpo remodelado, reto, fino, alongado parecia dificultar as marcas de gênero, *“quase assexuada”*, uma vez que a mulher de gestos aligeirados, sem os vestidos balões do século XIX, livre, deixando de ser mero ornamento, parecia estender-se no espaço público. Suas roupas deveriam ser leves e seu corpo liberto dos espartilhos, esses algozes do passado. Diziam os consultores.

Entretanto, o cuidado de si e os investimentos na construção de um “corpo saudável” poderiam ser aprendidos para além das recomendações dos médicos e dos conselheiros de beleza. Pois, como qualquer outra linguagem, o corpo aprende a se expressar dentro de relações sociais, com a troca de códigos e normas entre amigos e familiares, porque *ter um corpo é uma maneira de se relacionar com o mundo, não uma maneira de estar separado dele por um muro*.²⁴⁵ Mais uma vez, são as memórias de Gilberto Amado que nos conduzem pelas descobertas do cuidado de si, porque foi através da amizade com o poeta Carlos D. Fernandes que este, à época, articulista do Diário e estudante da Faculdade de Direito, aprendeu a valorizar e cuidar de seu corpo. O amigo italiano, mais velho que ele,

²⁴⁴ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 10/07/1927. FUNDAJ.

²⁴⁵ EAGLETON, Terry. Op.cit. p. 225.

costumava trajar em vez de fraque ou cartola um blusão de fazenda leve azul vivíssimo, e em vez de sapatos, usava sandálias em forma de alpercatas e chapéu panamá de abas largas. Ao percorrer a Rua Nova, cumprimentando um e outro, esse tipo despertou sua atenção. Mas, não só a sua, pois, segundo relata, voltavam-se na direção em que ele partia e *uns abanavam a cabeça, como se quisessem dizer: Maluco!* ²⁴⁶ Entretanto, Carlos Fernandes não emerge nas lembranças de Gilberto Amado apenas pela diferença no seu vestuário. Ele surge, colorido pelo tempo, como o companheiro de idas à Casa de Banhos ou às praias em Olinda e como aquele que o ensinou que os cuidados com o intelecto devem estender-se ao corpo:

Quando íamos de noite [à praia em Olinda], demorávamos, mas não além de certa hora, jamais até de madrugada, pois, dormir cedo é dever do atleta e condição de higidez, dos quais não se afastava ele. Não bebia, não fumava. Se me perguntassem qual a nota marcante, que domina nas minhas recordações, da presença de Carlos D. Fernandes nesse período de minha formação em Pernambuco, eu diria – essa que chamarei de naturista, de preocupação de corpo e de cuidado com a saúde. Até aí nenhuma voz me atraía para esse caminho. Meu dever era estudar, aprender, desenvolver o intelecto, enriquecer o espírito. (...) Carlos D. Fernandes punha os deveres relativos ao corpo no plano dos únicos deveres sagrados. Dava, sem pedantismo, sem o estragar, caráter científico ao prazer. Não admitia em sua roda enfermos voluntários. Doente, diante dele, devia deixar de o ser. ²⁴⁷

O corpo masculino vai sendo assim construído, nesse início de século, por outros discursos, de uma forma mais difusa, menos incisiva, porém não menos normativa. No entanto, quando o alvo é o corpo feminino, nos anos vinte, há um discurso ecoando nas revistas, jornais e consultórios da cidade, estimulando a vida das mulheres ao ar livre, menos cobertas e mais fortificadas. E numa época de saias mais curtas e roupas de ginásticas e de banho colados ao corpo, as pernas femininas mereciam atenção especial. A *mulher moderna* deveria está atenta à estética das pernas. Femina trazia em várias de suas matérias que a *mulher moderna preocupa-se extraordinariamente com a elegância de suas pernas, preocupação bem justificada pela moda das saias curtas.* ²⁴⁸ As mulheres não

²⁴⁶ AMADO, Gilberto. Op. cit. p. 300

²⁴⁷ Idem. p. 302.

²⁴⁸ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 14/08/1927. FUNDAJ.

poderiam ter *qualquer perna*, exigia-se que fosse bem modelada, fina no tornozelo, abrindo para cima numa forma gentil de que as estátuas gregas davam o modelo. Além disso, a *elegante moderna tinha de possuir as pernas finas, ágeis e nervosas de Diana a caçadora, ou as pernas fortes bem modeladas da Vênus cerinaica. (...) Ou ainda a plástica perfeitíssima de Vênus Capitolina, que nos mostra as mais deslumbrantes pernas.*

Pernas de fora e roupas mais curtas liam as mulheres. Os homens... Alguns se assustavam. E Mario Sette, no final da década, era um desses espantados com as mudanças do vestuário:

As épocas têm seus extremos: atualmente as mulheres mostram quase tudo. Outrora não mostravam quase nada. Haverá os que prefiram o tempo de agora porque façam escolhas mais acertadas. Outros, no entanto, opinam contra a vulgaridade do reclamo - o artigo desvaloriza-se na amostra.²⁴⁹

Paira uma ambigüidade quando o assunto é o vestuário. Alguns aceitam, outros reagem. Mas, ninguém duvida que seja assunto de mulher: *Que a Moda tem caprichos todo mundo sabe. Moda, dirão os grandes filósofos, teu nome é Mulher!*²⁵⁰ Uma associação corriqueira nesse período. As mulheres para tornarem-se belas nas primeiras décadas do século passado, segundo os consultores de beleza, deveriam além de investir no redesenho do corpo, preocupar-se com o tipo de vestuário e acessórios escolhidos para dar forma e ênfase a sua apresentação pública. Cores e tecidos de vestidos, tamanhos e modelos de sapatos, jóias e acessórios tudo, tudo mesmo, deveria ser minuciosamente estudado, seguido atentamente pelas leitoras. A moda identificaria uma mulher:

- Aonde vás com tanta pressa?
- vou levar esse vestido a minha mulher
- Hom'essa!
- É; vou quase a galopar!
- Mas o que assim te incomoda?

²⁴⁹ SETTE, MARIO. Op. cit. p. 200-203.

²⁵⁰ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 03/04/1927.

- Em casa quero chegar antes que chegue outra moda.²⁵¹

Efemeridade, inconstância, frivolidade características associadas ao fenômeno do vestuário e estendido ao feminino. Ao homem a constância, a seriedade e... os sofrimentos para assegurar esse luxo às mulheres. É essa a história que a imprensa dos anos vinte escolhe e privilegia para narrar, separando homens e mulheres, colocando-os em territórios supostamente opostos. No entanto, Gilda de Mello e Souza e Anne Hollander, duas historiadoras do vestuário, apontam como esse aparente distanciamento masculino do mundo da moda é recente, datando de meados do XIX pra cá.²⁵² Para a primeira, o desinteresse masculino pela vestimenta está associado à perda do excesso de importância desta na competição social.²⁵³ Segundo analisa o século XIX é um divisor de águas na história do vestuário e neste como mais um elemento diferenciador dos gêneros: *a vestimenta acentua o antagonismo entre homens e mulheres, criando no século XIX, duas “formas”, uma para o homem, outra para a mulher, regidas por princípios completamente diversos de evolução e de desenvolvimento.*²⁵⁴ O romantismo substituiu as gravatas fantasiosas pelas gravatas pretas, cobrindo todo o peito da camisa; lentamente as calças, coletes e paletós começaram a combinar entre si de maneira muito discreta, e de meados do século dezenove em diante a roupa não tem mais por objetivo destacar o indivíduo, mas fazer com que ele desapareça na multidão.²⁵⁵

O relato de Gilberto Amado, no início do século vinte, corrobora esta tese de um vestuário masculino discreto e estandardizado. Segundo conta, na Rua Nova, a principal da cidade à época, podia-se fechar os olhos e abri-los, certo de não ser surpreendido por aparência diferente de pessoa, vestida ou movendo-se de maneira especial. Pois, *todos, em suas esferas próprias, incluíam-se, não obstante peculiaridades de caráter, temperamento e categoria social, num sistema conhecido e definido. Até no modo de vestir se pareciam: fraque, cartola, bengala ou mesmo paletó-saco, mas sem exceção, todos segundo a moda e feitos*

²⁵¹ A PILHÉRIA. 17/09/1921. BPE.

²⁵² SOUZA, Gilda de Mello e. *O Espírito das Roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005; HOLLANDER, Anne. *O Sexo e as Roupas: a evolução do traje moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

²⁵³ SOUZA, Gilda de Mello e. Op.cit. 80.

²⁵⁴ Idem. p. 59.

²⁵⁵ Cf. SOUZA, Gilda de Mello. Op. cit. P. 68

consuetudinários. ²⁵⁶ Mas, circunspeção não foi sempre uma característica da roupa masculina. De acordo com a historiadora Anne Hollander, o vestuário masculino foi sempre mais avançado que o feminino e inclinado a indicar o caminho, a fazer o padrão, a fazer as proposições estéticas, às quais a moda feminina respondeu. Enfática ela assegura: *não houve nada de novo com relação às roupas femininas modernas até que a imitação do esquema masculino vigente por parte das mulheres fosse gradualmente realizada neste século.* ²⁵⁷ Para Gilda de Mello e Souza a metamorfose, o interesse mais intenso pelo vestuário acontece também no XIX para as mulheres, com o desenvolvimento industrial e a liberação feminina de uma série de atividades domésticas que até então só se realizavam no âmbito doméstico. Isto porque o centro urbano fornecia com mais facilidade e mais barato o pão, a fazenda, a renda, o vestido feito, o chapéu e a crescente especialização das funções criava uma série de novos empregos, tanto nas fábricas como nos lares, preenchidas pelas mulheres do novo proletariado. Assim, de um momento para o outro, a mulher burguesa viu-se mais ou menos sem ter o que fazer –e seu único objetivo- agora que nas classes médias e altas perdera seu valor econômico, transformando-se em grupo dependente - era casar. Destaca que *à mulher do século XIX restava, portanto, apenas o casamento. Esta única alternativa permitida ao sexo feminino não podia deixar de favorecer o desenvolvimento intenso da arte da sedução* ²⁵⁸. Para essa autora, tendo a moda como único meio lícito de expressão, a mulher atirou-se à descoberta de sua individualidade, *inquieta, a cada momento insatisfeita, refazendo por si o próprio corpo, aumentando exageradamente os quadris, comprimindo a cintura, violentando o movimento natural dos cabelos.* ²⁵⁹

Porém, o que justificaria no século XX, a intensa associação entre moda e mulher? Trabalhando, ocupando espaços antes restritos aos homens, tendo outros objetivos que não exclusivamente o casamento por que ainda pesaria sobre as mulheres o estigma da frivolidade, da preocupação excessiva com o vestuário? Será que esta arte da sedução não foi menos uma escolha e mais uma imposição às mulheres? Ao analisarmos os discursos dos conselheiros de beleza dos anos vinte, a sedução, “o agradar”, emergem menos como propósito feminino e mais

²⁵⁶ AMADO, Gilberto. Op. cit. p. 299.

²⁵⁷ HOLLANDER, Anne. Op. cit. p. 21.

²⁵⁸ SOUZA, Gilda de Mello e. Op. cit. p. 92.

²⁵⁹ Idem. p. 100.

como proposição masculina. Os conselheiros planejam a vida feminina, estabelecem metas alheias a alguns dos interesses femininos que ganhavam força naquele momento. Embora as práticas e interesses das mulheres fossem outros, os discursos sobre o vestuário delas aparecem como atemporais, mais próximos das mulheres do século dezenove.

A escolha do colorido do vestuário, por exemplo, aparece na coluna Mundo Feminino da Revista Mascote como uma habilidade imprescindível a toda aquela que quisesse tornar-se bela:

Graças a um ligeiro estudo dos coloridos do vestuário, pode chegar-se a ser senão bonita, pelo menos agradável. Envolvendo-se em cambiantes favoráveis faz-se ressaltar a cútis ou faz-se atenuá-la. Diminuem-se-lhe os defeitos e faz-se realçá-la, animá-la.²⁶⁰

E mais, de acordo com o texto publicado nesta revista, as mulheres deveriam ficar atentas a *“Theoria de Mr.Chevreur”* sobre os coloridos do vestuário feminino, pois ele que *“fez um estudo tão profundo dos coloridos, adivinhava bem o caráter das mulheres, baseando-se nas cores com que elas compunham os seus vestuários”*. Até os filósofos gregos eram citados e legitimavam esse discurso: *“os homens gostam muito de ver as mulheres vestidas de branco. Segundo Platão, o branco é a cor das deusas”*. As cores claras estão, ainda hoje, no imaginário ocidental, associadas por uma convenção religiosa à pureza, à inocência. Analisando os romances de M. Delly, bem populares entre as décadas de 1930 e 1960 junto a jovens brasileiras, Maria Tereza Cunha destaca que os trajes das jovens heroínas além de vaporosos e diáfanos eram sempre de cor clara: azul, rosa, branco, creme, pérola, lilás. Já as vilãs e as sedutoras exibiam-se sempre em tons fortes, como o vermelho.²⁶¹

Importa destacar que para assombro dos mais resistentes, nos anos vinte algumas mulheres transgrediram não apenas as cores orientadas para a vestimenta, como também alteraram e muito o comprimento de seus vestuários. As saias, cada vez mais curtas, tornaram-se assunto permanente nas revistas da época. Uma peça que inspira lasciva e que foi aderida por mulheres de variadas camadas sociais,

²⁶⁰ MASCOTE. 26/12/ 1924. BPE.

²⁶¹ CUNHA, Maria Tereza Santos. *“Armadilhas da Sedução”*. Os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autentica Editora, 1999.

acenando para a decadência ainda maior da roupa como símbolo de distinção. Conforme Gilles Lipovetsky, a democratização da aparência correspondeu à extensão e depois a generalização do *desejo de moda*, outrora circunscrito às camadas mais privilegiadas. Isso porque a moda, desde meados do século XIX, não só aproximou as maneiras de vestir-se, como difundiu em todas as classes o gosto das novidades.²⁶² A Pilhéria ria da confusão causada pelas roupas, sobretudo as saias, nos anos vinte:

- Uê!... Seu doutô não qué muié parada aqui na Rua Nova;
Mas aquela madaminha tá cá saia tão curta qui só parece gente de
famia!...²⁶³

A moda provoca a mistura dos códigos de distinção. Provoca a partir dos anos vinte a mistura dos gêneros, com a adesão feminina aos trajes masculinos e aos cortes de cabelo *a la garçonne*, que provocaram muitos comentários, como os que atingiram a mademoiselle do primeiro capítulo:

La Garçonne...Realmente
Essa moda não é feia,
Mas somente nas meninas
Ou então na esposa alheia.

Apois veja, minha gente,
Que muié sem cabelera
Não tem que vê pau de mastro
Sem ostentá a bandeira.²⁶⁴

Mas, as preocupações em relação ao corpo feminino iam além das pernas, dos cabelos e do vestuário. E se ocorria uma dessofisticação do vestuário dos anos vinte, com a eliminação dos franzidos e fanfreluches em proveito das formas sóbrias e limpas, isso ocorria como resposta a um novo ideal de esporte, de leveza, de dinamismo. Porque os esportes contribuíram para modificar o vestuário feminino e criar um novo ideal estético de feminilidade.²⁶⁵ No Recife, no Diário de Pernambuco,

²⁶² Cf. LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. 9ª edição. São Paulo Companhia das Letras, 2006. p. 78.

²⁶³ A PILHÉRIA. 14/01/1922.

²⁶⁴ FILHO, Lemos. Op. cit. 168.

²⁶⁵ Sobre a mudança que os esportes criaram no vestuário feminino Gilles Lipovetsky traz significativas considerações. Op. cit. p. 70-79.

Guilherme d'Azevedo, chefe-escoteiro de terra e mar, trazia os preceitos para as roupas e para a educação física das mulheres:

As meninas e moças poderão fazer os exercícios mais simplesmente vestidas. O vestuário deve, em uma palavra, ser tão leve, que não traga obstáculo algum aos movimentos e ao desenvolvimento da caixa torácica.

²⁶⁶

No entanto, ao longo do seu texto, deixa explícitas suas preocupações com o tipo de exercício executado pelas moças. E nesse momento percebemos como a cultura do corpo ensinada a moças e rapazes era recortada por entendimentos sobre os gêneros:

É preciso notar que os exercícios para a mulher (porque a estrutura da mulher é mais fraca e mais delicada do que a do homem) devem ser menos enérgicos e ter menos duração. É contra-indicado todo e qualquer exercício que exija dispêndio muscular intenso e prolongado. Os exercícios em minha opinião, que mais convêm à mulher, são aqueles que aumentam a destreza e a flexibilidade da coluna vertebral, isto é, os movimentos que, sujeitos a lei da cadência e do ritmo se tornam, por assim dizer, a poesia da locomoção. É que da flexibilidade do tronco e da harmonia dos movimentos depende um dos maiores encantos das mulheres: a graça.²⁶⁷

Das mulheres, segundo o trecho, espera-se que elas exercitem-se fisicamente na medida do estritamente necessário para a manutenção da beleza e da saúde. Bem diferente dos homens que devem uma parte de sua identidade social à sua relação com o mundo dos esportes. Nesse sentido, a divisão do esporte em atividades adequadas à condição feminina, como a dança e a ginástica, e aos atributos masculinos como o futebol e o atletismo, promovem diferenças de “natureza” existentes entre homens e mulheres, corroborando com os discursos sociais.²⁶⁸ Ainda é significativo que o colaborador do jornal ressalte a graça da locomoção feminina, pois, num momento em que o corpo das mulheres desfila mais diante do olhar dos homens, nas ruas, lojas e espaços de lazer, é necessário que

²⁶⁶ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 22/10/1927.

²⁶⁷ Idem.

²⁶⁸ Sobre a construção das diferenças e as práticas esportivas nossos argumentos são sustentados na tese de Mônica Raísa Schpun. Op. cit. p. 45.

elas invistam no seu andar, alvo de novas atenções e, portanto, de novas vigilâncias.

Destaca ainda o chefe-escoteiro que é preciso também incutir-se nas meninas o hábito do passeio, sobretudo no campo. Isto porque, segundo ele, *pode ser um admirável exercício repousador do cérebro, porque movimentando as massas musculares dos membros inferiores, determinam um descongestionamento cerebral*. Quais seriam os pensamentos que congestionavam as cabeças femininas naquela década? Trabalho, casamento, dinheiro?! Liberdade sexual?! Provavelmente, eram estes alguns dos temas que o orientador físico não desejaria que ocupassem as suas alunas. Assim, seguindo este trecho, que condiciona os exercícios convenientes às mulheres, podemos pensar, como afirma Carmen Lúcia Soares, que as ginásticas e o esporte são *pedagogias higiênicas*, táticas atualizadas e resignificadas de investimentos no corpo.²⁶⁹ Ou ainda seguir o entendimento de Georges Vigarello sobre estas pedagogias que segundo ele, são *portadoras de preceitos que dão ao corpo uma forma e o esquadrinham para submetê-lo a normas de um modo muito mais seguro que o pensamento*.²⁷⁰

Mas, além de preservá-las do congestionamento cerebral, Guilherme d'Azevedo preocupava-se com as condições de higiene dos salões freqüentados pelas moças, pois, sendo a dança uma categoria de desporto deveria ser higiênica. Admitia o valor fisiológico das danças, mas condenava as danças modernas (danças de salões), à noite, em salas mal arejadas. Para as moças, aconselhava as danças clássicas, *admiráveis variações do salto e da marcha*. Sua orientação provavelmente foi lida de forma muito atenta por alguns pais e mães do Recife, porque era essa a época das *soirées dançantes*, dos charlestons, dança da moda nas festas dos clubes e também, dos pastoris, dos bumbas-meu-boi, etc. Provavelmente alguns pais utilizaram os argumentos do chefe-escoteiro para manter suas filhas bem distantes dos salões e clubes.

Dançar o "charleston" é o ideal de toda essa gente mais ou menos elegante que enche de pernas os nossos salões, afirmava Peregrino Júnior nos anos 1920.²⁷¹ A dança contagiava os moradores e moradoras da cidade. Segundo Sylvia Couceiro, a aceleração dos ritmos da vida cotidiana terminou por gerar um aumento

²⁶⁹ SOARES, Carmen Lúcia. Pedagogias do corpo: Higiene, ginásticas, esporte. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. (Org.) *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006. p. 75.

²⁷⁰ VIGARELLO, Georges. Op. cit. p. 9

²⁷¹ "Método Prático de ensinar o charleston". DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 07/08/1927. FUNDAJ.

progressivo de velocidade nos movimentos corporais, atingindo também as formas de diversão e de lazer.²⁷² As pessoas obviamente dançavam, e muito, antes dos anos 1920, não nos deixam dúvidas às crônicas de Mario Sette:

Dançava-se mais antigamente do que se dança agora? Dizem os mais velhos que sim, recordando-se das freqüentes “partidas” em casa de um e de outro, principalmente nos meses de “festa” e pelo São João. Não se chegava para os bailes que havia. (...) Inegável é, porém, que se dançou bastante antigamente. Não havia aniversário natalício, chegada da Europa ou do Rio, visitas simples mesmo, que não rematassem num volteio. Enrolava-se o tapete da sala, afastavam-se as cadeiras, abria-se o piano e chamava-se uma moça “que sabia tocar”. Daí a pouco os pares estavam rodando numa valsa ou numa polca. E ia-se, assim, até tarde”.

273

Entretanto, embora alguns hábitos e práticas como a dança e os esportes, por exemplo, existissem antes dos anos vinte, será neste momento que eles adquirem um efeito sinérgico, *que os compõem como uma rede interativa de experiências centrais no contexto social e cultural: como a fonte de uma nova identidade e de um novo estilo de vida*.²⁷⁴ Isto porque se democratiza o acesso à música, a proliferação dos bailes e ambientes de danças pagos, como parte da rica e emergente indústria do lazer e da *proliferação epidêmica dos ritmos frenéticos*. Conforme Sevcenko, assim como pululavam os clubes desportivos e de futebol, também vicejaram os “*music-halls*”, os “*salões de dança*”, “*as sociedades dançantes*” e as próprias lojas finas da cidade, para atrair a clientela feminina, tiveram que transformar o seu tradicional “chá das cinco” em um, a partir de então superlotado “chá dançante”.²⁷⁵ E eram nestes ambientes, entre um rodopio e outro, que os corpos tocavam-se e os perigos surgiam, segundo os higienistas. Mas, também os desejos.

²⁷² COUCEIRO, Sylvia. Op. cit. p. 100. Esta tese também é defendida por SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. SP: Companhia das Letras, 2003.

²⁷³ SETTE, Mario. Op. cit. p. 105.

²⁷⁴ SEVCENKO, Nicolau,. Op. cit. p. 33/34.

²⁷⁵ Sobre este tipo de alteração no ritmo do cotidiano, SEVCENKO, N. p. 90.



**Imagem 18. Corpos e desejos rodopiando.
Almanach Ilustrado. 1925. BPE**

Provavelmente entre bebidas, tóxicos e quem sabe um guaraná Fratelli Vita, um poeta deixou registrado nas páginas do Almanach Ilustrado uma visão bastante singular das danças modernas, emergindo principalmente de suas palavras, o corpo da moda, na atmosfera da moda:

Curvilíneo, o teu corpo quando tu estás provocante a dançar, parece, nos seus coleios ofídicos, uma vírgula de renda se retorcendo pelo ar, E dir-se-ia que leve, rodopiando ora pousas no chão, e depois sobes espiralando como uma nuvem de poeira, mas de poeira lasciva cheia de flexibilidade, e que se erguesse toda elástica e impulsiva com ritmos novos e ondeantes, para atordoar o espírito harmonioso do Som. Danças... Em roda, a sala gesticula...Vozes de ébrios e devassos confundem-se numa orgia, e há beijos embriagados que caem das bocas , tontos numa tonta alegria.²⁷⁶

Perigos de doenças, de contaminações físicas e sociais, uma vez que os grupos sociais vão se aproximando nestes clubes, mas, também destes desejos, destas lascivas destacadas pelo poeta. Um corpo feminino exibido, tocado e

²⁷⁶ ALMANACH ILLUSTRADO. Recife, 1925 . p. 85. Os belos versos são assinados por Oswaldo Santiago.

desejado, certamente. Daí a urgência de médicos, treinadores físicos e, intelectuais de uma forma geral, exporem os locais, horários e movimentos apropriados para as mulheres.

Porém, além das recomendações sobre a dança e a ginástica, o texto de Guilherme d'Azevedo ainda insiste que dentre todos os esportes, a Sociedade Higiénica de São Paulo e todos os compêndios de desportos, citam a natação como sendo o que maior harmonia de linhas estéticas e flexibilidade produz no corpo da mulher. Discursos como estes incitaram a construção de um corpo feminino bem diferente do século XIX. Para Georges Vigarello, inicia-se na década de 1920 uma mutação que levou ao que ele chama de “a silhueta flecha de hoje”, enaltecendo um corpo “cipó de pernas intermináveis”, uma imagem flexível, muscular, misturando bem-estar e ventre liso.²⁷⁷

Importa ainda insistirmos nesses discursos sobre a beleza feminina e o (re)modelamento dos corpos, por tratar-se não apenas de um novo ideal estético, de uma aprendizagem da apresentação pública, mas, sobretudo, de uma aposta médica e governamental para o futuro de gerações posteriores:

Felizmente que o instinto não joga a pior na comunhão sexual e continua a ser o imã que muitas vezes condiciona a questão eugênica. A seleção natural triunfa, assim, mercê da libido misteriosa que o inconsciente guarda e é, no homem, o êxtase diante da plástica das mulheres e, nestas a admiração diante da virilidade daqueles. Os atrativos da beleza pessoal, caráter primário de saúde, resguardam em particular o futuro eugênico da espécie.²⁷⁸

A beleza, portanto, não é de forma alguma acessória. Ela é um atributo que, segundo o médico, garantiria a vitória dos ideais eugenistas. Para ele a mulher deveria ser bela e o homem forte. E o corpo masculino perfeito para assegurar a reprodução de uma prole saudável, era delineado por este médico. Segundo descreve, o homem eugênico, além de forte, com uma *musculatura estadeada em altos relevos*, deveria ter *um corpo brônzeado, ocultando os segredos mágicos da posse*.²⁷⁹

²⁷⁷ VIGARELLO, Georges. Op. cit. p. 142

²⁷⁸ OLIVEIRA, Valdemar. O Exame Médico Pré-nupcial. p. 6

²⁷⁹ OLIVEIRA, Valdemar. Op. cit. p. 7

O trecho citado é do médico Valdemar de Oliveira e sua trajetória profissional lhe conferia sem dúvida um lugar bastante respeitável na sociedade do Recife. Doutor pela Faculdade de Medicina da Bahia, assistente da Cadeira de Higiene da Faculdade de Medicina do Recife, Professor de Higiene e de História Natural no Colégio Prytaneo, era certamente alguém em quem se poderia confiar. E sua fala, seu saber, certamente encontrava interlocutores atentos e deste seu lugar de um poder bem específico ele vai contribuir para delinear também o corpo feminino desejável para aquela sociedade. Era um defensor dos ideais eugênicos e do exame médico pré-nupcial²⁸⁰ como a forma mais gloriosa de alcançá-los. Defendia em sua tese a beleza e a força como condições de saúde e equilíbrio vital que garantiriam os desígnios da seleção natural.

Mas, como seria este corpo feminino belo defendido por ele?

(...) E bem é que assim seja: a bela mulher de ancas largas, cores vivas e amplas formas, é a fêmea que, aos desenfreados transportes do cio, acrescente as possibilidades ótimas para a procriação.²⁸¹

Ancas largas? Amplas formas? O modelo de beleza defendido por ele entrava em decadência gradativamente. As *glamourosas* estrelas de cinema e as garotas da publicidade tornavam-se cada vez mais finas, havendo assim, como podemos notar com este trecho, um discurso comum pela beleza feminina, porém critérios definidores desta beleza bem diferentes. Imprensa e médicos incitavam o culto a beleza, mas, ao que parece, não estavam de acordo sobre o que seria esta *beleza moderna*. A mulher bela para os médicos, então, era aquela saudável, de amplas formas e de útero fértil para assegurar a reprodução. O seu corpo precisaria transmitir os anseios e sonhos de uma sociedade de iguais, cruelmente instituída e, minuciosamente planejada por governantes e médicos. Já a silhueta feminina redesenhada por consultores de beleza, artistas e costureiros transmitia uma outra linguagem. Marmóreas, finas e ágeis emitiam poder, lasciva e a ousadia dos que conquistam um espaço público.

²⁸⁰ Neste período acreditava-se que doenças como o alcoolismo, a epilepsia e a lepra, dentre muitas outras, eram transmitidas hereditariamente e através do ato sexual, daí a exigência de atestados médicos antes do casamento.

²⁸¹ Idem. p. 7

Considerações Finais

“Caminante: No hay camino, se hace camino al andar...”.

(Antonio
Machado)

Caminhar e neste caminhar recuar, avançar, surpreender-se e reencontrar-se. Caminhar e perceber que o viajar já significa tanto quanto o ponto de chegada. Sentimos isso durante a construção desta dissertação. Ao longo da viagem da escrita, algumas trilhas foram refeitas e outros caminhos foram surgindo e nos apresentando paisagens inesperadas com gratos personagens e enredos. Analisamos as representações do feminino e do masculino produzidas por jornais e revistas, cinema e publicidade. A consumidora, a emancipada, a melindrosa - a mulher rósea, ágil e esguia - foram algumas das representações projetadas sobre as mulheres dos anos 1920. Produção não apenas local, mas sintonizada com a imagem da mulher que emergiu na França e nos Estados Unidos do pós-guerra. Representações que acentuavam uma outra estética, mas, de modo geral, não outras maneiras de se conceber a feminilidade. Percebemos discursos plenos de ambigüidades projetados sobre o feminino emergente, associando as mulheres no mais das vezes à futilidade, ao consumo, a desordem do mundo ou, paradoxalmente, à maternidade e a proteção da espécie humana. As representações foram focalizadas, mas também as práticas das mulheres, seus vãos para a vida, saltando de aviões, freqüentando cursos comerciais, praias e cinemas, dirigindo automóveis e escrevendo na imprensa. Percorrendo as páginas dos anos vinte, cheias de representações ambíguas do feminino, percebemos o início daquilo denominado por Humberto Eco de orgia de tolerância dos *mass media*, onde um sincretismo de imagens e um absoluto politeísmo da beleza imperam nas décadas posteriores ²⁸². No mais das vezes percebemos a ausência de um modelo unificado tanto para o gênero quanto para o corpo.

Ainda ouvimos os homens falarem de si, de seus medos, de suas lembranças da infância e de como foram se construindo enquanto masculino por uma série de discursos e práticas. Ao narrarem suas histórias, Gilberto Freyre, Valdemar de Oliveira e Gilberto Amado nos possibilitaram desnaturalizar o masculino e entender

²⁸² ECO, Humberto. *História da Beleza*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004. P. 428.

que não apenas as mulheres tiveram suas experiências limitadas por discursos socialmente instituidores de seus lugares no mundo. Os homens também foram fortemente disciplinados para exercerem um poder pretensamente inato e cruelmente marginalizados quando se recusaram a estabelecer relações assimétricas e fora do socialmente tolerado. Os almofadinhas, como vimos, eram não só ridicularizados, mas também temidos, pois através de suas práticas, como a preocupação com o embelezamento, demonstravam que outras vivências da masculinidade eram possíveis.

Significativo também foi percorremos as fronteiras estabelecidas nas páginas dos jornais e descobrirmos, mesmo que fragmentariamente, as experiências de homens e mulheres dos grupos populares, menos prisioneiros das construções de gênero e desafiadores de qualquer discurso universalizante de suas práticas. Não era objeto desta dissertação tecer considerações sobre as representações e relações de gênero nas camadas populares, mas, entendemos ser necessário investigarmos o cotidiano desses homens e mulheres, analisarmos os seus percursos, suas vivências do amor, dos ciúmes e de como entendiam a masculinidade e a feminilidade. Necessário por possibilitar dimensionarmos a força da vida e dos desejos dos sujeitos sociais que pulsam muito além da opacidade das representações.

* * *

O Recife, as mulheres e os homens se reconstruíam nos anos vinte do século passado e a imprensa, com seus artigos e notícias, possibilitou percebermos a criação de outras relações de poder, necessárias num outro quadro de relações sociais que se delineava, com outros ritmos e outras subjetividades. O poder de nomeação do mundo e das pessoas desempenhado por intelectuais, médicos, políticos e consultores de beleza que ocupavam as redações das revistas e jornais da cidade, passava exatamente por essa discussão da redefinição das relações de poder. Pois, essas recomposições provocaram a eclosão de tensões, de conflitos, ao trazerem novos modelos de relação entre homens e mulheres e ao questionarem os modelos, as bases das relações vigentes.

Muitos reagiram às alterações nas relações entre os gêneros, bem como às transformações no traçado da cidade. Alardear um discurso de perda de espaço social e de ameaça feminina foi a estratégia assumida por alguns daqueles

resistentes aos poucos deslocamentos do gênero feminino. Outros, talvez ao perceberem a solidez das redes que começavam a ser tecidas pelas mulheres - o movimento sufragista é um exemplo - assumiram as rédeas dessa reapresentação feminina no espaço urbano. Através do espaço da imprensa que legitimava um pretenso saber, muitos homens e algumas mulheres apontaram como as suas contemporâneas deveriam vestir-se, andar, pensar e até amar.

Portanto, analisando todas essas questões, este trabalho pretendeu entender a interferência da imprensa na construção de uma pretensa feminilidade considerada moderna. O corpo, representado lado a lado com o gênero, apresentou-se em muitos casos como uma linguagem, procurando emitir entendimentos do feminino e do masculino. Um corpo construído como forte, ágil, flexível para responder não apenas aos ideais estéticos da publicidade e do cinema, mas para colaborar na construção de uma nação que se desejava saudável e fértil. Porém, médicos e políticos investiram não apenas em discursos sobre os corpos de homens e mulheres, mas procuraram instituir leis, como a obrigatoriedade do exame médico pré-nupcial, como forma de atingirem seus objetivos. Entendemos que essa história do corpo – nesse trabalho apontamos só alguns fragmentos- deve estar articulada com a história da medicina e com uma história cultural do corpo, analisando e comparando representações, mas, além disso, políticas públicas e práticas médicas. Compreendermos nesse trabalho que as descobertas sobre o corpo e sobre as representações em torno dos corpos de homens e mulheres nos conduzem por valores e práticas algumas vezes desconhecidos, mas, no mais das vezes, por entendimentos tão atuais e presentes no nosso cotidiano que nem imaginávamos construídos socialmente.

É importante acentuar que na elaboração deste trabalho tivemos a sensação de uma cruel permanência sobre o considerado masculino e feminino. Imagens de mulheres emancipadas que fingem não poder abrir um pote para solicitarem a um homem que o faça e o deixarem com a impressão que precisam dele, com a alegação de serem consideradas femininas; mulheres fazendo toda arrumação da geladeira, mas fazendo o marido pensar que foi ele e depois afirmando que ele está no comando e que sabe arrumar tudo; e revistas publicando matérias insistindo em entender (ainda) por que as mulheres estão casando menos, nos levam a pensar como a concepção do feminino como dependente percorre os séculos e negocia com outros papéis desempenhados pelas mulheres. Ocupamos tantos espaços

sociais e políticos, mas ainda não alteramos as representações projetadas sobre nós. E como não bastasse a crueldade de representações decimonônicas divulgadas através da publicidade e da televisão, ainda presenciamos o extremo de vidas perdidas na busca desenfreada para atingir um modelo de beleza imposto ao longo do século XX. Desafios e indicadores da dificuldade de construirmos outras representações, outro mundo, mais igualitário, para homens e mulheres.

Porém, o território da História é privilegiado para começarmos a forjar novas relações sociais. As inquietações com o presente nos lançam ao passado, algumas vezes olhamos para trás buscando respostas. No mais das vezes encontramos muito mais perguntas! Ao esmiuçar o passado percebemos a dispersão, as marcas das vivências e as ambigüidades dos discursos. Nesse sentido, o passado é o material que utilizamos para criar novas experiências entre homens e mulheres. Michel de Certeau nos ensinou como os relatos são importantes na formação de uma dada realidade e, o discurso historiográfico enquanto relato, portanto, tem o poder de criar seu significante, que é o passado ²⁸³. Daí porque devemos estar atentas e atentos as nossas narrativas sobre o passado das mulheres. Elas podem mais distanciar os gêneros que fazê-los dialogar. Presenciamos um assombroso interesse pela vida de nossas antepassadas, mas esta curiosidade deve estar pautada na vontade de transformação social, do contrário, vidas, sentimentos, lutas, cotidiano femininos aparecerão como adendos na historiografia, o pitoresco. Não queremos inverter a Historiografia e fazê-la um território só do feminino ou dele em primeiro plano, desejamos torná-la um espaço dos gêneros, lugar para percebermos como são construídos e como se relacionam. Queremos contribuir para diminuir as distâncias atuais que fazem do lar, do trabalho, do espaço público muitas vezes um campo de batalha dos gêneros.

Portanto, acredito que continuamos a escrever História das Mulheres não só por curiosidade, ou por algumas e alguns acreditarem que irão encontrar a “verdadeira imagem da mulher”, sua “essência real”, mas sim, porque continuamos na contemporaneidade a ter espaços e vivências não compartilhadas igualmente por homens e mulheres. Por mais que estejamos no mundo público, as fronteiras

²⁸³ Cf. CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 2ª ed. RJ: Forense Universitária, 2002.

persistem tão invisíveis, tão sutis, porém tão fortes. Assim, nossas experiências, nossas práticas discursivas devem ser meios para diminuirmos estas fronteiras, os nossos relatos devem estar povoados do relacional, para podermos fabricar o passado e o presente como lugares melhor de se viver, de preferência a dois.

Fontes e Bibliografia

1. INSTITUIÇÕES DE PESQUISA:

Biblioteca Pública Estadual de Pernambuco (BPE)
 Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE)
 Memorial de Justiça do Estado de Pernambuco
 Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
 Laboratório de Ensino e Pesquisa de História (LAPEH)

2. FONTES PRIMÁRIAS

2.1 Revistas

A Pilhéria. 1921-1925.
 O Fogo. 1923.
 Mascote.1924.
 Revista Cinema. 1927.
 Mensário Paramount. 1927.
 A Fogueira.1925.
 Almanach Ilustrado. 1925.

2. 2. Jornais

Jornal do Recife. 1920.
 Diário de Pernambuco. 1920-1929.

2.3. Memórias e Obras Literárias:

AMADO, Gilberto. Minha Formação no Recife. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1955;
 GUERRA, Flávio. Crônicas do Velho Recife. Recife: Edição Dialfrag, 1972;
 LEMOS FILHO. Clã do açúcar (Recife 1911/1934). Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960;
 OLIVEIRA, Valdemar de. Mundo Submerso: memórias. 3ª ed. FCCR: 1985.

SETTE, Mario. Anquinhas e Bernardas. Recife: FUNDARPE, 1987. (1937);

2. 4. Tese Médica:

OLIVEIRA, Waldemar de. O Exame Médico Pré-Nupcial. Recife: Oficinas Graphics da SS. 1928. Tese de concurso à livre-docência de Higiene na Faculdade de Medicina do Recife.

3. LIVROS, ARTIGOS, DISSERTAÇÕES E TESES:

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. Nordestino: Uma invenção do falo-Uma História do Gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003;

_____. A Invenção do Nordeste e outras artes. 2ª ed. Recife: FJN. Ed. Massangana. SP: Cortez, 2001;

_____. Limites do Mando, limites do mundo: a relação entre identidade de Gênero e identidades espaciais no Nordeste do começo do século In: História: Questões & Debates, Curitiba, n.34, Editora da UFPR. 2001;

ALVES, Branca Moreira; **PITANGUY**, Jacqueline. O que é feminismo. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

ALMEIDA, Magdalena. Mario Sette: o retratista da palavra. Recife: Dissertação (mestrado em História), UFPE, 1999.

AZEVEDO, Tales. O Cotidiano e seus ritos: Praia, Namoro e Ciclo da Vida. Recife: Editora Massangana, 2004;

ARAÚJO, EMANUEL. A Arte da Sedução: a sexualidade feminina na colônia. In: História das Mulheres no Brasil. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000;

ARRAIS, Raimundo. Recife, culturas e confrontos: as camadas urbanas na Campanha Salvacionista de 1911. Natal: EDUFRN, 1998;

BANDEIRA, Andréa. “As contribuições Freyrianas para os historiadores”. In “As Beatas de Ibiapina: do mito à narrativa histórica: Uma análise histórica usando a Abordagem de Gênero sobre o papel feminino nas Casas de Caridade do Padre Ibiapina (1860-1883)”. Recife: UFPE, 2003. Dissertação de mestrado em História.

BERGSON, Henri. Matéria e Memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990;

BERNARDES, Maria Elena. “Histórias Reconstruídas: Laura Brandão: invisibilidade feminina na política”. Campinas: UNICAMP, 1995. Dissertação de Mestrado em História.

BICALHO, Maria Fernanda. O Bello Sexo: Imprensa e Identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do XX. In: Costa, Albertina de O. (org.) *Rebeldia e Submissão: Estudos Sobre Condição Feminina*. São Paulo: Vértice, 1989;

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. Feminismo como crítica da modernidade. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991;

BITTONI, DULCÍLIA. Mulher de Papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

CARDOSO, Ciro F. & **VAINFAS**, Ronaldo. Domínios da História. Rio de Janeiro: Campus, 1997;

CASTRO, Ana Lúcia de. (Org) *Corpo, território da cultura*. São Paulo: Annablume, 2005;

CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. 2 ed. Lisboa: Difel: Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHALHOUB, Sidney; **NEVES**, Margarida de Souza; **PEREIRA**, Leonardo Affonso de M. (Orgs.). História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2005;

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais: a condição feminina em Teresina na primeira república*. Teresina: FCMC, 1996.

CALDAS, Maria Aparecida Esteves. [et. al.] Documentos acadêmicos: um padrão de qualidade. Recife: Ed. da UFPE, 2006.

CERTEAU, Michel. A Escrita da História. 2ªed. RJ: Forense Universitária, 2002.

_____. A Invenção do Cotidiano. Vol.1. 10ª ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2004.

CEBALLOS, Rodrigo. “Os “maus costumes” nordestinos: invenção e crise da masculinidade no Recife (1910-1930)”. Universidade de Campinas, 2003. Dissertação de mestrado;

COUCEIRO, Sylvia Costa. Artes de Viver a Cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920. Tese Doutorado em História. Recife: UFPE, 2003;

- CUNHA**, Maria Tereza Santos. *“Armadilhas da Sedução”*. Os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autentica Editora, 1999
- DE LOREZO**, Helena Carvalho; **COSTA**, Wilma Peres da. (Orgs.) *A década de 1920 e as origens do Brasil Moderno*. São Paulo: UNESP, 1997;
- COSTA**, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004;
- D’INCAO**, Maria Ângela. “Mulher e Família Burguesa”. In: DEL PRIORE, Mary. (org.) *História das Mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000;
- DEL PRIORE**, Mary. *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005;
- _____. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Editora Senac, 2000;
- DELEUZE**, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992;
- _____. *Bergsonismo*. São Paulo: Ed. 34, 2004;
- _____; **GUATTARI**, Félix. *Mil Platôs*. Vol. 1. RJ: Editora 34, 1995;
- EAGLETON**, Terry. *Depois da Teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. Tradução de Maria Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005;
- ECO**, Humberto. (Org.) *História da Beleza*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004;
- FELDMAN-BIANCO**, Bela; **LEITE**, Miriam Lifchitz Moreira. (Org.) *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. 3 ed. São Paulo: Papirus, 2004;
- FOUCAULT**, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004;
- _____. *Ditos e Escritos*. Vol. IV. RJ: Forense Universitária, 2003.
- _____. *História da Sexualidade*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005;
- _____. **FOUCAULT**, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005;
- FUNCK**, Suzana Bornéo; **WIDHOLZER**, Nara. (org.) *Gênero em Discursos da Mídia*. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2005.
- FREITAS**, Marcos Cezar. (org.) *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2001;
- FREYRE**, Gilberto. *Sobrados & Mucambos: Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1996;
- _____. *Ordem & Progresso*. São Paulo: Global, 2004;

_____. FREYRE, Gilberto. Tempo de Aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor. (1918-1926). Volumes 1 e 2. São Paulo: Ibrasa, 1979.

GARCIA, Janaina A. B. Mulheres Exemplares: vidas contadas nos anuários das senhoras de 1953. In: Revista Eletrônica História Hoje. Vol.2, nº.5. Novembro-2004;

GIDDENS, Anthony. Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002;

GUATTARI, Félix. “Espaço e poder: a criação de territórios na cidade”. In: Espaço e Debates: Revista de Estudos Regionais e Urbanos. São Paulo: NERU, nº. 16, 1985;

GUIMARÃES, Maria de Fátima. “Percurso no pensamento e na prática dos feminismos. Introdução à abordagem de gênero”. Caderno Gênero & História. Departamento de História - UFPE. Ano I nº.1, setembro de 2002.

HOLLANDER, Anne. O Sexo e as Roupas: a evolução do traje moderno. Rio de Janeiro: Rocco, 1996;

LIPOVETSKY. A Terceira Mulher: permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2000;

_____. O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. 9ª edição. São Paulo Companhia das Letras, 2006;

LOURO, Guacira, Lopes. Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 3 ed. São Paulo: Vozes, 1999;

_____. (Org.) O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000;

MALUF, Marina & **MOTT**, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau.(org.) História da Vida Privada no Brasil. Vol.3. São Paulo: Companhia das Letras.1998;

MARTÍN, Marcia Castillo. Las Convidadas de Papel: mujer, memória y literatura en la España de los años veinte. Madrid: Concejalía de la Mujer del Excmo. Ayuntamiento de Alcalá de Henares, 2001;

_____. “De corzas, climas, vegetales y otras feminidades: Ortega y Gasset y la idea de feminidad em los años veinte”. In: Separata de la Revista de literatura y cultura España Contemporânea. Tomo XVI, nº. 1.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e violências: gênero e mal estar na sociedade contemporânea. In: Masculinidades. São Paulo: Boitempo, 2003;

MORAIS, Vinícius de. Receita de Mulher. In: Nova Antologia Poética. São Paulo:Companhia das Letras, 2003.

NASCIMENTO, Luís. História da Imprensa de Pernambuco. Vol.VIII. Recife: Editora Universitária, 1982.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. Revista Estudos Feministas. Florianópolis. N. 8. 2/2000;

NIETZSCHE, Friedrich. A Gaia Ciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. Façamos a família à nossa imagem: a construção de conceitos de família no Recife Moderno (1920-1930). Tese Doutorado em História. Recife: UFPE, 2002.

_____. Fora da Higiene não há salvação: a disciplinarização do corpo pelo discurso médico no Brasil Republicano. MNEME REVISTA ELETRONICA DE HUMANIDADES. Vol. 7, nº. 16, Jun./ jul. 2005.

_____. Espaços de Eva: a mulher, a honra e a modernidade no Recife dos anos 20 (século XX). Revista Eletrônica História Hoje. Vol. 2, nº. 5. 2004.

OLIVEIRA, Núcia Alexandra Silva de. Corpo, beleza e gênero: rupturas e continuidades na instituição das diferenças entre homens e mulheres. Uma leitura a partir da imprensa (1950 -1980). Tese de Doutorado em História. Florianópolis: UFSC, 2005;

PAZ, OCTAVIO. A outra voz. São Paulo: Editora Siciliano, 1993;

PERROT, Michelle. As mulheres ou o silêncio da História. São Paulo: EDUSC, 2005.

_____. Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994;

_____. A ideologia do amor e a beleza no jogo das relações de gênero. In: Cadernos Pagu. Revista Semestral do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu. N.16. Campinas, 2001;

PIRANDELLO, Luigi. Um, nenhum, cem mil. São Paulo: Cosac & Naify, 2000;

PINTO, Maria Inez Machado Borges. "Cultura de Massas e Representações Femininas na Paulicéia dos anos 20". In: Revista Brasileira de História. v. 19, nº. 38. São Paulo: 1999

PINTO, Estevão. História de uma estrada-de-ferro do Nordeste. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949;

RAGO, Margareth. Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar (1890-1930) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890- 1930). Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1991;

RAMOS, Tânia Regina Oliveira. “Memórias, uma oportunidade poética”. Rio de Janeiro: PUC, 1990. Tese de Doutorado.

REZENDE, Antônio Paulo. (Des) encantos modernos: Histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: Fundarpe, 1999.

_____. A classe operária em Pernambuco: cooptação e resistência. Dissertação Mestrado em História. Campinas: UNICAMP, 1981;

_____. O Recife na Década de Vinte: modernidade e identidade. In: Clio, n. 16. Recife, UFPE, 1996;

_____. Cidade e Modernidade: registros históricos do amor e da solidão no Recife dos anos 1930. Recife, 2006;

ROLNIK, Suely; **GUATTARI**, Félix. Micropolítica: cartografias do desejo. 6ªed. RJ: Petrópolis: Vozes, 2000.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. “Cuidados de si e embelezamento feminino; fragmentos para uma história do corpo no Brasil”. In: SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. (org.) Políticas do Corpo. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1995;

_____. “É Possível realizar uma história do corpo?” In: SOARES, Carmem Lúcia. (org.) Corpo e História. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

_____. “Corpo e embelezamento feminino no Brasil”. In: Revista Iberoamericana, III, 10 (2003).

SANTIAGO, Roberval da Silva. “Cinematógrafo Pernambucano: a jornada da transgressão, do sonho e da sedução”. Recife, Dissertação (Mestrado em História), UFPE, 1995;

SERRES, Michel. Atlas. Lisboa: Instituto Piaget. 1994;

SENA, Tito. “Os estudos de gênero e Michel Foucault”. In: LAGO, Mara Coelho de Souza. GROSSI, Miriam Pillar. (Orgs.) Interdisciplinaridade em diálogos de gênero: teorias, sexualidades, religiões. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. Orfeu extático na metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992;

- SILVA**, Alômia Abrantes da. As escritas femininas e os femininos inscritos: imagens de mulheres na imprensa paraybana dos anos 20. Recife, Dissertação (Mestrado em História), UFPE, 2000;
- SILVA**, Jailson Pereira. “O Encanto da Velocidade: automóveis, aviões e outras maravilhas no Recife dos anos 20”. Recife, Dissertação (Mestrado em História), UFPE, 2002;
- SILVA**, Wilton Carlos Lima da. As Terras Inventadas. São Paulo: UNESP, 2005.
- SIQUEIRA**, Elizabeth Angélica Santos. Et. all. Um discurso feminino possível: pioneiras da imprensa em Pernambuco. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1995.
- SOARES**, Carmen Lúcia. Pedagogias do corpo: Higiene, ginásticas, esporte. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. (Org.) Figuras de Foucault. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006;
- SOIHET**, Raquel. Mulheres Pobres e Violência no Brasil Urbano. In: Del Priore, M. História das Mulheres no Brasil. 3ªed. São Paulo: Contexto, 2000;
- SOUZA BARROS**, Manuel de. A Década de Vinte em Pernambuco. Recife, P. C. R., 1985;
- SOUZA**, Gilda de Mello e. O Espírito das Roupas: a moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 2005;
- SCHPUN**, Mônica Raisa. Beleza em Jogo __ Cultura Física e Comportamento em São Paulo nos anos 20. São Paulo: Editora dos Senac, 1999.
- _____. Códigos Sexuados e Vida Urbana em São Paulo: as práticas esportivas da oligarquia nos anos vinte. In: SCHPUN, Mônica Raisa.(org.) Gênero sem Fronteiras: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero. Florianópolis: Editora das Mulheres, 1997.
- _____. Masculinidades. São Paulo: Boitempo Editorial , 2004;
- SCOTT**, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. A Escrita da História: Novas perspectivas. São Paulo: Unesp.
- _____. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. Recife: S.O.S Corpo, 2000.
- SWAIN**, Tânia Navarro. Feminismo e Representações Sociais: a invenção das mulheres nas revistas “femininas”. História: Questões & Debates, Curitiba: UFPR n. 34, 2001.
- TEIXEIRA**, Flávio W. As cidades enquanto palco da modernidade: o Recife de princípios do Século. Recife, Dissertação (Mestrado em História), UFPE, 1994;

THÉBAUD, Françoise. (dir.) História das Mulheres no Ocidente. Vol. 5. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

VEYNE, Paul. Foucault Revoluciona a História. 4 ed. Brasília. Ed. Universidade de Brasília, 1998.

VIGARELLO, Georges. História da Beleza: o corpo e a arte de se embelezar do Renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006;

WHITE, Haiden. Trópicos do discurso: ensaios sobre crítica da cultura. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

WELZER-LANG. Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: Revistas Estudos Feministas. Ano 9. 02/2001.